

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Memórias do *front*:
Relatos de guerra de veteranos da FEB**

Luciano Bastos Meron

Salvador
2009

Luciano Bastos Meron

**Memórias do *front*:
Relatos de guerra de veteranos da FEB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eugênio Libano Soares

Salvador
2009

M567 Meron, Luciano Bastos
Memórias do front: relatos de guerra de veteranos da FEB / Luciano Bastos
Meron. -- Salvador, 2009.
160 f.
Orientador: Prof. Dr. Carlos Eugênio Líbano Soares
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

1. Guerra Mundial, 1939-1945 - Brasil. 2. Brasil. Força Expedicionária
Brasileira 3. Memória. 4. Brasil – Política e Governo - 1939-1945.
5. Brasil – Exército – História II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 940.5381

Luciano Bastos Meron

**Memórias do *front*:
Relatos de guerra de veteranos da FEB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eugênio Libano Soares

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Eugênio Libano Soares - UFBA
Orientador

Prof. Dr. Antonio Luigi Negro -UFBA
Examinador

Profa. Dra. Marina Helena Chaves Silva - UESB
Examinadora

Soldados

Renato Russo / Marcelo Bonfá

Nossas meninas estão longe daqui
Não temos com quem chorar e nem pra onde ir
Se lembra quando era só brincadeira
Fingir ser soldado a tarde inteira?
Mas agora a coragem que temos no coração
Parece medo da morte mas não era então
Tenho medo de lhe dizer o que eu quero tanto
Tenho medo e eu sei porquê:
Estamos esperando.
Quem é o inimigo?
Quem é você?
Nos defendemos tanto tanto sem saber
Porque lutar.

Nossas meninas estão longe daqui
E de repente eu vi você cair
Não sei armar o que eu senti
Não sei dizer que vi você ali.
Quem vai saber o que você sentiu?
Quem vai saber o que você pensou?
Quem vai dizer agora o que eu não fiz?
Como explicar pra você o que eu quis

Somos soldados
Pedindo esmola
E a gente não queria lutar.

Aos soldados desconhecidos
que jazem no Mausoléu da FEB
no monumento aos veteranos
brasileiros da II Guerra Mundial
no Rio de Janeiro.

Ao meu tio Alberto Bastos

Agradecimentos

Um trabalho com este não começa no dia que se presta a seleção do mestrado e muito menos é realizado sozinho. Muitas pessoas e muitos acontecimentos antecedem o dia da entrega da dissertação. Essas pessoas que contribuíram em maior ou menor escala, como uma orientação, uma fonte ou com um “vai dar tudo certo” merecem ser lembradas!

O trabalho chega ao fim — o que não quer dizer que eu esteja satisfeito com ele, pois sempre penso que poderia ter citado mais uma fonte, explanado melhor um argumento, ter anexado mais um mapa — e um alívio (UFA!), uma grande satisfação toma conta de mim e, aposto, todos aqueles que dividiram esses anos de angústia, dedicação, impaciência, fascínio, aprendizado e prazer comigo.

Como não poderia deixar de ser, emocionadamente, agradeça em primeiro lugar, antes de tudo e de todos, à minha mãe. Minha orientadora, minha financiadora (“mãetrocínio” é melhor que bolsa!), minha companheira, minha motivadora. Nas horas em que todos duvidavam, até mesmo quando eu duvidei que fosse capaz de conseguir, foi ela que acreditou em mim! Obrigado, mãe!

Obrigado também ao meu filho e aos meus irmãos Cláudio e Gustavo pelas conversas, opiniões e atenção!

Ao meu tio Alberto Bastos pelos anos de aulas sobre Montgomery, Rommel, Patton, Kelssering, e todos os grandes generais, exércitos, estratégias, batalhas e campanhas sobre esse fascinante fato histórico que foi a II Guerra Mundial. Obrigado pela ótima biblioteca, sempre a minha disposição, sem prazos, multas ou suspensões!

Obrigado aos meus amigos mais íntimos, André, Fernando, Luis, Marcelo e Acúrsio pela paciência, pelo interesse e pelo incentivo. Obrigado a Luciana, Marcello, Miwky, Daiana e Marquinhos pelo interesse e pelos momentos de descontração que renovaram as minhas forças e contribuíram para seguir adiante!

OBRIGADO ALINE! Pelos livros dos sebos, pelos debates sobre metodologia, pela paciência, por acreditar em mim! Muito obrigado!

Ao meu amigo, meu irmão Carlos Barros! Por poder dividir as angústias e felicidades dessa trajetória! Pelo companheirismo nas pesquisas no Rio de Janeiro. Por acreditar em mim!

Agradeço também a outro tio, Alberto Ikeda, pelo incentivo e pelos livros fundamentais!

Obrigado aos companheiros de mestrado, em especial Izabel e Bruna pela amizade, informações e risadas!

Obrigado ao meu orientador por ter acreditado em meu projeto, pois só quem trabalha com história militar sabe das dificuldades e especificidades dessa área de pesquisa. Obrigado não só pelas orientações, mas pelos papos divertidos e apaixonados sobre a II Guerra Mundial.

Meus agradecimentos vão ainda para o Prof. Muniz Ferreira, que durante a graduação foi meu guia, meu incentivador e no mestrado, sempre que possível, ter sido atencioso com minha pesquisa.

Profª Maria Hilda B. Paraíso é uma pessoal que me deixa sem palavras nessa hora. Uma mãe dentro da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA! Sempre solícita, atenciosa e mesmo “sem saber bulhufas” (como ela fala) sobre guerra me ajudou muito, muito! Não apenas com conhecimento, mas com carinho, atenção! Tenho orgulho de dizer que fui seu aluno!

Ao professor Milton Moura, por ter me apoiado no início do mestrado e pelas ricas e divertidíssimas aulas sobre cultura brasileira.

Às minhas amigas pesquisadoras e companheiras de paixão pela FEB Clarice Helena e Virginia. Muitas dúvidas, muito material dividido e a paixão pelo mesmo tema me aproximaram dessas garotas! Obrigado também a Fábio pelas mesmas razões!

Agradeço ainda aos meus alunos que foram pacientes e tolerantes com minhas falhas no período de conclusão da pesquisa.

Especial agradecimento faço ao Sr. Raul Carlos dos Santos, presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Regional Bahia. Anos de contato, paciência e boa vontade não só nas entrevistas, mas no contato com outros veteranos e pelo grande conhecimento a mim transmitido! Obrigado a todos os veteranos que colaboraram com este trabalho!

Aos oficiais e praças do Arquivo Histórico do Exército do Rio de Janeiro pela colaboração, orientações e préstimo.

Enfim, obrigado a todos que ajudaram na execução deste projeto!

“Nosso século demonstra que a vitória dos ideais de justiça e igualdade é sempre efêmera, mas também que, se conseguirmos manter a liberdade, sempre é possível recomeçar [...] Não há por que desesperar, mesmo nas situações mais desesperadas.”

Leo Valiani, historiador italiano.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar as narrativas de guerra de veteranos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a II Guerra Mundial. A pesquisa foi realizada dentro da abordagem da História Oral, discutindo os processos de formação das diversas memórias existentes dentro do grupo dos veteranos. Contribuiu para a análise dos depoimentos as perspectivas da Nova História Militar, onde os aspectos sociais e culturais passam a se sobrepôr nos estudos sobre as forças armadas e a experiência do serviço militar.

As entrevistas cobriram a trajetória da FEB, desde sua formação, passando pelo treinamento, envio à Europa, “batismo de fogo”, cotidiano no front, situações de combate, retorno ao Brasil e desmobilização, abrangendo o período da declaração de guerra às nações do Eixo, em agosto 1942, até o fim das hostilidades, em maio de 1945. Questões como os aspectos das relações com os civis italianos e com os militares norte-americanos, o medo e as estratégias de enfrentamento e as visões sobre os inimigos tiveram destaque nas interpretações das narrativas.

Palavras Chave: II Guerra Mundial; Força Expedicionária Brasileira; Memória; Narrativas de guerra.

Abstract

This work has for objective to analyze the narratives of war of veterans of Brazilian Expeditionary Force (BEF) during the World War II. The research was carried through inside of the boarding of Verbal History, arguing the processes of formation of the diverse existing memories inside of the group of the veterans. It contributed for the analysis of the depositions the perspectives of New Military History, where the social and cultural aspects pass if to overlap in the studies on the Armed Forces and the experience of the military service.

The interviews had covered the trajectory of the BEF, since its formation, passing for the training, sending to the Europe, “fire baptism”, daily in front, situations of combat, return to Brazil and demobilization, enclosing the period of the declaration of war to the nations of the Axle, in August 1942, until the end of the hostilities, in May of 1945. Questions as the aspects of the relations with the Italian civilians and the North American military, the fear and the strategies of confrontation and the perception on the enemies had prominence in the interpretations of the narratives.

Words Key: World War II; Brazilian Expeditionary Force; Memory; Narratives of war.

Sumário

Introdução	1
I O Brasil vai à guerra: a formação da Divisão de Infantaria Expedicionária	6
1.1 A guerra e seu contexto em meados de 1944	8
1.2 Notícias do <i>front</i> : O contato com a guerra e o preparo da FEB	12
1.3 A caminho do <i>front</i>	33
II “O belo país”: Os soldados brasileiros na Itália	42
2.1 A chegada: Destruição e miséria	43
2.1.2 O convívio com os civis: Os limites entre a ilegalidade, afeto e a sobrevivência	47
2.1.3 <i>Brasiliani liberatori</i>	58
2.2 Os americanos: O <i>american way</i> nos campos de batalha	61
2.2.2 Hierarquia e (des) igualdade	69
III A guerra: narrativas de combate	78
3.1 Sob fogo inimigo	80
3.2 O medo	96
3.3 Eles, os inimigos	108
3.3.2 “Um grupo especial”	119
IV Epilogo: de volta pra casa	125
4.1 O dia seguinte: esquecimento, preconceito, miséria	129
Considerações Finais	135
Referências bibliográficas	137
Fontes	141
Anexos	144

Introdução

Prateleiras cheias de pequenos livros da Renes e os volumosos exemplares da Paris Match ou da Flamboyant. Foi assim que a Segunda Guerra Mundial começou para mim, logo cedo. Na casa de um tio materno, folheava estes livros com grande curiosidade e, ainda garoto, me surpreendi ao ver que o Brasil enviara tropas, como as grande potencias mundiais, para lutar contra “os terríveis nazistas”.

Este fascínio me acompanharia por muitos anos. Durante a graduação em história muitos temas chamaram minha atenção, afinal era por paixão que entrara na academia. Outros livros volumosos iriam se juntar às idéias que os primeiros introduziram e uma vez formado coloquei em prática as pesquisas que me aproximariam de maneira mais direta dos campos de batalha europeus. Descobri que em minha cidade havia uma associação de veteranos. Não poderia perder a oportunidade de pesquisar, através dos depoimentos desses combatentes, uma parte do grande conflito que estava ali “perto” de mim. A aproximação foi lenta e nem sempre os resultados colhidos eram tão satisfatórios assim, mas foi o suficiente para “permanecer em combate”.

Diferente de outras abordagens a História Oral lida com uma particularidade muito grande: as fontes estão vivas! Embora meus colegas que trabalham exclusivamente em arquivos possam afirmar que os mesmos são muito trabalhosos e até caprichosos — o que não tenho dúvidas! — mas os mesmos não podem dizer que se deparam com cachorros ferozes que insistem em se colocar entre você e sua fonte! Ou mesmo argumentar que hoje sua fonte não lhe dará atenção porque esta adoentada ou de mau humor. Claro que há as benesses...uma cervejinha com salgadinhos, risadas e os amigos que muitas vezes surgem durante a pesquisa. O historiador britânico Alistair Thomson já tinha percebido, ao trabalhar com veteranos da Primeira Guerra Mundial, que muitas vezes se cria um vínculo pessoal com os depoentes¹. Contatos durante meses e longas horas de entrevistas compartilhando informações tão íntimas e com frequência dolorosas, transforma estes homens em muito mais que objetos de pesquisa.

¹ THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre História Oral e memórias”. In: ANTONACCI, Maria Antonieta. e PERELMUTTER, Daisy. *Ética e História Oral*. São Paulo: EDUC, Abril/1997, nº 15.

Assim amadureceu a idéia de formular um projeto de mestrado utilizando a História Oral como abordagem e tendo como foco as experiências de guerra de veteranos baianos no último grande confronto mundial. O aprofundamento da pesquisa me fez ver que a existência de trabalhos acadêmicos era bem escassa, embora houvesse uma boa quantidade de fontes disponíveis. As dissertações e teses que surgiam abordavam a Força Expedicionária Brasileira (FEB) de maneira ampla, fazendo grandes panoramas. Posteriormente surgiram algumas pesquisas mais específicas, que se tornariam referências para os novos trabalhos, como as que estudavam as questões político-econômicas que levaram ao envolvimento do Brasil na guerra²; a trajetória da FEB e relação entre memória e guerra³; e o pós-guerra e reintegração social dos veteranos⁴. Mesmo assim são raros os trabalhos sobre a FEB, especialmente os que enfocavam os momentos de combate, como os soldados encaravam as situações de perigo, o medo e as visões sobre o inimigo.

Tentando responder a estas indagações norteiei minha pesquisa. A abordagem que segui nas entrevistas é a que a socióloga Alice Betriz G. Lang chama de *relato oral de vida*, “[...] quando é solicitado ao narrador que aborde, de modo mais especial, determinados aspectos de sua vida, embora dando a ele total liberdade de exposição, mas o entrevistado sabe o interesse do pesquisador e direciona seu relato para determinados tópicos”⁵. Assim não foram feitos questionários que pudessem limitar os depoentes, mas tópicos sobre aspectos da experiência da guerra, onde as perguntas surgissem de acordo com as particularidades das vivências de cada indivíduo. Fundamentais para o entendimento desse tipo de fonte foram os trabalhos de Michel Pollak⁶, que lidou com sobreviventes do Holocausto Judeu; Alessandro Portelli⁷, que pesquisou as vítimas de massacres alemãs na Itália; e o já citado Alistair Thomson. De

² SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil Vai à Guerra: O Processo de Envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003.

³ MAXIMIANO, César Campiani. *Trincheiras da memória: Brasileiros na campanha da Itália – 1944-1945*. USP, 2004 (Tese de Doutorado).

⁴ FERRAZ, César A. *A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2000)*. USP, 2003 (Tese de Doutorado).

⁵ LANG, Alice Beatriz G. “História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta”. In: MEIHY, José Carlos Bom. *[Re]introduzindo a História Oral o Brasil*. São Paulo: Xamã/USP, 1996, pp. 35.

⁶ POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento e silêncio”. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, Vol.2, n.3, 1989.

⁷ PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum”. In: *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002

grande serventia, também, para a prática das entrevistas foi o artigo de Verena Alberti, sobre metodologia de História Oral⁸.

Realizei pouco mais de vinte e uma horas de entrevistas com três membros da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) - Regional Bahia, ao longo dos anos de 2007 e 2008. O espaço grande entre as entrevistas ocorreu devido a compromissos particulares dos depoentes e suas idades avançadas (muitas vezes eles estavam adoentados ou com parentes próximos neste estado). Dois dos entrevistados são baianos e lutaram no mesmo regimento de infantaria, embora que em funções e companhias diferentes. O terceiro entrevistado preferiu não ser identificado (passando a ser tratado no texto como “Cabo X”), devido ao teor de suas declarações, por isso não revelarei sua naturalidade, que levaria ao seu reconhecimento. O número pequeno de entrevistados se deu especialmente pela riqueza de dados apresentados pelos depoentes abordados e tempo exíguo para todo o processo de trabalho com as fontes orais numa pesquisa de mestrado (levantar veteranos dispostos e em condições de serem entrevistados, agendar e realizar as mesmas e transcrever as gravações e analisá-las).

A singularidade dessas fontes se dá, primeiramente, pelo conteúdo, pois nas longas entrevistas foram aprofundados dados pouco trabalhados ou inéditos em outras pesquisas, e, em segundo lugar, pelo fato de que veteranos baianos estarem de fora dos trabalhos referenciais sobre a FEB⁹.

Utilizei ainda um conjunto de entrevistas realizado pelo Exército Brasileiro no projeto “História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (HOESGM)”. O exército realizou entrevistas entre os anos de 2000 e 2001, contemplando veteranos nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Fortaleza e Brasília. Além dos três regimentos que formaram a FEB, foram incluídos expedicionários de todas as unidades, como o Batalhão de Engenharia, Esquadrão de Reconhecimento, Artilharia Divisionária, além do 1º Grupo de Aviação de Caça e membros das forças que patrulhavam o litoral brasileiro durante o conflito.

Este trabalho tem uma importância muito grande para os estudos da FEB, já que, como uma instituição presente em todo território nacional, o exército possui um alcance físico que dificilmente um pesquisador teria. Além disso, a maioria dos veteranos possui fortes vínculos emocionais com a instituição, de forma direta ou através das

⁸ ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da História”. IN: PINSKY, Cala B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

⁹ O historiador Paulo Leite chegou a entrevistar doze expedicionários baianos, disponibilizando parte desse material no site <http://veteranosbaianos.com/>

associações, que participam, muitas vezes, de cerimônias oficiais nas diversas unidades do exército espalhadas pelo Brasil. Mas justamente por causa deste vínculo faço ressalvas a estes depoimentos.

Acredito que muito dos depoentes do projeto HOESGM se sentiram constrangidos em fazer críticas ou determinadas observações relativas às experiências de guerra, pois as entrevistas faziam parte de um programa promovido pela instituição militar. O exército constitui-se hoje a principal esperança de preservação da memória da FEB, pelo menos para as associações de veteranos.

Ainda como fontes foram utilizados livros de memórias produzidos por praças, graduados e oficiais, tanto do Quadro Ativo quanto da Reserva, do exército que participaram da FEB. As primeiras pesquisas sobre a participação brasileira na segunda guerra utilizam em larga escala livros dos oficiais comandantes da unidade expedicionária, talvez pela escassez de obras de praças e graduados — situação que se observa até hoje, mas em menor escala — ou por influência de uma História Militar tradicional¹⁰. Foram preferidas as obras daqueles que compuseram a maior parte da tropa, mas que são menos conhecidas, ou seja, oficiais de baixa patente e praças.

Foram analisados também são os trabalhos dos correspondentes de guerra brasileiros. Enviados à Itália sob a vigilância do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) estes jornalistas cobririam a participação brasileira desde o embarque até o retorno da tropa. Descrições do cotidiano, relações com a população civil, funcionamento das unidades, situações de combate, entre outros, são temas das reportagens, que, após a guerra foram copiladas e reunidas em livros por alguns destes correspondentes.

Em menor escala foram trabalhados alguns documentos levantados no Arquivo Histórico do Exército (AHEx), localizado no Palácio Duque de Caxias (PDC), no Rio de Janeiro. A menor utilização de fontes documentais não se deu pela escassez das mesmas, mas a localização do arquivo em outro Estado e, principalmente, pela mudança de foco da pesquisa. A documentação coletada em 2007 fundamentaria uma abordagem direcionada para a análise das relações entre soldados brasileiros e seus inimigos, mas durante a qualificação novo rumo foi tomado. Assim, poucos documentos levantados no primeiro ano do mestrado tiveram aproveitamento no trabalho atual.

¹⁰ Ao longo da dissertação serão definidos e abordados os conceitos de “História Militar tradicional” e “Nova História Militar”.

Utilizei ainda alguns exemplares do jornal *...E a cobra fumou*, de autoria de soldados do 1º Regimento de Infantaria e produzido durante a Campanha da Itália.

Mas as fontes orais, juntamente com os livros de memória se constituíram em ricas fontes, viabilizando este trabalho final, que ficou composto de três capítulos e um epílogo:

No primeiro capítulo falo, brevemente, do contexto da guerra na Europa, quando do envio da FEB para guerra. Além disso, trato das repercussões do conflito e como as notícias sobre o mesmo circulavam no Brasil e entre os convocados. Ainda neste capítulo abordo o preparo e a viagem para o continente europeu.

No segundo, após tratar das reações surgidas na tropa com a chegada aos campos de batalha, foco as relações desenvolvidas pelos brasileiros com a população italiana e as visões que os praças e oficiais formularam sobre essa. Objetivo também as relações com principais aliados, os norte-americanos, e reações frente a tropas segregadas racialmente, além do choque com as diferenças de organização que o exército dos EUA possuía.

Já no terceiro capítulo tenho como ponto central o combate. Abordo os principais riscos que os combatentes estavam expostos e os ferimentos que sofriam. Trato ainda de um delicado assunto entre veteranos de guerra: o medo. Analiso as estratégias desenvolvidas para lidar com o mesmo e como eram vistos os combatentes considerados covardes. Por último, neste capítulo, analiso as visões construídas sobre o inimigo, em especial o alemão, e abordo um depoimento único de um cabo que fez parte de um grupo que exterminava franco-atiradores alemães.

No epílogo fecho o ciclo da campanha com as narrativas sobre cessação das hostilidades, a viagem de volta a emoção de estar novamente na pátria. Trato ainda, de forma breve, dos problemas na reintegração social, da formação das associações de veteranos e da preocupação em preservar uma memória do grupo.

I

O Brasil vai à guerra: a formação da Divisão de Infantaria Expedicionária

Os fantasmas da Grande Guerra (1914-1918) mal tinham sido exorcizados e um novo conflito mundial despontava com a invasão da Polônia, em 1 de setembro de 1939, pelas forças armadas da Alemanha nazista. Esta *Era da Catástrofe* segundo o historiador Eric Hobsbawm estava em pleno curso¹¹. E os números dessa guerra mundial atingiriam cifras nunca antes vistas e difíceis de mensurar, aliás, como atenta o historiador britânico citado, o “[...] que significa exatidão estatística com ordem de grandeza tão astronômica?” Por exemplo, as baixas soviéticas giram entre 10% a 20% da população total, ou seja, números que beiram entre 20 a 30 milhões de pessoas¹².

Essa guerra de proporções mundiais envolveria não só os políticos e soldados, ou os setores da indústria bélica, mas praticamente todos os segmentos sociais dos principais países envolvidos. Ainda assim, mesmo nos países periféricos à disputa entre Aliados e forças do Eixo, a guerra traria mudanças de grandes proporções, mesmo para a população civil.

Temos, com certeza, que a guerra moderna envolve todos os cidadãos e mobiliza a maioria; é travada com armamentos que exigem um desvio de toda a economia para a sua produção, e são usados em quantidades inimagináveis; produz indizível destruição e domina e transforma absolutamente a vida dos países nela envolvidos.¹³

Assim, este capítulo se propõe, primeiramente, a compor um breve contexto dessa guerra onde o Brasil participaria não só com o fornecimento de matérias primas e apoio político aos Aliados, mas, também, com o envio de um corpo expedicionário à Europa. Busco com isso introduzir o papel da Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações italiano em fins de 1944 e início de 1945, quando do fim dos combates no continente europeu.

¹¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O Breve Século XX-1918-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995

¹² Id. *Ibidem*, pp. 50.

¹³ Id. *Ibidem*, pp. 51.

Em seguida abordarei a guerra no âmbito do grupo de veteranos brasileiros do conflito analisando suas primeiras impressões sobre a guerra e como circulavam as informações sobre a mesma no Brasil do Estado Novo. Tanto a população civil quanto militar dos centros urbanos, especialmente nos estados nordestinos, se viram envolvidas em campanhas de mobilização para o esforço de guerra, seja na vigilância sobre os “súditos do Eixo” ou na arrecadação de donativos e matérias primas, a partir da ruptura de relações com a Alemanha e a Itália e o posterior estado de beligerância contra os mesmos, em agosto de 1942.

O envolvimento direto com a guerra moderna traria mudanças profundas na organização militar brasileira. As diferenças de organização e recursos das Forças Armadas do Brasil em relação aos Estados Unidos da América são perceptíveis no processo de preparação da FEB em solo pátrio, sendo estas, focando o ponto de vistas dos soldados convocados e militares da ativa, objeto de análise também deste capítulo.

Abordarei ainda as impressões sobre a viagem para a Itália. Embora a navegação marítima, na primeira metade do século vinte, constituísse o principal meio de transporte de longa distância no Brasil boa parte da tropa nunca havia realizado uma grande viagem e, muito menos, uma incursão transatlântica. Esta viagem ainda tinha a singularidade de ser realizada sob o estado de guerra, o que significava o risco de ataques por parte de submarinos ou aviação alemã — embora remotos, já que a *Kriegsmarine* (marinha de guerra alemã) e a *Luftwaffe* (força aérea alemã) no segundo semestre de 1944, quando do envio da FEB, já tinham seus poderes muito limitados, para não dizer quase anulados, comoveremos no contexto da guerra logo abaixo.

É importante ressaltar que não é objetivo deste trabalho discutir as causas do envolvimento do Brasil varguista no conflito e sua aliança com os EUA. Obras voltadas especificamente para a análise do quadro das relações internacionais brasileiras no período conseguem explorar esta temática de forma consistente, entre as quais destaco as dos pesquisadores Ricardo Seitenfus, Stanley Hilton, Maria de Lourdes F. Lins e Frank D. McCann¹⁴. Logo, quando abordar as origens do conflito e os motivos que

¹⁴ Para mais detalhes ver: HILTON, Stanley E. *O Brasil e as Grandes Potências - 1930-1939: Aspectos Políticos da Rivalidade Comercial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977; _____. *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil: A Espionagem Alemã e a Contra -Espionagem Aliada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983; LINS, Maria de Lourdes F. *A Força Expedicionária Brasileira: uma tentativa de interpretação*. USP, 1975 (dissertação de mestrado); McCANN, Frank D. *A Força Expedicionária Brasileira na Campanha da Itália, 1944-1945*. In: SILVEIRA, Joel e MITKE, Tassilo. *A Luta dos Pracinhas: A FEB 50 anos depois – Uma Visão Crítica*. Rio de Janeiro: Record, 1983; SEITENFUS. Op.cit.

levaram o Brasil à guerra, focarei as interpretações dos veteranos sobre as notícias que circulavam na época.

1.1 - A guerra e seu contexto em meados de 1944

Ao se pensar nas Forças Armadas no âmbito histórico já temos há alguns anos a possibilidade de extrapolar a “história militar tradicional”, ou seja, o “[...] estudo das batalhas, táticas e principais figuras militares”¹⁵, o que significa dizer que os avanços historiográficos da Nova História passaram a ser utilizados na abordagem dos questionamentos relativos às estas instituições.

A experiência militar é algo singular para a maior parte dos indivíduos, pois instituições como o exército criam laços de sociabilidade próprios entre seus membros, fruto do objetivo dessas organizações — ser um agente de violência controlado pelo Estado — da sua estrutura e funcionamento. São *instituições totais*¹⁶, pois:

[...] compõem-se de pessoas divididas em um numeroso grupo de indivíduos dirigidos e um pequeno grupo de supervisores, como pouca mobilidade social entre eles e modos específicos de lidar uns com os outros. As instituições totais socializam seus membros de maneiras específicas que moldam seu pensamento, auto-imagem e comportamento.¹⁷

Mas os militares não se encontram isolados da sociedade onde vivem, muito pelo contrário. As interações se tornaram particularmente fortes desde generalização do serviço militar obrigatório, entre os séculos XVIII e XIX¹⁸. Com as guerras mundiais teríamos grandes potências industrializadas mobilizando milhões de civis para os quadros das Forças Armadas, que seriam invadidas por novos comportamentos e novas idéias, levando a uma interação muito relevante. Embora o Brasil não tenha uma longa tradição de intervenções externas por meio das suas instituições militares, o mesmo não

¹⁵ CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (orgs.) *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: FGV/Bom Texto, 2004, pp. 12.

¹⁶ GOFFMAN, Erving. *Asylums: essays on the social situations of mental patients and other inmates*. Chicago: Aldine, 1962. *Apud*: MACCANN, Frank. *Soldados da pátria: História do Exército Brasileiro (1889 – 1937)*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, pp. 16-17.

¹⁷ MACCANN. *Op. Cit.* pp.17.

¹⁸ Embora o serviço militar obrigatório já começasse a ser utilizado por alguns países como a Suíça desde o século XVII, ele só viria a se generalizar na virada do século XVIII para o XIX, especialmente a partir da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas. Para mais detalhes sobre a circunscrição militar obrigatória e o significado da experiência militar ver LORIGA, Sabina. *A experiência militar*. In: SCHMITT, Jean-Claude e LEVI, Giovanni (Orgs). *História dos Jovens: A época contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

se pode dizer no âmbito interno. Diversos foram os momentos da história recente do país onde os militares tiveram papel preponderante, demonstrando justa mente que as instituições interagem com a sociedade e em muitos casos de forma violenta.

Quando do envio da FEB à Europa, a Segunda Grande Guerra já estava em meados do seu quinto ano. Embora a Alemanha já encontrasse uma situação irreversível no *front* oriental, contra a URSS, e no ocidental, contra os EUA e seus aliados, e já tivesse tido derrotas significativas, a guerra ainda não apresentava um fim próximo. As forças nazistas ainda teriam condições de impor obstinada e custosa resistência aos seus inimigos — lembrando que EUA, Inglaterra e seus inúmeros aliados lutavam também em duas frentes: no Teatro de Operações europeu e no do Pacífico.

Embora a proposta deste trabalho seja enveredar pelos caminhos da Nova História Militar isso não significa que a historiografia clássica da II Guerra seja dispensável, pelo contrário. Essa ainda é fundamental para a compreensão das campanhas militares, lançando dados factuais importantes mesmo para análises mais voltadas aos aspectos da Nova História. Assim construirei um breve contexto dos principais acontecimentos relevantes para o entendimento da atuação da FEB na Europa, especialmente no TO italiano.

Em fins de junho de 1941, os alemães iniciaram a *Operação Barbarossa*, a invasão da URSS. Quatro mil blindados e mais de três milhões e meio de homens avançariam em três colunas contra os russos. Hitler abria com isso uma segunda frente na Europa Oriental, depois de derrotar e ocupar Polônia, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Holanda e França até meados de 1940. A *Blitzkrieg*, a “guerra-relâmpago”, alemã voltava-se para o tão exigido *Lebensraum*, o “espaço-vital”, por Hitler e seus seguidores, que defendiam a expansão para o leste. Nos anos seguintes o *front* Oriental, como ficaria conhecido, trouxe milhões de homens, veículos e recursos.

O governante alemão esperava uma vitória rápida, mas o que se viu foi uma longa, desgastante e violenta campanha¹⁹. Mas os russos sofriam também e necessitavam do apoio dos aliados, que foi feito em combates aéreos e marítimos em diversos pontos do Atlântico, Mediterrâneo, Mar do Norte, etc. O apoio também era

¹⁹ Falar que um *front* foi mais ou menos violento pode ser muito questionável, mas dentro da literatura sobre a II Guerra Mundial é comum perceber essa diferenciação, pelo menos no Teatro de Operações da Europa. Alemães e russos travariam não só encarniçados combates, mas desrespeitariam diversos tratados de direitos humanos e convenções de guerra, exterminando prisioneiros e populações civis. “[...] Guerra impiedosa, que desconhece feridos e prisioneiros, que responde à insegurança pelo terror e não recua nem diante da tortura nem da profanação de cadáveres”, assim se referiria a Frente Leste o historiador Raymond Cartier. CARTIER, Raymond. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil – Paris Match, 1967, pp. 590, Volume II.

feito com o fornecimento de armas, veículos, suprimentos na casa de milhões de toneladas, que atravessam perigosas rotas pelo Mar do Norte em comboios fustigados pelos submarinos e aviação alemã.

Assim principal frente de combate contra as tropas alemãs se deu pela ação do Exército Vermelho, que desde o início de 1943 invertera o fluxo de combate, fazendo a *Wermacht* recuar. A segunda frente na Europa fora aberta com a *Operação Husky*, em setembro de 1943, ao invadir a Itália. Mas a principal força aliada atacou a Europa em 6 junho de 1944, o “Dia D”, abrindo uma importante penetração nas linhas alemãs na França, formando assim, em conjunto com os soviéticos, um movimento de pinça contra a Alemanha.

A *Overlord*, nome código da invasão da Normandia, envolveria um contingente nunca antes visto numa operação militar durante a II guerra até aquele momento. Seriam mais de 4 mil embarcações envolvidas, sendo que 213 eram grandes navios de guerra, como encouraçados e cruzadores — além de 13 mil aviões de diversos tipos. No desembarque inicial 5 Divisões de infantaria e de blindados inglesas, norte-americanas e canadenses estariam responsáveis pelo assalto às cinco praias escolhidas na Baía do Sena (entre Cherburgo e a desembocadura do Orne, próximo a Caen). Haveria ainda o assalto de três divisões aerotransportadas, duas norte-americanas e uma inglesa, atrás das linhas inimigas, em pontos estratégicos.

Nos dias seguintes à invasão seriam desembarcadas mais divisões, compondo dois Exércitos, o I Exército Americano e o II Exército Britânico. Para compor essas unidades foram deslocadas Divisões que atuavam em outros *fronts*. Algumas unidades do VIII Exército Inglês e do V Exército Americano que formavam as forças aliadas na Itália foram cedidas à *Overlord*.

A invasão da Normandia seria complementada por outra ação ao sul da França, a *Operação Anvil*. A 15 de agosto de 1944, o VII Exército Norte-Americano, apoiado por 9 porta-aviões e mais de 800 embarcações variadas desembarcam forças entre Toulon e Cannes. Mais uma vez unidades experientes foram deslocadas de outras frentes de batalha, incluindo a Itália.

Essencialmente, as forças que dela participam provêm do desmembramento do exército da Itália. A 28 de julho, em plena perseguição, depois da tomada de Livorno, Pisa e Siena, o 6º Corpo norte-americano e o Corpo expedicionário

Francês foram retirados do general Clark e levados ao Sul da Itália para serem desembarcados com destino à costa provençal.²⁰

É neste contexto que devemos entender a participação da FEB no V Exército Norte-Americano, no âmbito estratégico. Os brasileiros viriam cobrir claros deixados pelas unidades que eram deslocadas para as ações na França. O comando americano na Itália já estava realizando improvisos neste *front*, como atesta a composição da *Task Force 45*, unidade formada por soldados treinados em guerra antiaérea. É nesse teatro de operações que os EUA utilizariam sua única unidade de negros, a 92º *Colored*, engajada no *front* — mais detalhes sobre esta divisão serão vistos no capítulo II.

Os avanços dos aliados na Itália continental foram bem mais lentos que o previsto, pois os defensores tinham a disposição um terreno extremamente acidentado, onde linhas fortificadas eram construídas sobre os baluartes naturais. Mas eram os alemães estavam em sérias de dificuldades na Itália. A supremacia aérea dos aliados destruía sistematicamente as linhas de abastecimento. Estradas e ferrovias eram marteladas noite e dia, sendo as operações interrompidas apenas pelo mal tempo. Além disso, a guerrilha, na medida do possível, atacava linhas de comunicação, abastecimento e fustigava as guarnições germânicas.

Em 1943, quando da invasão da Itália, os aliados pretendiam aliviar o *front* russo, desviado os esforços nazistas. Já no ano seguinte objetivo estratégico no *front* italiano era reter o máximo de tropas nazistas possíveis: “A absorção de forças alemãs nessa região iria desfalecer as reservas disponíveis [...]”²¹. Caso fosse conseguida uma boa penetração nas linhas alemãs, especialmente após a queda de Roma (ocorrida em 4 de junho de 1944), os aliados tentariam empurrar o inimigo para o Vale do Pó, onde os alemães comprometeriam mais reservas, numa região mais desfavorável, onde o grande volume de unidades blindadas e motorizadas anglo-americanas fariam grande diferença²².

Com queda da *Linha Gustav*, localizada ao sul dos Apeninos, os alemães recuaram para posições mais ao norte, recompondo sua defesa numa nova área, também de grande altitude, batizando-a de *Linha Gótica*. Os combates na Itália, especialmente a partir da região dos Apeninos, se caracterizaram pelo uso intensivo da infantaria, onde os carros blindados tinham emprego muito limitado — para ver a distribuição das

²⁰ CARTIER. Op. Cit. pp. 622.

²¹ MCNNIS, Edgar. *História da II Guerra Mundial – 1939 -1945*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1958, vol. V, pp. 169.

²² Id. Ibidem.

forças em combate, características do terreno e as localidades citadas ver os mapas nos anexos. Mesmo assim, em muitas ocasiões, as manobras eram feitas em pequenas unidades, com frequência no âmbito de Companhias (menos de 200 homens) e até Pelotões (42 homens).

A FEB seria empregada contra as forças nazistas encasteladas na Linha Gótica, assim como as novas unidades americanas que seriam formadas e transferidas para o front italiano visando cobrir os claros deixados pelas operações *Overlord* e *Anvil*, que aspiraram divisões veteranas. O exército dos EUA chegou a preparar uma unidade de elite, a 10ª Divisão de Montanha, para ser empregada no front italiano, operando ao lado da FEB.

1.2 – Notícias do front: O contato com a guerra e o preparo da FEB

Costuma-se dizer que numa guerra as pessoas manifestam o que tem de pior, que não há limites para a crueldade. *Inter arma silent leges*. “Entre armas as leis silenciam”. Mas o que vemos são extremos, a guerra é o extremo, onde o ser humano é testado em seus limites — físicos, psicológicos, morais, econômicos, políticos, etc. — assim, o que é visto como o máximo de desumanidade é na verdade a própria humanidade levada ao extremo.

Embora a guerra seja vista como ato de barbárie e selvageria ela é um evento onde a cultura se manifesta, ou seja, ela não é apenas a continuidade da política por meio das armas²³, mas uma área de atrito entre dois grupos, com valores e crenças próprias, mas muitas vezes com elementos comuns compartilhados, que se chocam. Portanto, para compreensão desse imaginário bélico, dessa forma de viver e de pensar a guerra, trabalharei com o discurso de veteranos da FEB, pois a linguagem reflete e transmite não só as visões particulares, as vivências individualizadas, mas toda uma carga de experiências coletivas, de memórias compartilhadas.

Interessa-nos neste trabalho os depoimentos que relatam interpretações sobre a guerra — sendo essas interpretações reais ou imaginárias, mas ambas visões construídas por atores sociais que participaram de um acontecimento histórico determinado. Esta seleção de fontes se baseia na idéia de que o trabalho do cientista social é uma

²³ Para o militar prussiano, veterano das guerras napoleônicas, Carl von Clausewitz a guerra era a continuidade da política, mas por outros meios. KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

interpretação da realidade, “trata, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ [...], não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento”²⁴. Não entendo a história como a busca de uma verdade imutável, mas como *verdades*, “[...] a cada geração se revisam interpretações. Afinal, a história trabalha com a mudança no tempo, e pensar que isso não se dê no plano da escrita sobre o passado implicaria negar pressupostos”²⁵.

Desde o início das hostilidades na Europa os países das Américas se mantiveram neutros. Postura adotada pelo Brasil e que garantia a manutenção de importantes relações comerciais com os países beligerantes — havia um grande interesse por parte do governo brasileiro em adquirir máquinas e armamentos e, em contrapartida, da Alemanha em adquirir matérias primas, como algodão e café²⁶.

Mas esta situação mudaria imediatamente após o ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, que traria os EUA para a guerra. Este evocaria a unidade política dos países americanos frente a ameaça estrangeira na III Reunião dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, ocorrida em janeiro de 1942, na qual as nações americanas concordaram em romper relações diplomáticas com os países do Eixo²⁷. A atitude do Brasil daria início a uma sucessão de eventos que o levariam ao conflito na Europa.

Com a decisão de Vargas, haveria uma intensificação das relações políticas e comerciais com Washington, dando origem a parcerias comerciais e especialmente militares, já que o Comando Militar Norte-Americano tinha grande interesse no *saliente nordestino*, pois a proximidade deste com a África possibilitava vôos diretos e ainda o patrulhamento do Atlântico Sul. Teríamos então, em março de 1942, sob forma de um *Lend-Lease*, “[...] os Estados Unidos comprometendo-se a fornecer, de forma escalonada até 1º de janeiro de 1948, ‘armas e munições de guerra’ num total de duzentos milhões de dólares”²⁸, que seriam destinados a modernizar a Marinha e o Exército brasileiros. No mesmo ano, é criada a Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, que organiza um plano de defesa para o Nordeste brasileiro, resultando na

²⁴ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, pp.11-12

²⁵ PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. São Paulo: Autêntica, 2005, 2ª Ed, pp.15-16.

²⁶ SEITENFUS. Op.Cit.

²⁷ Apenas Chile e Argentina se negaram a seguir as resoluções do encontro, mas o primeiro acabaria por mudar sua posição no ano seguinte (janeiro de 1943) embora a Argentina mantivesse importantes relações políticas com a Alemanha, Itália e Japão até as vésperas do fim da guerra na Europa, em maio de 1945.

²⁸ SEITENFUS. Op. Cit, pp. 280.

autorização pelo governo Vargas da presença de tropas norte-americanas em território nordestino, além da utilização de portos e aeroportos pelas mesmas.

A guerra provocaria grandes mobilizações no Brasil, especialmente nos grandes centros urbanos. Ela chegava por meio dos jornais e do rádio, e, especialmente, após o ataque japonês à base militar norte-americano de Pearl Harbor, os acontecimentos do conflito mundial passariam a ser debatidos nos bares e cafés. A *Rádio Sociedade da Bahia*, única existente no Estado, passaria então a irradiar programas ligados a campanha de mobilização do governo inglês, num programa intitulado “A marcha da vitória”²⁹. Os feitos dos pilotos da *Royal Air Force* (RAF), nas batalhas sobre os céus da Inglaterra e da Europa continental, eram contados de forma a enaltecer o esforço de uma das poucas nações do velho continente que se colocavam contra o avanço do Eixo. Este envolvimento das populações urbanas e de maior conscientização do conflito mundial, pode ser observado em outras capitais nordestinas, como atesta a historiadora Clarice Helena S. Lira, que trabalhou com veteranos da FEB em Teresina³⁰

Mesmo com uma população predominante de analfabetos, em diversas cidades baianas surgiram movimentos organizados que acompanhavam o conflito e concentravam apoio aos países que lutavam contra os nazi-fascistas³¹. Segundo João Falcão a Bahia, por estar distante dos mecanismos repressores mais eficientes do Estado Novo, seria palco das primeiras manifestações públicas de apoio a guerra contra a Alemanha e a Itália³².

De Salvador partiu a primeira grande manifestação popular contra o Eixo. No dia 2 de fevereiro, cinco dias depois do rompimento, os jornais locais publicaram com bastante destaque a convocação feita por todas as classes sociais para um comício de solidariedade ao presidente Vargas a ser realizado no dia seguinte, às 20 horas, no Largo da Sé. Estava assinada por representativas figuras da vida baiana [...].

Mais de 30 mil pessoas desfilaram, sob a luz de fogos de bengala, em direção ao Palácio da Aclamação, onde se verificou uma verdadeira consagração ao chefe da nação. De todos os pontos partiam ruidosas

²⁹ SAMPAIO, Consuelo N. *A Bahia na II Guerra Mundial*. Separata, Revista da Academia de Letras da Bahia, n 40, 1996, pp. 137.

³⁰ LIRA, Clarice Helena Santiago. *O Piauí em tempos de Segunda Guerra: Mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB*. UFPI, 2008. (Dissertação de Mestrado)

³¹ A Bahia tinha, no início da década de 1940, 92% de sua população analfabeta e 88% vivendo no campo. SAMPAIO. Op. Cit. pp. 136.

³² O advogado e jornalista João Falcão teve intensa atuação política no período, sendo membro do partido comunista e voluntário da FEB. Segundo ele o governo Vargas temia mobilizações populares, especialmente as espontâneas, além de que certos membros do próprio governo tinham uma postura pro-Eixo, como era o caso do chefe de polícia do Distrito Federal, Filinto Strubing Müller. Sendo assim, muitas manifestações públicas foram reprimidas no Rio de Janeiro e São Paulo. FALCÃO, João. *O Brasil e a 2ª Guerra Mundial: Testemunho e Depoimento de um Soldado Convocado*. Brasília: UNB, 1999.

manifestação. Do Palácio, o interventor Landolfo Alves, o comandante da VI Região Militar, coronel Pinto Aleixo, o prefeito Neves da Rocha, secretários de Estado e altas autoridades assistiram ao grande espetáculo de civismo.³³

A mobilização contra a as nações do Eixo e o movimento a favor dos aliados tornara-se um importante veículo de ação popular, em especial das classes médias, pelo menos no caso das cidades baianas. Os estudantes tornaram-se o meio de ligação dos grupos que se articulavam, pois “[...] possuíam o entusiasmo próprio da juventude e conhecimento suficiente para defender com ardor a causa que desejava fosse defendida”³⁴. Surgem associações civis com o intuito de mobilizar a sociedade baiana em prol dos aliados, contra os fascistas e a favor da democracia — algo que chega a ser irônico, se pensarmos que isso ocorria em pleno Estado Novo, ainda mais que em praticamente todas as manifestações a figura de Vargas era evocada e enaltecida ao lado de líderes como Franklin D. Roosevelt. “A Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina, a Escola Politécnica e o Ginásio da Bahia foram centros irradiadores do movimento pró-aliados [...]”³⁵. Em maio de 1942, seria fundada a *Comissão Central Estudantil pela Defesa Nacional e Pró-Aliados*, na presença das principais autoridades civis e militares do Estado, além dos cônsules da Inglaterra e dos EUA, na Faculdade de Direito. Associações como essa surgiriam nas principais cidades do país, demonstrando que, pelo menos nos centros urbanos e nas classes médias havia um interesse pela guerra e por uma atuação política ativa junto às ações do governo frente ao conflito mundial que crescia.

Como ator de muitas destas mobilizações políticas estava o PCB. Mesmo na clandestinidade o Partido Comunista estava envolvido e ativo junto a estes movimentos, tanto na capital quanto no interior, ajudando a articular as associações que englobavam estudantes, professores, operários, profissionais liberais. “O Comitê Regional [do PCB] havia sido reconstituído e uma ala do partido, destacada para atuar junto ao movimento estudantil”³⁶. Para os setores mais progressistas e até os comunistas, segundo o sociólogo Paulo Ribeiro da Cunha, este foi um momento muito oportuno para “[...] uma oxigenação política para as hostes intelectuais liberais e de esquerda, constituindo o ponto de partida para a criação de frentes antifascistas pelo país [...]”³⁷. O combate ao

³³ Id. Ibidem, pp. 79-81.

³⁴ SAMPAIO. Op. Cit. pp. 138.

³⁵ SAMPAIO. Op. Cit. pp. 139.

³⁶ Id. Ibidem, pp. 139.

³⁷ CUNHA, Paulo Ribeiro da. *Um olhar à esquerda: A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*. Rio de Janeiro: Revan, 2002, pp.185.

nazismo e ao fascismo era uma das principais preocupações do PCB e os militares de esquerda tiveram importante atuação neste sentido, como, por exemplo, Nelson Werneck Sodré, que produziu uma série de artigos neste sentido enquanto colunista do *Diário de Notícias*³⁸.

Algumas cidades do interior baiano seriam atingidas por estes movimentos cívicos. “Embaixadas” de estudantes conclamavam a população a aderir as agremiações, especialmente os estudantes. Comícios pró-aliados eram organizados em cidades como Cachoeira, São Felix, Feira de Santana, Ilhéus e Itabuna.

O auge da comoção popular foi atingido no segundo semestre de 1942, com a intensificação da campanha submarinista alemã e italiana no litoral brasileiro³⁹. Só em agosto deste ano, entre os litorais da Bahia e Sergipe foram afundados 6 navios entre os dias 15 e 19, totalizando 607 vítimas fatais⁴⁰. A ação das marinhas do Eixo visava comprometer a economia dos EUA e espalhar os navios de guerra aliados ao longo de uma extensa área de operação, facilitando as ações militares da Alemanha. Assim, com a ruptura de relações diplomáticas, o Brasil passava a ser um alvo, já que a economia brasileira estava cada vez mais vinculada aos norte-americanos, contribuindo para o esforço de guerra contra o Eixo.

Brados de guerra e passeatas pedindo enérgicas ações do governo eram ouvidos na capital, no recôncavo e em municípios do interior. Os ataques acirraram os ânimos da população: o Clube Alemão, de São Felix, seria fechado e “súditos do Eixo” seriam detidos em Ilhéus, assim como integralistas. Em Salvador até pastores protestantes de origem germânica seriam detidos⁴¹. Ataques às propriedades de imigrantes alemães, italianos e japoneses se tornam comuns e alguns membros dessas comunidades chegam ao ponto de procurarem a força policial para serem detidos, como medida de

³⁸ Sodré serviria como capitão na no recém criado 5º Grupo de Artilharia de Dorso, com sede em Salvador. Para mais detalhes quanto a atuação política de Nelson Werneck Sodré em Salvador ver: Id. *Ibidem*. pp.183-197.

³⁹ Até junho daquele ano haviam sido afundados 11 navios brasileiros, sendo que quase todos em águas norte-americanas ou no mar do Caribe. SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: A história dos afundamentos de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

⁴⁰ Segundo José Goes de Araujo a intensificação das ações norte-americanas contribuiu para que os *U-Boats* agissem com maior liberdade no Atlântico Sul, além de que, por ele “[...] fluíam os mercantes carregados de matérias-primas em direção ao norte, enquanto que outros levavam para a Ásia, tropas e equipamentos”. O principal responsável pelos afundamentos de agosto de 1942 foi o U-507, comandando pelo capitão-de-corveta Harro Schacht, que torpedeou os seguintes navios: *Baependi*, *Araraquara*, *Aníbal Benévolo*, *Itagiba* e o *Arara*. Haveria ainda o afundamento de uma escuna, *Jacira*, que, por acaso e infelicidade, cruzaria a rota do submarino alemão as 2hr da madrugada de 19 de agosto do ano citado. O U-507 seria afundado no dia 13/01/1943, na costa do Piauí, por um avião *Catalina* norte-americano. ARAUJO, José Goes. *Bahia 1942: Um episódio da 2ª Guerra Mundial*. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Ver também SANDER. Op. Cit. pp. 97.

⁴¹ SAMPAIO. Op. Cit. pp. 143.

preservação de sua integridade física⁴². A perseguição e a desconfiança se disseminaram, sendo reforçadas com declarações de autoridades, como o interventor do Estado e o Ministro da Justiça. Estes instavam a população a redobrar a vigilância sobre os elementos suspeitos.

O Governo Federal, segundo a historiadora Marina Helena Chaves Silva — que se debruçou especificamente sobre a situação dos alemães na Bahia deste período — já vinha tomando uma série de medidas legais desde o início do ano de 1942, no intuito de cobrir os prejuízos provocados pelos ataques estrangeiros, responsabilizando Alemanha, Itália e Japão.

[...] os imigrantes oriundos desses países eram obrigados a se dirigir às repartições credenciadas para prestar informações acerca do valor do seu patrimônio, de modo que fosse possível calcular a porcentagem devida.

Com a declaração de guerra aos países do Eixo, o governo federal nomeou interventores para promover a liquidação do Banco Alemão Transatlântico, Banco Germânico da América do Sul e do Banco Francês e Italiano⁶. A medida foi justificada em função da necessidade de: “garantir a segurança nacional contra atividades perigosas de pessoas físicas ou jurídicas estabelecidas no Brasil (...) e reforçar o fundo de indenização dos prejuízos causados ao Brasil pelo torpedeamento de navios brasileiros”⁷, mediante confisco de bens pertencentes aos súditos alemães e italianos.⁴³

O historiador Dennison de Oliveira atenta que a nacionalização dos grupos estrangeiros — uma preocupação do governo Vargas desde o início de Estado Novo — tomaria grande intensidade nesse período e meios arbitrários passariam a serem utilizados explicitamente após a declaração de guerra contra alemães, italianos e japoneses. A vigilância tornara-se uma xenofobia:

[...] Estabeleceu-se o confisco de bens e imóveis das empresas acusadas de colaborar com a “subversão eixista”. Vários empreendimentos industriais foram colocados sob o controle direto do poder público, para os quais se nomearam interventores, em substituição aos seus gerentes anteriores. [...] Para dar conta do volume de detidos acusados de colaborar com as potências do Eixo, o sistema prisional teve de se adaptar, surgindo inclusive autênticos campos de concentração, onde eram encarcerados descendentes de alemães, italianos, japoneses e, muito freqüentemente, ex-integralistas.⁴⁴

A escalada de vigilância e perseguição na Bahia chegaria a um estágio similar, após serem fechados o Clube Alemão e a Casa de Itália, onde funcionavam os consulados

⁴² Id. Ibidem. pp. 145.

⁴³ SILVA, Marina Helena Chaves. *Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial*. UFBA, 2007. (tese de Doutorado)

⁴⁴ OLIVEIRA, Dennison de. *Os soldados alemães de Vargas*. Curitiba: Juruá, 2008, pp. 28.

destes países. Os cidadãos originários destes países, mesmo naturalizados brasileiros, passaram a necessitar de salvo-conduto para se deslocar ou mudar de domicílio. Sampaio atesta que não há dados precisos sobre o número de indiciados e detidos, mas fala que, “[...] no mês de janeiro de 1943, foram ouvidos 110 indiciados, subindo o número de presos para 156, dos quais 141 eram alemães, 10 italianos, 1 japonês, 2 austríacos, 1 húngaro, e 1 alemão naturalizado brasileiro”⁴⁵. Assim como ocorreu em outros estados do Brasil, as populações de italianos, alemães e japoneses seriam deslocadas para áreas onde pudessem ser vigiadas e controladas. “Temia-se que, através de sinais luminosos ou outros, pudessem se comunicar com navios inimigos”⁴⁶. Cidades do interior seriam indicadas pelo governo federal para que essas pessoas fossem vigiadas.

Foi-lhes dado o prazo de 10 dias para a mudança. Poderiam fixar residência nos municípios de Andaraí, Caetité, Maracás, Mucugê ou Seabra. Aqueles que por qualquer razão, se recusassem a viajar, ficariam concentrados na Vila Militar da Força Policial dos Dendezeiros. De imediato, Maracás e Caetité receberam cerca de 100 “eixistas”, que passaram a trabalhar sob regime de vigilância.⁴⁷

Chegou a ser criada uma comissão especial de policiamento para selecionar e garantir o deslocamento desses “súditos do Eixo” que representassem perigo, para os municípios designados. Era a “[...] Comissão Civil Policial de Vigilância do Litoral (C.C.P.V.L). Composta por cinco membros, essa comissão deveria exercer o controle sobre os ‘elementos nocivos à defesa nacional’”⁴⁸, que colaborava com as Forças Armadas.

Embora toda essa perseguição fosse exagerada e na maior parte dos casos infundada, havia o risco de espionagem por parte de indivíduos comprometidos com a causa nazista que residiam no Brasil. A rede de informações nazista era extensa e não se restringia aos países envolvidos diretamente no conflito. Pelo Atlântico Sul circulava grande quantidade de suprimentos, combustível e uma diversidade de matérias primas, assim como tropas de variadas nacionalidades, além de navios de guerra. Informantes dos países do Eixo estavam atentos ao deslocamento dessas embarcações e de qualquer acontecimento importante.

⁴⁵ SAMPAIO. Op. Cit. pp. 147.

⁴⁶ Id. Ibidem.

⁴⁷ SAMPAIO. Op. Cit. pp. 147.

⁴⁸ SILVA. Marina Helena. Op. Cit. pp. 171.

Com a ruptura das relações com o Eixo a ação da polícia e de outros órgãos de vigilância do governo foi iniciada uma ação contra a espionagem em terras brasileiras.

No próprio mês de janeiro foi identificada uma estação de rádio clandestina que transmitia para os alemães informes sobre a movimentação dos portos nacionais. Não foi possível localizar o ponto exato da costa em que estava instalada, mas descobriu-se, através de navios brasileiros, entre eles o próprio *Cairu*, que acabaria por ser abatido, que ela se comunicava com uma estação denominada DLB, situada na Alemanha. No dia 21 de janeiro, chegou a ser interceptada uma transmissão que revelava a reunião de navios que iriam partir em comboio a 10 milhas da ponta de Olinda. Houve uma mobilização do Departamento de Correios e Telégrafos para localizar o transmissor, que acabou sendo malsucedida.⁴⁹

As ações dos espões também se davam através de negócios legais, já estabelecidos no Brasil anos antes da guerra. Os cidadãos alemães e alguns até já naturalizados brasileiros eram cooptados pela ideologia nazista para trabalharem como espões ou ajudarem estes.

A química Bayer, além de ter feito operações financeiras ilícitas, “lesando os cofres públicos do Banco do Brasil, que tinha, por lei, o monopólio de tudo que se referia ao mercado cambial do país”, mantinha um depósito no sexto andar de sua sede no Rio de Janeiro um mimeógrafo empregado na confecção de boletins “contendo notícias de guerra e vasta literatura, que, sob capa científica, era espalhada por toda a América do Sul”.⁵⁰

Assim nos primeiros anos da década de 1940 haveria um contexto de mobilização e comoção popular, nos centros urbanos, quem atingiria diversos segmentos sociais, em especial os estudantes⁵¹. Muitos futuros soldados da FEB entrariam em contato com a guerra neste contexto de ebulição social, onde os acontecimentos dos campos de batalha e política internacional eram debatidos em cafés, bares e até no ambiente doméstico.

Além disso, as mobilizações de civis, de órgãos do governo e dos militares alterariam o cotidiano das pessoas. Temia-se um ataque aéreo ou até mesmo um desembarque. O cabo Raul Carlos do Santos, que, em 1942, estava sendo preparado

⁴⁹ SANDER. Op. Cit. pp. 93.

⁵⁰ SANDER. Op. Cit. pp. 95. Para mais detalhes sobre a ação de espões alemães e da difusão do nazismo no Brasil ver: HILTON, Stanley. *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil-1939-1945: A Espionagem Alemã e a Contra-Espionagem Aliada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

⁵¹ O interessante observar que muitos dos protestos e ações de mobilização ideológica, especialmente de origem popular, contra o nazismo e o fascismo se deram por meio de charges, brincadeiras e matérias em jornais com tons jocosos. Essa abordagem fazia parte dos mecanismos de comunicação culturais brasileiros. As ações publicitárias de guerra, ou seja, ações de violência, ocorriam também, de maneira cômica. Ver SILVA, Marina Helena. Op. Cit. pp 177 – 182.

para engajar em uma das unidades que formariam a FEB, relata os acontecimentos deste período:

Olha, a Bahia aqui, Pernambuco, Aracaju sofreram muito. Nós sofremos muito. [...]Primeiro: nós tínhamos um *blackout* a noite, tudo apagava! Aí começou a faltar tudo! Dizem que aqui, principalmente, que os navios não traziam mais nada. Carne a gente andava, procurava e nada.⁵²

A ação dos submarinos alemães e italianos não afetaria apenas o fornecimento de produtos estratégicos aos aliados, mas comprometeria a própria ligação entre as unidades da federação, a circulação de mercadorias e o abastecimento de alimentos. Um dos produtos que logo escasseou foi o combustível, que passou a ser racionado.

Os futuros soldados da FEB evocam este período como o momento de conscientização da guerra. Os jornais se tornariam um dos principais meios de informação das populações urbanas afetadas pelo conflito mundial:

[...] A guerra vinha batendo, com Hitler. O Adolfo Hitler vinha acabando com o mundo. [...] [Sabíamos] Pelos jornais, rapaz. Os jornais não paravam de falar! A gazeta, [como era] chamada, o *A Tarde, Jornal da Bahia, Diário de Notícias*. Essas coisas assim. [...] [Líamos] Quando a gente tava aqui.⁵³

Mas a desinformação era patente, especialmente devido ao baixo grau de instrução da população brasileira como um todo, no período em questão. “Na sociedade, em Fortaleza, não havia opinião formada em relação à guerra. Falava-se, apenas, que o Brasil tinha declarado guerra ao Eixo, em 1942”⁵⁴. Além disso, alguns oficiais da reserva atribuíram parte desse desconhecimento ao próprio Exército, que, segundo eles, deveria ter feito um melhor preparo psicológico dos convocados⁵⁵.

Fato é que, entre convocados e voluntários que tinham alguma informação sobre os acontecimentos na Europa e no Brasil relativos à guerra, os torpedeamentos perpetrados pelos submarinos do Eixo na costa brasileira são, com frequência, evocados como razões para o envolvimento pessoal e nacional no conflito.

No âmbito das ações militares haveria a culminância da mobilização nacional para formar os quadros que defenderiam a pátria e, num segundo momento, o Corpo Expedicionário. Os acordos com os EUA levariam ao fornecimento de armamentos e

⁵² O cabo Raul Carlos dos Santos serviu na Companhia de Petrechos Pesados (CPP) do 11º Regimento de Infantaria. Entrevista concedida ao autor em 25/09/07.

⁵³ O Sd Abdias de Souza serviu na 1ª Cia do I/11ºRI. HOESGM, Tomo II, pp.186. Entrevista realizada em 22/09/2000

⁵⁴ Soldado da 1ª Cia de Fuzileiros do 11º Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira. HOESGM. Tomo entrevistado em 22 de novembro de 2000.

⁵⁵ ARRUDA, Demócrito C. de. *Depoimento de Oficiais da Reserva*. São Paulo: Ipê, 1949.

treinamento, mas sempre aquém dos desejos dos militares e do governo brasileiro, que temiam não só a ação das forças do Eixo, mas da Argentina⁵⁶. A visita de Roosevelt, em 1943, ao nordeste brasileiro abriria espaço para o envio de tropas brasileiras à Europa e com isso um maior aparelhamento das Forças Armadas brasileiras.

Com o Estado de Guerra os efetivos das Forças Armadas cresceriam, pois aqueles indivíduos que estavam a cumprir o serviço militar obrigatório não seriam mais dispensados, podendo ficar a disposição das unidades militares até o fim da guerra. Além disso, o programa de nacionalização dos cidadãos estrangeiros que viviam no Brasil incluía o serviço militar obrigatório, contribuindo para aumentar os efetivos. Este foi o caso do veterano da artilharia da FEB, Boris Schnaiderman. Nascido na Ucrânia, em 1917, veio para o Brasil em 1925. Como estudava agronomia, para se formar e exercer a profissão deveria prestar serviço militar, o que garantiria a naturalização. Como estava no exército no período da declaração de guerra manteve-se na unidade que servia, no Rio de Janeiro, sendo convocado para FEB às vésperas da guerra⁵⁷.

As convocações se tornariam um ponto de muitas críticas na história da formação a FEB. Segundo os veteranos uma série de erros seria cometida pelo governo e pelo exército na preparação da defesa nacional e na formação dos quadros que comporiam as unidades expedicionárias. Embora as Forças Armadas dispusessem de 30% das verbas do orçamento o Estado Novo não conseguiu desenvolver um programa eficiente de modernização e reequipamento para as mesmas⁵⁸. O exército contava com uma miscelânea de material: canhões de campanha franceses e alemães; artilharia

⁵⁶ Para Stanley Hilton a política de segurança militar do Brasil estava diretamente vinculada às diferenças com a Argentina, englobando, inclusive, a própria FEB. “Foi por causa do fator argentino que os estrategistas brasileiros ficaram preocupados com o efeito da invasão anglo-americana da África do Norte em novembro sobre seu poder de barganha com Washington. Essa campanha eliminou qualquer ameaça militar séria do Eixo ao Nordeste do Brasil, o que fatalmente diminuiria o interesse americano em prosseguir com o programa de rearmamento do Brasil. Como justificar então a ajuda militar dos EUA na escala necessária à defesa simultânea do Sul e do Nordeste? A solução, em fins de 1942, parecia ser ampliar a participação do Brasil na guerra através do envio de tropas além-mar. Vargas aprovou a idéia em janeiro de 1943, tornando a oferta dependente do recebimento do armamento necessário não apenas às unidades destinadas aos campos de batalha no exterior, mas também a número igual de tropas que permaneceriam no Brasil”. Interessante observar que alguns veteranos já tinha chamando a atenção para essa questão relativa a diminuição do poder de barganha política junto a os EUA quando este realizou a *Operação Tocha*, ou seja, a invasão do Norte da África. Ver HILTON. Op. Cit. pp. 409 e ARRUDA, Demócrito C. “Nossa participação na Primeira e Segunda Guerras Mundiais”. In: *Depoimento de officia da reserva sobre a FEB*. São Paulo: Ipê, 1949, pp. 46-47.

⁵⁷ Boris Schnaiderman serviu como sargento na Central de Tiros de uma das unidades de artilharia divisionária da FEB. Parte dos dados citados foram obtidos na conferência realizada em 15 de julho de 2009, no I Seminário de Estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira, promovido pela UFRJ/UEL. Ver também: SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina: Histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliense, 1995, 3ª Ed.

⁵⁸ ARRUDA. Op. Cit. pp.34.

costeira norte-americana; artilharia antiaérea alemã; metralhadoras dinamarquesas e francesas e fuzis alemães⁵⁹ — o que representava um inferno para a logística e a instrução da tropa.

Seriam selecionadas unidades muito distantes umas das outras: os Regimentos foram compostos por Batalhões que estavam espalhados por vários estados, como foi o caso do 11º Regimento de Infantaria, com sede em São João Del Rei, Minas Gerais, que teve soldados advindos de diversas unidades do Nordeste. Isto comprometia o “espírito de corpo” e dificultava o treinamento. Exercícios envolvendo os três regimentos — 6ºRI, 11ºRI e 1ºRI — que compuseram a FEB só seriam realmente realizados praticamente em campo de batalha.

As convocações seriam feitas por jornal e correio. As turmas selecionadas deveriam se apresentar em quartéis determinados, em suas Regiões Militares. Embora houvesse voluntários, tanto do meio civil quanto do meio militar, a maioria absoluta dos soldados, suboficiais e oficiais da FEB foram convocados, algo esperado numa mobilização de guerra⁶⁰. Estes homens, além de jovens (a média era de 20 anos), vinham muitos de cidades do interior e possuíam baixo grau de instrução:

[...] quanto às profissões: a maioria absoluta de lavradores, pequenos sitiantes, agricultores modestos, operários e empregados do comércio. Não foram raros os casos de pequenos sitiantes, pais de famílias, vivendo do próprio esforço, ou do salário jornalheiro, virem a ordem de convocação descer, brutalmente, sobre eles, colocando-os em situação de caridade pública, pois, o soldo de um recruta [...], não daria para o sustento de uma família e até esses nunca chegaria a presença da Legião Brasileira de Assistência [...].⁶¹

Haveria uma predominância de indivíduos com baixo grau de instrução, reflexo da sociedade brasileira da época. Segundo a historiadora Maria de Lourdes Lins numa amostragem de 500 militares da FEB apenas 7% teria instrução superior e 17% formação secundária, concentrados entre oficiais e graduados. A maioria absoluta dos soldados tinha apenas o grau de instrução primário⁶². Podemos perceber melhor este quadro de despreparo ao compararmos essa amostragem com unidades norte-

⁵⁹ Id. *Ibidem*. pp. 36.

⁶⁰ As reformas feitas pelo Marechal Hermes da Fonseca, quando Ministro da Guerra do governo Afonso Pena (1906-1909), instituíram o serviço militar obrigatório em janeiro de 1908. Segundo o Marechal, era necessário racionalizar as Forças Armadas e garantir sua modernização, daí uma série de reformas inspiradas especialmente no Exército Prussiano. MACCANN. *Op. Cit.* pp. 137-145.

⁶¹ ARRUDA. *Op. Cit.* pp. 39.

⁶² A historiadora utilizaria os dados fornecidos pela Associação de Veteranos de São Paulo. LINS, Maria de Lourdes F. *A Força Expedicionária Brasileira: uma tentativa de interpretação*. USP, 1975 (dissertação de mestrado), pp.41.

americanas. Segundo Stephen Ambrose “[...] aproximadamente metade dos convocados tinha diploma de escola secundária; um em dez tinha alguma formação superior”⁶³.

O cabo Raul Carlos dos Santos, natural de Ilhéus-Ba, apresenta características deste perfil. Seu pai trabalhava numa fazenda de cacau e já tinha quatro filhos, quando se mudou para Salvador no momento em que os mais novos era ainda pequenos (os gêmeos Raul Carlos e Carlos Álvaro). Quando de sua convocação, Raul Carlos, já trabalhava para ajudar nas despesas familiares, tendo estudando apenas até os 15 anos. Ele relembra os acontecimentos relativos à sua apresentação na 17ª Circunscrição de Recrutamento:

Fui convocado. Foi eu, meu irmão, Miltinho, Alfrides...[...] todos que foram chamados se apresentaram no Forte de São Pedro. Ele é defronte a Casa da Itália. E o que aconteceu? [...] O bloco que foi chamado, eu me lembro, nessa época, que saia no jornal né? No Jornal A Tarde saia a lista, por exemplo, a turma de 1922, é que tava na idade de 20/21. Ai eu me lembro bem quando chegamos lá num dia de manhã, aquela rapaziada toda, gente! A maioria estudantes e outros, como eu, que não puderam estudar. Mas foi a maioria de gente de certa educação, de certa instrução. Então fizeram uma reunião, vários sargentos, tenentes e disseram: “olhem, nós vamos aproveitar os srs, que nós estamos precisando de militares que façam cursos. Quem quer fazer o curso de cabo?”

Havia uma grande carência de graduados, ou seja, cabos e sargentos, e de especialistas, como motoristas, mecânicos, cozinheiros, etc. Assim, o exército tentou as pressas remediar esta situação com cursos para grandes turmas. Esta situação se agravaria com a formação da FEB. Dentro da organização dos moldes norte-americanos, e da própria guerra moderna, havia a necessidade de grande preparo dos soldados, já que o número de viaturas e unidades especializadas para a FEB cresceria em grande volume e velocidade.

Envolvimentos pessoais, além do contexto histórico, também exerceram influência no alistamento de jovens, especialmente de ascendência estrangeira. O Cabo “X”⁶⁴, que originalmente sentou praça como Artilheiro, e posteriormente foi voluntario para formar a Cia. de Policia Militar da FEB (hoje conhecida como Policia do Exército), tinha amigos e membros que sofriam diretamente com a presença de tropas nazistas.

E ai fui convocado.[...] Eu fui servir no Forte de Copacabana. Artilharia de Costa. Mas eu recebia correspondência de casa com freqüência, principalmente de meu pai. Ele não falava praticamente português e era uma mistura de

⁶³ AMBROSE, Stephen E. *O Dia D – 6 de Junho de 1944: A batalha culminante da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro, 2004, pp.54.

⁶⁴ O Cb. “X” prefere não ser identificado. Entrevista concedida ao autor em 25/04/08.

português com grego (eu infelizmente, fazendo um parêntese, saia das aulas de grego para fazer basquete, quando meu pai era cônsul da Grécia, quando ele me procurava eu já estava no campo de basquete lá do Salesiano). Mas aí eu então, as últimas cartas que ele escreveu, ele se lamentando do sofrimento da Grécia na II Guerra, então, as coisas que eles estavam passando, as privações, os parentes [...].

Já [tinha certo conhecimento do que ocorria fora]. Porque ele [o pai] era cônsul da Grécia. E falava de sofrimento e reunia lá com os gregos de [cidade natal]. E me chocava aquilo. [...]Então, quando houve a convocação para quem quisesse seguir para os expedicionários, formou-se a tropa no Forte de Copacabana, que desse um passo a frente. E eu dei o passo a frente como voluntário. Naturalmente empolgado pela juventude, pelos acontecimentos eu me apresentei como voluntário.⁶⁵

O soldado Vicente Alvos do Nascimento também estaria entre os selecionados para uma unidade que comporia a FEB. Natural de Salvador o soldado Vicente entraria pro serviço militar como um meio de ter sustento, “a bem da xepa⁶⁶” literalmente, já que vinha de família mais humilde, onde sua mãe sozinha provinha o sustento trabalhando “em casa de família”.

Não, não fui convocado. Fui a “bem da xepa” e quando falo isso a turma ri. Eu fui voluntário. Servi em 1940. E aí de 40 em diante não teve mais baixa nem para mim e nem para ninguém! Ia convocando gente daqui e do interior, preparando para ir embora. [...] Os que estavam, os mais antigos ficavam, como eu e muitos outros.⁶⁷

Haveria também aqueles que se apresentaram como voluntários, número bem menor dentro do montante da FEB, mas presente tanto entre civis quanto como entre os próprios militares. Movido pelo nacionalismo e pela comoção da declaração de guerra Oswaldo Matuk se apresentaria:

Eu era civil antes da declaração de guerra contra o Eixo, em agosto de 1942. [...] Eu e meus companheiros, que estávamos observando o trabalho [de uma draga], percebemos que tocavam muitas canções militares ali por perto e, interessados em saber o que estava acontecendo, para lá nos dirigimos. Chegando ao local, um repórter comunicou que o Brasil tinha declarado guerra e, já nessa hora, estavam convocando os brasileiros para se apresentarem, a fim de vingarem os torpedamentos de navios. Aquilo me penetrou na alma porque diversos navios tinham sido afundados, num total de 32. Isso, para quem ama a pátria e dá valor ao patrimônio nacional é o mesmo que uma punhalada no coração. Surge o sentimento de vingança não sei se comovido pelas marchas militares ou pela voz do locutor.

Já tinha feito Tiro de Guerra, justamente para não servir em Corpo de tropa. [...] Ganhava até bem, quase o dobro do que iria ganhar no Exército. Mas

⁶⁵ Id.Ibidem.

⁶⁶ “Xepa” quer dizer comida de quartel e também restos, sobras. Vicente Alves do Nascimento O Sd. Vicente Alves do Nascimento serviu na Cia. de Petrechos do 11º RI como metralhador. Entrevista concedida ao autor em 17/07/08.

⁶⁷ Id.Ibidem. Op. Cit.

estava convicto de que a agressão deveria ser vingada, o sentimento me tocou tanto como a meus amigos que estavam perto, então decidimos: apresentamos ao III/4ºRI [...].⁶⁸

Mas haveria outras situações mais inusitadas na formação da FEB. Como existia uma grande dificuldade em compor os quadros das unidades expedicionárias, o exército se fez de variados artifícios neste intuito. Primeiramente os critérios de saúde nos moldes norte-americanos foram relaxados, já que era difícil para população brasileira com baixo grau de instrução e com grandes índices de doenças como tuberculose, verminose e mesmo sífilis fornecer, 100 mil soldados⁶⁹, como previsto inicialmente, e até mesmo os pouco mais de 25 mil que formaram a FEB. Neste aspecto podemos ver vozes dissonantes entre depoimentos realizados poucos anos após do conflito e outros mais recentemente. Em 1949, um grupo variado de oficiais da reserva produziria um polêmico livro com sérias críticas ao exército e à FEB. Em *Depoimento de Oficiais da Reserva* o então tenente José Alfio Piason declara:

[...] Estudado e organizado um exame consciencioso e completo nos moldes do executado no Exército Americano, médicos civis foram chamados a colaborar, em grande número, e a máquina começou a funcionar. A percentagem dos julgados *incapazes* foi inicialmente, enorme; mas, contornou-se o resultado. . . aconselhado-se exames mais brandos, ou seja, não levando em conta certos pequenos detalhes, como, por exemplo, o estado dos dentes, tanto que “dezenas de militares brasileiros (centenas ou milhares, diríamos nós), inclusive vários oficiais, apresentaram-se com os dentes em precária situação e em condições, portanto, de lhes ameaçar o equilíbrio físico”, logo após a chegada do 1º Escalão à Itália, como se lê às páginas 45 e 46 do livro “A FEB pelo seu comandante” do Marechal J. B. Mascarenhas de Moraes. [...] Praticamente todos os soldados examinados foram julgados capazes, Classe E (perfeita integridade física e psíquica!)⁷⁰

⁶⁸ Oswaldo Matuk foi Sgt. da 2ª Cia do I/11º RI. HOESGM, Tomo III, pp. 256. Entrevista realizada em 23/05/2000.

⁶⁹ Inicialmente seriam formadas 3 divisões de infantaria, compondo um Corpo de Exército brasileiro, daí a literatura se referir, muitas vezes, à FEB como 1ª D.I.E, ou Divisão de Infantaria Expedicionária. Além dos três regimentos de infantaria (1º, 6º e 11º), formavam a FEB: Artilharia Divisionária (composta de 4 grupos de artilharia e mais a Esquadrilha de Ligação e Observação – ELO); o 9º Batalhão de Engenharia; o 1º Esquadrão de Reconhecimento; a 1ª Cia de Transmissões; o 1º Batalhão de Saúde. Completando essas unidades tínhamos a Tropa Especial: Comando do QG e da Tropa Especial; Destacamento de Saúde; Companhia de Manutenção Leve; Companhia do Quartel-General; Companhia de Intendência; Pelotão de Sepultamento; Pelotão de Polícia e Banda de Música. Havia ainda unidades não-divisionárias, ou seja, que não pertenciam aos quadros efetivos de uma divisão, mas que eram necessárias para o funcionamento de um Corpo de Exército, que seria a FEB: Inspetor Geral da FEB; Depósito de Pessoal (reserva para recomposição de quadros); Serviço Postal; Serviço de justiça; Depósito de Intendência; Pagadoria Fixa, Agência do Banco do Brasil. Algumas dessas unidades e órgãos sofreriam modificações ao longo da campanha, de acordo com as necessidades da tropas e das ações, como foi o caso do Plt. De Polícia, que viria a se tornar uma Cia. SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, pp. 51-52.

⁷⁰ Itálicos e aspas do autor. O tenente Piason serviu como Oficial de Informações (S-2) do I/ 6ºRI. PIASON, José A. “Alguns erros fundamentais observados na FEB”. In: ARRUDA, Demócrito C. de. (Org.) *Depoimento de ofícia da reserva sobre a FEB*. São Paulo: Ipê, 1949, pp. 78-79.

Iniciada a mobilização, haveria então seleções médicas e o preparo dos homens. A seleção médica seria uma das grandes falhas da formação da FEB, algo percebido não só pelos oficiais de baixa patente, mas graduados, soldados e até pelo comando. No relatório apresentado pelo então General de Divisão, comandante da FEB, Mascarenhas de Moraes, ao Ministro da Guerra, fazendo um balanço das ações do Brasil no Teatro de Operações da Itália, podemos observar a dificuldade em compor os quadros da unidade expedicionária:

Estabelecidas as condições mínimas a satisfazer para integrar a FEB, as diversas Juntas de Inspeção [...] começaram o seu penoso trabalho, constatando-se desde logo as maiores decepções, pela massa de homens, oficiais e praças, que nem sequer [sic] se classificaram na categorias “Normais”.

No 11ºRI (S. João d’El Rey) apenas três homens: um capitão, um sargento e um soldado conseguiram a classificação “Especial”, isto é a única que permitia integrar a FEB. O mesmo descalabro se assinalava em todas as outras unidades. Tão calamitosa se apresentou a situação que a Diretoria de Saúde recebeu instruções para admitir, também, os homens da categoria “Normal”.

As medidas para o complemento dos efetivos, em face dos aspectos verdadeiramente alarmantes da Seleção Física, foram drásticas, extendendo-se [sic] a todas as Regiões Militares, com resultados compensadores, principalmente pelos elementos oriundos das 3ª e 5ª RM, que enviaram sucessivos continentes selecionados criteriosamente.⁷¹

As regiões militares do Rio Grande do Sul (3ªRM) e a que englobava o Paraná e Santa Catarina (5ªRM) conseguiram ter um aproveitamento satisfatório. As outras apresentaram grandes dificuldades para atingir os padrões estabelecidos. Neste contexto encontramos o depoimento do cabo Raul Carlos:

Ai começou o exército a fazer a escolha. Que foi muito bem feita. Tudo programado, com ajuda do americano. Não só aqui como no RJ, onde fiz novos exames. A turma daqui fez novos exames, para verificar se tava tudo certo. Aquelas papeletas bem feitas. E aqui nós fizemos. Sabe onde é o Campo da Pólvora? Na saída, a direita, tem um posto de saúde...ali tinha o nome de...naquele tempo tinha poucos. Isso em que, 1942? Poucos. Hoje tem bastante. Ali nós fizemos os exames, eu e minha turma.

[...] Chegava lá e já tinha médicos em 12 salas, espalhados. Você chagava lá e também só tinha homem, nenhuma mulher, nem enfermeira. Só enfermeiro, muitos sargentos. Chegava lá, tirava a roupa e saia todo mundo sem roupa e entrava numa sala, aí saia um grupo e outro entrava. Então eles fizeram uma seleção bem feita. Primeiro, se o camarada era forte, se era doente, se tinha perna doente, se tinha dente ruim, se tinha, por exemplo, ai nego fez logo exame de próstata. [...] No fim você queria ver o resultado só passaram os Classe E.⁷²

⁷¹ Força Expedicionária Brasileira - Relatório Secreto. Volume I – 1943-1945. Pp. 17-18. AHEx. 1ª D.I.E. – Relatórios.

⁷² Cabo Raul Carlos dos Santos. Op. Cit.

A imagem de um processo de seleção médica organizado e eficiente ficou nas recordações do cabo, talvez pelo tamanho da mobilização militar, em larga escala, e pela presença de militares norte-americanos que tentavam manter padrões mínimos de qualidade entre os selecionados. Mesmo assim, mais a frente, este veterano admite em seu depoimento que a quantidade de reprovados foi grande:

Muitos [reprovados]! Muitos e muitos! Sabe por quê? Nessa época já tinha vindo de todo interior uma porção! Aí vinha gente doente, vinhas outros fortões, mas a maioria, dizem que no Brasil todo — não foi só aqui, a gente conta nossa história, mas os outros [veteranos] tem [histórias] parecidas [...].⁷³

O exército se valeria de outro artifício no intuito de preencher os claros nas unidades selecionadas para ir à Itália: passaria a transferir soldados com péssimas fichas de serviços de variadas unidades para os regimentos expedicionários. A FEB se tornaria o destino certo de muitos praças classificados como indisciplinados, ainda segundo Piason:

[...] Para os já avançados em instrução que saíam, (instrução, é verdade, à moda da casa), cuidou-se substituir por outros em igual fase de instrução das unidades não expedicionárias. A ordem, baixada assim simplesmente, foi cumprida; mas, nela encontraram as unidades não expedicionárias um ótimo meio para se livrarem de boa parte de seus maus elementos, baseados também na mentalidade de que para eles a guerra era “castigo” merecido!⁷⁴

O tenente Mário Amaral, que serviu no 6º RI faz coro às considerações de seu colega Piason quanto ao aproveitamento de soldados de má conduta para a FEB:

Certa vez em que o Regimento recebia um contingente de perto de 150 homens vindos de diversas Unidades, o oficial encarregado de sua recepção ordenou: — quem estiver no bom comportamento, levante o braço; os braços permaneceram abaixados; nova pergunta; — quem estiver no comportamento regular, levante o braço; ninguém se moveu; — quem estiver no mau comportamento, levante o braço; a só tempo como que movidos por uma satisfação em demonstrar as suas “qualidades”, os braços se ergueram em posição vertical.⁷⁵

Havia uma mentalidade entre muitos militares que o serviço em unidades expedicionárias era um castigo, uma forma de punir soldados de má conduta, o que poderia comprometer o funcionamento eficiente de seus quadros em campanha.

⁷³ Id. Ibidem.

⁷⁴ PIASON. Op. Cit. pp.76.

⁷⁵ O tenente Mário Amaral serviu no 6º RI como oficial de ligação com unidades americanas. AMARAL, Mário. “A instrução da FEB”. In: ARRUDA. (Org.) Op. Cit. pp. 148.

Analisando o caso do Sargento Ayrton Vianna Alves Guimarães podemos observar como esta mentalidade do serviço na guerra como punição ainda existia entre alguns setores militares.

O sargento Ayrton é natural de Olinda, Pernambuco, foi incorporado em 1941, no 14º RI, em Jaboatão dos Guararapes, também neste estado. Sua narrativa começa com a transferência para Fernando de Noronha:

Veio uma ordem para que todos os graduados fossem para Fernando de Noronha, porque existia um “zum-zum-zum” de que o alemão iria atacar o litoral; havia um cuidado permanente do Exército em guarnecer a Ilha de Fernando de Noronha, que se tornou a sentinela avançada do País. Assim, do 14º RI fui transferido para o 30º BC, com sede naquela ilha.

Como era datilógrafo e tinha prática de contaduría, fui trabalhar na tesouraria. Foi implementado no 1º GIA, 1º Grupo Independente de Artilharia, que estava sediado na Ilha, um curso de sargento e eu me apresentei.⁷⁶

As Forças Armadas teria grande preocupação com ações das hostes nazistas no litoral nordestino e transfeririam diversas unidades para variados pontos dessa região brasileira, no intuito de impedir, ou pelo menos dificultar a ação do inimigo. Estes homens passaram a ser conhecidos como “praieiros”⁷⁷. Assim, Fernando de Noronha e tornava um ponto avançado da defesa nacional. Não é incomum encontrar veteranos da FEB que tenha, antes, servido nesta ilha ou em unidades que estavam estacionadas no Nordeste. Com as constantes transferências de homens entre as unidades o sargento Ayrton imaginaria uma possibilidade de conseguir retornar ao seu estado de origem, isso em 1942:

Em dado momento chegou um radiograma pedindo para transferir um cabo com o curso de sargento, que fosse datilógrafo. Quem preenchia aqueles requisitos era eu! Esse telegrama passou por todos os cabos da Unidade, para que fosse colocado o nome de quem desejava ser transferido para o 9º Batalhão de Engenharia, agora aquartelado em Três Rios, entre Minas e Rio: ninguém quis. Quando a mensagem chegou às minhas mãos, eu, pernambucano, com vontade de voltar para minha casa, para minha terra, disse:

– Eu quero! Fica onde?
– Fica em Pernambuco (mas em Pernambuco, ficava a cidade de Entre Rios).
Um engano da peste!

⁷⁶ Sargento Ayrton Vianna Alves Guimarães foi integrante da 2ª Cia do 9º Btl. de Engenharia. HOESGM, Tomo III, pp. 266. Entrevistado em 3 de maio de 2001.

⁷⁷ A mobilização para a guerra formou dois tipos de tropas: a Força Expedicionária enviada à Europa, onde seus membros ficaram conhecidos como “veteranos”; e a unidades que patrulhavam o litoral nordestino, que foram denominados “ex-combatentes”. Estes, por terem ficado no Brasil, passaram a ser vistos como “secundários” sendo até menosprezados pelo exército e, especialmente, pelos veteranos, pois não teriam enfrentado situações reais de combate, ficando no litoral “tomando sol e bebendo água-de-coco”. Para mais detalhes ver as pesquisas da historiadora Virginia Guimarães.

Assinaram, eu assinei também e fizeram a minha transferência para o 9º Batalhão de Engenharia.

Pego minha mala, meus pertences todos, vou-me embora para a estação, feliz de voltar para casa, para Pernambuco, para o seio da minha família.

Perguntei ao chefe da estação, quantos dias se levava para chegar em Pernambuco! Ele olhou e disse: “O senhor não vai para Pernambuco. O senhor está indo para Três Rios, no Rio de Janeiro!”⁷⁸

A transferência errada o colocaria à caminho da guerra. Sua recepção no 9º Btl.de Engenharia seria um exemplo de como muitos comandantes de unidades viam os homens que chegavam oriundos de cessões para complementação dos quadros:

Fui me apresentar ao Comandante do Batalhão e, por ordem dele, ao comandante da Companhia, o Capitão Raul da Cruz Lima Junior.

Ele tinha mais ou menos uns quarenta anos, esguio, de bota, uma “chibatazinha” batendo na bota, muito destemido, de cara trancada, eu me apresentei, dizendo que estava indo para a 2ª Companhia do 9º BE.

- Você só pode ser um mau elemento, não é?
- Como assim, Capitão?
- Você, transferido para ir à guerra, é porque não vale nada. Não presta, não é?⁷⁹

A reação do capitão e de outros oficiais, que viam as transferências dos soldados infratores e com má conduta como punições, possivelmente esteja relacionada à uma antiga visão do serviço militar como castigo e correção, algo destinado aos indivíduos marginalizados socialmente e mesmo criminosos. Peter M. Beattie assim avalia a imagem dos praças das Forças Armadas brasileiras em fins do século XIX e início do XX:

A ascensão do nacionalismo militarista encerrava uma ironia para os soldados brasileiros. Ainda que designados para defender a honra nacional, muitos praças vinham da mal-afamada classe do *desprotegidos*. Os recrutadores, a polícia e os juízes extraíam a maioria dos recrutados das fileiras dos vadios, ex-escravos, órfãos, criminosos, migrantes, trabalhadores sem qualificação e desempregados. A maioria dos voluntários se alistava para escapar da fome, do desabrigo, do desemprego [...].⁸⁰

Se considerarmos que os soldados que serviram na FEB e nas unidades do exército naquele contexto de guerra nasceram em fins da década de 1910 e início da década de 1920 podemos situá-los nesta mentalidade assinalada por Beattie. Mas neste período já estava em curso uma série de reformas que tentavam mudar esta visão

⁷⁸ Sargento Ayrton Vianna Alves Guimarães. Op. Cit. pp.267.

⁷⁹ Id. Ibidem. pp. 268.

⁸⁰ BEATTIE, Peter. M. “Ser homem pobre, livre e honrado: a sodomia e os praças nas Forças Armadas brasileiras (1860-1930)”. In: CASTRO; IZECKSOHN; e KRAAY. Op. Cit. pp.274.

pejorativa da Marinha e do Exército⁸¹. A diminuição do tempo de serviço militar obrigatório, de seis anos para dezoito meses, o fim dos castigos físicos (mudança mais perceptível no Exército que na Marinha) e, principalmente, o sorteio para prestação do serviço militar, que trouxe para os quartéis indivíduos de diversos segmentos sociais. Estas reformas já estavam em curso, em fins do século XIX, em vários países, especialmente na Europa, onde o serviço militar obrigatório passa a ser utilizado pelos Estados para inculcar ideais patrióticos e educar as massas⁸². Vemos no último quartel do século XIX um movimento moralizador das Forças Armadas, que chegaria ao Brasil no início do século XX e ganharia força com as mudanças implementadas durante a I Guerra Mundial. Haveria uma forte campanha propagandista para inculcar na população uma imagem positiva das Forças Armadas, que apelavam para o nacionalismo, o dever cívico e a necessidade de proteger a pátria e até mesmo a própria família através do serviço militar.

A propaganda louvava o serviço militar como um dever varonil e afirmava que, com a conscrição, os quartéis seriam mais como casas de família, onde os jovens seriam orientados por oficiais virtuosos e paternais.

[...]

Nos anos de 1930, quando os militares assumiram papel proeminente na política e lutaram para arrochar o cumprimento das leis do recrutamento obrigatório, os oficiais tornaram-se mais defensivos [de uma melhor imagem das Forças Armadas].⁸³

A formação dos quadros da FEB ainda enfrentaria outra dificuldade: o tráfico de influência. Muitos oficiais da ativa e da reserva se esquivaram do serviço em unidades expedicionárias. Valiam-se de justificativas legais para serem transferidos e quando essas não eram suficientes ou possíveis apelavam para “padrinhos” de alta patente ou políticos.

Sabemos que a centralização burocrática não impediu os casos de suborno, numerosos por sinal, nesses exames de seleção, a ponto de chegar ao absurdo de só terem permanecido nas fileiras os desprotegidos, os humildes e os abnegados, evadindo-se para os cursos de última hora do C.P.O.R. [Centro Preparatório de Oficiais da Reserva], os filhos da chamada classe média, ou de volta à vida civil, através de arranjas incapacidades ou por motivos os mais inconsistentes.⁸⁴

O tenente continua seu protesto contra os convocados que se evadiram, já que a troca dos mesmos acabava por prejudicar a instrução dos praças, o vínculo entre

⁸¹ A Força Aérea Brasileira seria criada em 1941.

⁸² LORIGA, Sabina. “A experiência militar”. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens: A época contemporânea*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, Volume 2.

⁸³ BEATTIE. Op. Cit. pp. 290-291.

⁸⁴ ARRUDA. Op. Cit. pp. 41.

comandantes e comandados nas pequenas unidades e privava a FEB de indivíduos com melhor grau de instrução.

Entre os Oficiais da Reserva, conhecemos os casos daqueles que, filhos de políticos, conseguiam interessar o governo do Estado para serem contratados em qualquer função pública e, nessa qualidade, requisitados e posteriormente desconvidados [sic]; ou, este outro, de um filho de interventor num Estado do Nordeste, conseguindo a desconvidação [sic] por ter se bacharelado e ir assumir a direção das empresas de jornais do pai, conhecido doutrinador do “Estado Forte” brasileiro...

Quanto aos Oficiais da Ativa, corre entre nós a lenda ainda não averiguada, da existência de um dilema nascido no próprio Ministério da Guerra: “escolha, ou a FEB, ou as fronteiras”.

O fato é que as portarias ministeriais, publicadas no “Diário Oficial” e “Diário de Notícias” do Rio, entre junho de 1943 e junho de 1944, de transferências de oficiais para os regimentos expedicionários, substituídas logo depois por outras, tornando sem efeito as primeiras, deram corpo ao rumor, tal número dos que conseguiam esse benefício.⁸⁵

Este tipo de situação era preocupante para a manutenção de um espírito combativo, “do moral” da tropa. Já havia uma grande dificuldade em conscientizar e justificar aos convocados o envio de tropas à Europa, pois o Brasil não tinha tradição de envolvimento em guerras externas ou mesmo uma rivalidade histórica com os alemães. No campo de batalha isto seria um fator a levantar questionamentos: “como convencer soldados a lutarem por uma causa pouco conhecida, a matar e se arriscar?” Isto será melhor abordado no III capítulo. A idéia de tratamento justo entre os combatentes contribuiria para lidar com os desconfortos da mobilização e com a própria idéia de ir para uma guerra. Mas parece que o exército não tinha essa percepção. A mentalidade era que os praças deveriam se submeter a diversas privações e maus tratos como parte de seu preparo para a guerra.

Outro fator que marcou alguns convocados, durante a preparação da FEB, foi a idéia de injustiça nas condições tratamento entre soldados americanos e brasileiros. Alguns instrutores norte-americanos foram enviados para certas unidades no Brasil, com o intuito de adestrar a tropa com o novo material e armamento. No período das convocações e formação da FEB circulavam boatos que os torpedeamentos dos navios brasileiros haviam sido perpetrados por submarinos norte-americanos, com o intuito de forçar a entrada do Brasil na guerra. Assim existia uma animosidade entre muitos contra as tropas norte-americanas. As recordações de Boris Schnaiderman exemplificam isso:

⁸⁵ Id. Ibidem. pp. 41-42.

Um ordenança passou carregando uma travessa coberta com um guardanapo.

- O que é isso, velhinho?
- É para o jantar dos gringos.

Um convocado suspendeu o guardanapo. Apareceram alguns bifés bonitos, suculentos.

- Isto sim é que é pátria, por isso eu daria a vida. Comer um bife desses e depois morrer!
- Vem cá — replicou um outro convocado — venha ver como eles vivem.

Dirigimo-nos num grupo numeroso para o edifício principal [do quartel] e nos esgueiramos até uma das janelas, procurando não chamar a atenção das sentinelas. Espiando para dentro, vimos um quarto aseado, com duas camas boas, cobertas com mosquiteiros. Nada de especial, em suma. Para os convocados, porém, aquilo parecia uma ofensa.

[...]

Alguns procuravam convencer-me de que eu estava errado, outros tratavam-me com ironia complacente. “Vocês foram pedir guerra na Avenida, agora agüentem” — diziam.⁸⁶

Os veteranos atribuem hoje estas visões de crítica e desconfiança em relação aos norte-americanos às intrigas e desinformações espalhadas pelos brasileiros pró-nazistas, chamados de “Quinta-Colunas”⁸⁷. Esses tratamentos diferenciados, exemplificados acima, provocavam revolta. Talvez aí encontremos a razão para o soldado Vicente Alves do Nascimento chamar tanto alemães como norte-americanos de *gringos* em seu depoimento, de forma similar ao exemplo dos companheiros de Schnaiderman. Em outras circunstâncias isso não chamaria a atenção, mas no momento de guerra, onde aliados e inimigos tem que ser claramente diferenciados, é de se provocar estranheza.

Mas essa visão em relação aos americanos, para a maioria da tropa, mudaria completamente no decorrer da campanha, aliás, as relações entre praças e oficiais no exército norte americano passariam a provocar admiração — como será visto no Capítulo II.

Mesmo com todas as adversidades a FEB seria formada e, pelo acordo junto ao governo norte-americano, transportada para o *front* em navios dos EUA, sendo comboiados por belonaves deste país e, também, brasileiras. Esta viagem é outra experiência marcante dentre os veteranos, que merece ser abordada com mais detalhes.

⁸⁶ SCHNAIDERMAN. Op. Cit. pp 10-11.

⁸⁷ “Quinta-Coluna” é uma expressão que surgiu durante a Guerra Civil Espanhola

1.3 – A caminho do front

[...] O nosso embarque foi de madrugada, no Rio; chegamos aos cais do porto quando estava escuro. [...] Todo mundo chegou e entramos em fila por um para embarcar. Quando vi o navio de não sei quantas mil toneladas pensei comigo: “Caramba! Isso é pra valer”. Era um navio enorme o *General Mann* que nos transportou para Nápoles.⁸⁸

Quando chegamos ao cais, noite adentro, dormi por cima do saco “A”, como outros também, bastante casados. O vagão estava todo fechado, não se podia ver nada do lado de fora; acordei com o barulho da água do mar chicoteando o cais e logo veio a ordem para o desembarque do trem. Nunca mais esquecerei o navio *General Mann*, parecia um arranha-céu, tão alto que era. Afinal, também sou mineiro.⁸⁹

Surpresa. Este foi o sentimento de muitos soldados designados para o primeiro escalão da FEB a ser transportado para o *front*. Mesmo com unidades formadas para este fim, ainda havia uma forte descrença em relação à participação brasileira no conflito mundial, tanto entre a população civil quanto entre os próprios militares⁹⁰.

Como o Brasil não dispunha de meios próprios para efetivar o transporte, pelo menos de forma rápida e segura, para os mais de 25 mil homens que compunham sua Divisão Expedicionária, foram cedidos dois grandes navios norte-americanos, o *General Mann* e o *General Meigs*⁹¹. Foram cinco escalões, sendo que os três primeiros enviaram as principais unidades da FEB.

O primeiro escalão partiu do Rio de Janeiro em 2 de julho de 1944, aportando em Nápoles no dia 16 do mesmo mês. O segundo e terceiros escalões saíram juntos, no dia 22 de setembro de 1944, chegando na Itália no dia 6 de outubro deste ano. Os últimos escalões transportaram principalmente o Depósito de Pessoal, chegando o último transporte em 22 de fevereiro de 1945. Haveria um pequeno contingente de oficiais, capelães, funcionários do Banco do Brasil e enfermeiras que viajariam por via aérea para o Teatro de Operações italiano.

O comando havia programando uma série de manobras diversionistas com os três regimentos, no início de julho de 1944, que partiram da Vila Militar do Rio de Janeiro, para localidades próximas, embarcando realmente o 6ºRI e mais algumas

⁸⁸ Daniel Lacerda serviu como sargento auxiliar da Cia. de Petrechos Pesados do III/6º RI. HOESGM, Tomo III, pp. 120. Entrevista concedida em 8 de junho de 2000.

⁸⁹ Vicente Pedroso da Cruz serviu no III/6ºRI. HOESGM, Tomo III, pp. 298. Entrevista concedida em 6 de julho de 2000.

⁹⁰ LINS. Op. Cit. pp. 31.

⁹¹ BRANCO, Manoel Thomaz C. *O Brasil na II grande guerra*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960, pp. 159-160.

unidades que o reforçariam⁹². A idéia era garantir o máximo de segurança em relação à espionagem inimiga. Mas era muito difícil conseguir o completo isolamento da tropa com a população civil, além de disfarçar um deslocamento de mais de 5 mil homens, feito em 72hr, além de que o próprio navio já denunciava a partida de um contingente para o *front*. Além disso, houve grande preocupação em relação ao próprio embarque dos soldados. Simulacros de navios e de pranchas de embarque e foram construídos no Rio de Janeiro a fim de adestrar a tropa e evitar acidentes, conseguindo também, adaptar o soldado à embarcação.

Neste primeiro escalão havia uma grande incerteza quanto ao destino. Especulava-se deslocamentos para estados do Nordeste e muitos soldados chegavam a cogitar a África, para novos treinamentos.

Fiquei assistindo a nossa partida, mas não sabia o destino, ninguém sabia para onde navegávamos, comentávamos que a gente iria para a Bahia receber mais instruções, era o que mais se falava:

— Nós vamos para a Bahia e de lá sairemos.

E eu assuntava:

— Mas como, se tem tanto lugar aqui no Rio, não precisa ir à Bahia para receber mais instrução!

O comentário era esse, mas fomos embora e fiquei olhando o Cristo Redentor até ele desaparecer; o navio se afastando e a imagem sumindo; foi a última visão do Brasil, o Cristo de braços abertos. Viajamos sem saber para onde e sem poder mandar correspondência, nem nada.⁹³

Nos escalões posteriores, mesmo já sendo conhecido o destino da FEB, as medidas de segurança continuariam a serem tomadas, especialmente após as ameaças de ataque aéreo da *Luftwaffe* ao navio transporte *General Mann* e ao porto de Nápoles, quando da chegada dos brasileiros⁹⁴.

Mas além da surpresa haveria outras reações da tropa que partia para a guerra. Havia certa tensão no ar, os preparativos em algumas unidades denunciavam o embarque iminente. O tenente Ítalo Diogo Tavares que serviu no 6ºRI relata sua despedida de familiares e alguns acontecimentos em seu quartel no seu diário:

⁹² MORAES, João B. Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947, pp. 35.

⁹³ Vicente Gratagliano serviu no I/6ºRI. HOESGM, Tomo III, pp. 283. Entrevista realizada em 12 de setembro de 2000.

⁹⁴ BRAYNER, Floriano de L. *A Verdade Sobre a FEB: Memórias de um Chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, pp. 103-104.

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1944

Estamos hoje de prontidão as 17hr. A informação que nos foi prestada era que iríamos passar 15 dias no campo, tendo instrução no âmbito do RI, porém nós tínhamos a impressão que seria o embarque para os campos de batalha. O meu capitão deu-me três horas para ir em casa e me despedir de minha família.

Encontrei em casa somente minha mãe e Marcília [irmã]. Foi difícil abordar o assunto que me levava a casa. Já sabia que minha mãe não resistiria à minha partida. [...]

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1944

[...]

O momento da partida não me sairá jamais da lembrança. Aquela azafama de lacrar portas, de queimar papéis que iríamos deixar e limpar o alojamento todo, isto nos deixava um pouco tristes. Porém, sentia-me contente em embarcar o meu Brasil.⁹⁵

O contentamento nacionalista engasgava na possibilidade de não ver mais os entes queridos. Aliás, para a maior parte dos praças e graduados não haveria essa chance de se despedir da família, já que estavam muito distantes de suas cidades natais, alojados no Rio a espera do embarque. O sargento Ayrton Vianna A. Guimarães ainda conseguiria despedir-se de uma tia:

[...]

Meu pai, minha mães, minha família não sabia nada do que estava se passando comigo.

Um soldado me disse:

— Vá na grade do cais do porto!

Era proibido, ninguém podia se afastar de jeito algum. Os soldados que não iam embarcar estavam de baioneta, de metralhadora, para ninguém fugir, para ninguém correr, estávamos encurralados.

— Ali na grade há uma senhora dizendo que é sua tia e quer falar com você!

Fui. Era realmente uma irmã de meu pai, tia Alzira; ela morava em Pernambuco, mas foi ao Rio e fez tudo para se avistar comigo.⁹⁶

A sensação de encurralamento, de impotência frente ao navio que levaria ao desconhecido, ao perigo, à guerra, pode ser encontrada em outros depoimentos. Na narrativa do sgt. Schnaiderman há uma seqüência de ações tensas e melancólicas, até chegar ao embarque:

⁹⁵ TAVARES, Eduardo Diogo (Org.). *Nós vimos a cobra fumar: Diário de um jovem tenente brasileiro na Itália durante a II Guerra Mundial*. Salvador: P&A Editora, 2005, pp

⁹⁶ Sargento Ayrton Vianna Alves Guimarães. Op. Cit. pp.269.

Chegamos à estação. Um trem de carga nos espera. Tendo havido, dia antes, exercícios preliminares, cada um sabe o lugar que deve ocupar. Vamos entrando nos vagões à escuras e sentamo-nos sobre o Saco A.

O trem põe-se em movimento. Pelas janelinhas do vagão, percebem-se luzes das casas, lá em cima. O tenente Raposo vem com umas bravatas, misturadas com palavrões, tentando uma familiaridade difícil. “Quem tem cu, tem medo” — comenta-se em resposta às bravatas do tenente. Mas seria realmente medo? Lembro-me apenas de umas sensações vagas e de um esforço para aceitar tudo maquinalmente.

O trem chega ao cais, isolado pela Polícia Militar. Para bem em frente ao navio: a primeira coisa que vemos ao sair do vagão. Parece um monstro pré-histórico. O cinzento do casco se confunde com quase com o negror da noite. As chaminés parecem chifres empinados, os canhões da proa lembram presas pontiagudas.

[...]

O monstro que estava à espreita no cais engoliu numa noite 5075 homens.⁹⁷

A idéia do soldado como “engrenagem”, como algo alienado e impotente aparece em vários momentos das recordações do sargento. As pilherias do tenente não alcançam a tropa, que segue como gado, mesmo tensa, mesmo assustada. Navio e noite confundem-se num terror só e o clímax é atingido quando o monstro-navio engole a todos — os embarques levavam de dois a três dias, mesmo assim era algo surpreendente, devido a capacidade de transporte do navio.

Essa tensão entre os soldados pode ser vista nas brincadeiras feitas à caminho do porto. Aqueles que eram conduzidos à guerra brincavam para espantar o medo.

Até que um dia, de manhã, sol quente, bonito, veio a ordem de treinamento novamente. Se o embarque era de noite, tudo camuflado, ninguém podia abrir a janela, ninguém podia fumar [...]. Fomos cantando samba e brincando, uma batucada medonha, o povo dando adeus...e ninguém parou, não!⁹⁸

A atitudes jocosas, o canto e o samba apareceriam como estratégias de para lidar com o medo e com o stress também no *front*, como será visto do capítulo III.

Mesmo com o nacionalismo, o medo ou mesmo com a própria alienação, as vezes, para alguns, o pensamento pairava na possibilidade de desistir, desertar e voltar para o lar. A proximidade deste, para aquele que moravam no Rio de Janeiro, era uma tentação maior: “No nosso segundo dia a bordo, esperávamos que o navio desatracasse e

⁹⁷ SCHNAIDERMAN. Op. Cit. pp. 31-32.

⁹⁸ Sargento Ayrton Vianna Alves Guimarães. Op. Cit. pp.269.

atravessasse a barra. Às duas noites passadas foram incríveis. Um calor tremendo, todos nós pensando: ‘tão pertinho de casa, é só saltar, tomar um bonde e lá estaremos’”⁹⁹.

Deserção e covardia são temas muito delicados entre os veteranos de guerra. Temos uma imagem pública de que o soldado deve ser destemido, já que é treinado para a guerra, sendo esta sua razão de existência. Admitir atitudes de medo e fuga do combate se choca contra essa imagem coletiva construída — em muitos casos construída pelo próprio grupo — sobre o veterano de guerra. Alistair Thomson perceberia como essas questões entre história pública e narrativas destoantes poderiam criar grandes constrangimentos para indivíduos que vivenciaram uma guerra¹⁰⁰.

Como será visto em situações de combate, no capítulo III, o medo é algo pouco admitido e, muitas vezes, aparece em relatos sobre soldados desconhecidos ou de outras unidades a qual o narrador não pertence. O sargento Daniel Lacerda presenciou, no embarque, indícios de deserções: “[...] Mas quando chegamos e entramos na fila e o pessoal foi embarcando, ficaram alguns sacos no chão, abandonados. Homens que deixaram os sacos e de mandaram. Desertaram na hora de embarcar”¹⁰¹.

Estas narrativas destoam do que a propaganda oficial e os jornais, censurados, veicularam. Rubem Braga, correspondente do *Diário Carioca*, enviado à Itália junto ao segundo escalão da FEB, ainda a bordo do navio transporte *General Mann* reitera a imagem dos soldados brasileiros como imunes ao medo e a deserção:

[...] E os piores praças, os mais rebeldes, os que sumiam de repente, os que nunca chegavam na hora, todos estão presentes. Não faltou um só homem, não houve uma só vaga tentativa de deserção. Os homens que vieram de reserva voltaram do cais, não havia lugar para eles a bordo, porque na hora da “cobra fumar” todo mundo compareceu.¹⁰²

Uma vez embarcado, o soldado estava sob responsabilidade e controle da tripulação norte-americana dos navios. Os soldados foram distribuídos em compartimentos, separados dos oficiais, e haveria uma série de procedimentos de segurança a serem seguidos. Outro correspondente de guerra brasileiro daria uma idéia dessa preocupação quanto à segurança, além de explicitar o sentimento que muitos civis convocados teriam ao partir para a guerra:

⁹⁹ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *Cruzes brancas: Diário de um pracinha*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997, pp.21.

¹⁰⁰ Thomson trabalhou com veteranos australianos da I Guerra Mundial, abordando os choques entre as narrativas destes combatentes e a História Oficial construída sobre a participação da Austrália no conflito. THOMSON. Op. Cit.

¹⁰¹ Sgt. Daniel Lacerda. Op.Cit. pp. 120.

¹⁰² BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1996, pp.17.

Os avisos e os alto-falantes que se multiplicavam por todos os compartimentos são os guias orais e explícitos do que se deve e não se deve fazer. Estamos em guerra, somos uma multidão que segue para guerra, e muita coisa não se deve fazer; não se deve, por exemplo, atirar qualquer coisa ao mar. Sou apenas um recruta, bisonho e desprevenido como todo recruta, um pobre e indefeso civil em poucas semanas transformado em soldado da ativa, e me emaranho e me confundo num mundo que nunca foi meu.¹⁰³

Cada um receberia um cartão numerado onde haveria o registro das refeições feitas a bordo. Começava no navio o contato mais intenso com os americanos e seus costumes, especialmente, sua alimentação.

Setembro, 1944

A bordo, o oficial ou praça que trabalha como três vezes ao dia; quem não trabalha como duas vezes. Quem como duas vezes faz o pequeno almoço às nove e o jantar às quatro da tarde. Os americanos resolveram abrigar a comida, mas a comida foi mal traduzida. Não é comida brasileira nem americana; é, provavelmente, a comida típica de alguma parte do Atlântico. Come-se.¹⁰⁴

Embora se estranhasse o paladar da nova alimentação, o soldado, que não estava acostumado no Brasil como tamanha fartura e variedade no exército ou mesmo em sua vida como civil, se espantou e demonstrou grande admiração pela organização.

Eu me lembro que tinha um refeitório cheio de mesas, nada de cadeiras. A gente ia chegando, tinha uns elevadores, e iam botando as panelas, as coisas, geralmente marinheiros brancos e pretos, e tinham aquelas bandejas. A bandeja tinha um copo de mingau, mingau bom, de aveia, melhor mingau que já tomei na vida! Você não conhecia [naquele tempo] leite em pó, ovo em pó. Um pão de forma, um pedaço! Umas bolachas não sei de quê. Um bicho assim de doce. Eu aprendi a comer bolacha e pão com doce. Uma xícara de café com leite. Uma maçã. Um troço deste tamanho assim de chocolate, um tablete. Melhor coisa que tinha na nossa ração!¹⁰⁵

O soldado Vicente Alves do Nascimento também se surpreenderia com a nova alimentação.

[...] Era a primeira vez que tinha contato com a comida americana. De manhã cedo eles furavam uma lata assim de suco de limão, chamavam *grapefruit*¹⁰⁶. Faziam a gente beber aquele caldo azedo! Aí tinha leite,

¹⁰³ SILVEIRA, Joel. *O inverno da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, pp. 21.

¹⁰⁴ BRAGA. Op. Cit. pp. 18.

¹⁰⁵ Raul Carlos dos Santos. Op. Cit.

¹⁰⁶ É uma fruta cítrica, parente da laranja.

chocolate, tinha de tudo, de quanto você quisesse comer você comia. Ovos “estalados”!¹⁰⁷

O cotidiano nos navios era feito, além das refeições, de jogos de tabuleiro, baralhos, conversas e rodas de música. Havia também uma rotina de limpeza, que gerava competições entre os compartimentos. Um dos momentos de grande incômodo era o banho e a utilização das privadas. Alguns soldados receberam com grande choque a falta de privacidade, vista como promiscuidade nesses momentos:

Um dos piores capítulos dessa viagem, feita num barco que é a versão moderna do navio negreiro, foi sem dúvida o banheiro. Nosso banheiro estava localizado na popa do barco; tinha dois planos, em cima chuveiros e pias, em baixo, formando um semicírculo, um átrio perfeito, umas casinhas separadas umas das outras, por meias paredes, sem portas: as latrinas. Foi o meu primeiro choque íntimo. Num momento compreendi até que ponto a guerra brutaliza os homens. Habitado toda a vida a banheiro particular, era agora obrigado a comparecer em público, na frente de todos que passassem, uns indiferentes, outros que procuravam divertir-se, fazendo gaiatices com os companheiros em apuros. Quase chorei de vergonha; porém, mais tarde iria achar tudo isso pueril, iria dizer as mesmas piadas, ter a mesma desfaçatez, iria tornar-me animal, sem o menor pudor.¹⁰⁸

Há uma homogeneização na vida militar, o coletivo se sobrepõe ao individual. A perda da individualidade e da privacidade chocam, especialmente para aqueles indivíduos de maior instrução e condição social, como era o caso do soldado Joaquim Xavier, que era estudante de direito. “[...] Para os tímidos e retraídos, para os que se acostumaram a viver confortavelmente, ela proporciona um choque salutar no sentido da adaptação [...]”¹⁰⁹ à vida na guerra. A referência ao transporte como um navio negreiro pode estar relacionada ao histórico familiar, já que, segundo o veterano, seu avô foi ativo abolicionista. Esse sentimento de brutalização do soldado Joaquim se manifestaria com maior intensidade durante as situações de combate, diante do risco da morte, como será abordado no capítulo III.

Em meio aos seus questionamentos ideológicos quanto ao sentido de sua participação e do envolvimento do Brasil na guerra, Boris Schnaiderman não deixa de observar as diferenças raciais existentes na Marinha Norte-Americana:

[...] Eu não penso que fomos vendidos por dólares, eu acredito na democracia, eu acredito nos marinheiros americanos que nos transportam no bojo do monstro. Acredito sim. É verdade que eles têm uma divisão na proa,

¹⁰⁷ Sd. Vicente Alves do Nascimento. Op. Cit.

¹⁰⁸ SILVEIRA, Joaquim X. da. *Cruzes brancas*. Op. Cit. pp. 22.

¹⁰⁹ SCHNAIDERMAN. Op. Cit. pp. 39.

reservada especialmente para os marinheiros de cor, que não se misturam com os brancos. [...] É verdade que eles passam por nós, distantes, superiores, na sua condição de servidores do monstro que nos carrega. Tudo isso é verdade, mas eu acredito na democracia, soberana e superior, com parlamentos e imprensa livre. [...]¹¹⁰

As diferenças raciais nas Forças Armadas Norte-Americanas se tornariam mais notórias para os soldados da FEB quando estes convivessem com uma quantidade maior de soldados aliados. No *front* os brasileiros se orgulharia de ter uma formação mista em duas unidades, como será visto no capítulo seguinte.

Mas era uma viagem para a guerra e mesmo com o espanto que as novidades traziam o perigo estava presente e perceptível. Exercícios que simulavam situações onde a embarcação deveria ser abandonada eram realizados com frequência.

Durante a viagem marítima, caso o navio fosse torpedeado, a gente tinha um ponto exato para se dirigir e pegar o bote , a fim de abandoná-lo. O bote iria fiar vagando no mar e a gente teria que saber como sobreviver, aguardando naturalmente ser socorrido. Aprendemos que havia determinado peixe cuja carne possuía grande quantidade de água, tínhamos que comer a carne crua para matar a sede, mas graças a deus, isso só foi treino, não precisou não.¹¹¹

Os navios de transporte tiveram variadas escoltas, de contratorpedeiros à cruzadores, tanto americanas quanto brasileiras. Estás quando chegavam ao Estreito de Gibraltar retornavam ao Brasil, sendo rendidas por embarcações responsáveis pelo patrulhamento do Mediterrâneo. Mesmo assim tanto o *General Mann* quanto o *General Meighs* estavam armados. O medo era de ataques aéreos e, principalmente, de submarinos.

É difícil afirmar se houve realmente uma tentativa de ataque por parte de submarinos alemães a algum dos escalões que transportava a FEB. Mesmo tendo reduzido muito suas ações no Atlântico a *Kriegsmarine* ainda operava e oferecia perigo. Talvez as notícias dos afundamentos, tanto alardeadas pela imprensa e pelo governo, tenham aflorado com os exercícios para abandonar o navio na viagem para a Europa. Fato é que os submarinos inimigos parecem em algumas narrativas:

Na viagem para a Itália, após cinco dia de viagem, fomos acompanhados por submarinos alemães, o que me trouxe um certo receio. Entretanto, estávamos bem escoltados por três belonaves de grande porte, três destróieres e, inclusive, aviões. No quinto dia soou alarme de submarinos na área, os

¹¹⁰ Id. Ibidem. Op. Cit. pp.36.

¹¹¹ O soldado Joaquim Carlos de Oliveira foi observador da Cia de Comando do II/11ºRI. HOESGM, Tomo III, pp. 160. Entrevista realizada em 18 de maio de 2000.

destróieres lançaram quatro bombas de profundidade, giraram rapidamente e foram atrás do submersível que se afastou. [...] ¹¹²

O cabo Raul Carlos dos Santos descreve os procedimentos e reações dos soldados e da tripulação durante uma possível ação de um submarino inimigo:

Aí um dia o alto falante chamou “Atenção! Atenção! Todos para os seus compartimentos!”, sem dizer mais nada. Ai todo mundo desceu correndo. Chegou lá embaixo, todos compartimentos tinham duas portas, uma de entrada e outra de saída. Quando a gente entrava as portas fechavam por fora. Se fossemos torpedeados estava todo mundo campado! Não tinha por onde sair. [...]

Poderíamos ser bombardeados pelo lado de baixo, pois são diversos [compartimentos], vários andares. Desse dia em diante teve outras vezes também. Trancaram a gente e “paaar, paaar, paaar”. O pau comeu lá na frente. Som de tiro! Todo mundo caladinho! Sabe o que aparece? Ninguém sabia, ninguém avisou. Não sei quantos minutos, um monte! E a gente “O que será isso?”.[...] ¹¹³

Estas experiências seriam apenas uma prévia de todas as agruras, tensões e surpresas que a guerra traria. Como no *front*, mas em menor intensidade, os momentos de combate eram apenas parte dos acontecimentos dos soldados. Os navios levariam os homens para um novo mundo, como novas relações, novas experiências, que transformaria os soldados. No próximo capítulo veremos algumas dessas o novas ocasiões nas quais os praças tiveram que lidar.

¹¹² Soldado José Bernardino de Souza. Op. Cit.

¹¹³ Raul Carlos dos Santos. Op. Cit.

II

“O belo país”: os soldados brasileiros na Itália

Embora alguns dos soldados brasileiros já começassem a ter uma noção da proporção do conflito em que estavam envolvidos, para a maioria da tropa isso só aconteceria ao chegar na Europa. Lutar em outro continente, além mar, foi mais uma etapa na experiência singular do envolvimento do Brasil no conflito mundial.

Quando da chegada das tropas brasileiras, a Itália se encontrava numa situação política e social complicada: quase 1/3 de seu território estava ocupado por forças alemãs ou simpáticas ao nazi-fascismo; e a outra parte do seu território era controlada por tropas aliadas, especialmente forças norte-americanas e inglesas. Isso foi resultado do processo de envolvimento desse país europeu com a guerra, pois, até meados de 1943, a Itália era a principal aliada da Alemanha nazista. Embora o rei Vitor Emanuel III tivesse destituído e prendido o líder fascista Mussolini, o governo assumido pelo monarca tinha pouco poder de fato sobre os rumos da Itália.

O fim da aliança com os nazistas, em julho de 1943, não trouxe a paz para o povo italiano. Naquele momento a situação da nova frente de batalha que se tornara a Itália se agravaria, pois os Aliados tinha a necessidade de aumentar a pressão sobre as forças nazistas, no intuito de, no mínimo, aliviar as perdas que os soviéticos sofriam no principal *front*, ou seja, na Europa Oriental. Após um ousado resgate perpetrado por forças especiais alemãs, em setembro de 1943, Benito Mussolini formaria a *República Social Italiana*, conhecida também como *República de Salò* — cidade próxima a Milão e que seria a sede do novo governo fascista. O ditador italiano teria, com a fundamental ajuda da Alemanha, o controle sobre quase toda a região setentrional da península itálica, pelo menos até o primeiro semestre de 1944. As tropas italianas seriam treinadas e, em parte, aparelhadas pelo governo alemão. Ao longo da campanha brasileira na Itália, em momentos diversos, algumas dessas unidades fiéis a Mussolini entrariam em combate com a FEB. As Divisões *Itália*, *Monte Rosa* e *San Marco* seriam as principais adversárias fascistas dos brasileiros.

Completando o quadro principal de combatentes da frente italiana, havia os guerrilheiros, ou seja, os *partigiani*. Não é meu objetivo esmiuçar as nuances da resistência civil à ocupação alemã, mas se faz necessário oferecer alguns esclarecimentos. Embora a literatura, de maneira ampla, generalize especialmente os movimentos de resistência armada nos países ocupados pelas tropas do Eixo (referindo-

se como “a resistência francesa”, “a resistência iugoslava”, “a resistência italiana”), o quadro era bem mais complexo. Focando o caso italiano, a guerrilha surgiria com o armistício de 8 de setembro de 1943 e o conseqüente estado de ocupação alemã. Assim teríamos o envolvimento de segmentos da população civil, organizada em unidades armadas, lutando contra as forças germânicas, agora invasoras. Estes grupos tinham orientações políticas variadas: comunistas, anarquistas, monarquistas, liberais socialistas. O que os colocavam do mesmo lado, a pesar de antagonismos ideológicos muitas vezes, era a resistência, organizada pelo Comitê de Liberação Nacional. Estes guerrilheiros atuaram no início com pouca ou nenhuma ajuda estrangeira, mas com o avanço dos Aliados na península, e a necessidade desses de informações e soldados, surgiria uma colaboração, talvez não tão organizada e regular como a estabelecida entre ingleses e os *partisans* franceses.

Estes guerrilheiros lutaram muitas vezes ao lado das tropas Aliadas e, portanto, das unidades da FEB. Quando não agiam diretamente numa operação, era comum servirem como apoio logístico ou, especialmente, fornecendo valiosas informações sobre o terreno, posições e deslocamento, efetivos e moral do inimigo.

Assim, teríamos uma frente de combate com diversos atores, ou seja, além das tropas regulares dos exércitos alemão, italiano fascista e Aliados (norte-americanos, ingleses, poloneses, sul-africanos, brasileiros, etc.), haveria ainda as unidades guerrilheiras. A Itália era um grande campo de batalha.

Neste capítulo abordarei as impressões dos soldados brasileiros frente ao quadro de destruição apresentado pela guerra na Itália, as relações estabelecidas com a população italiana, e ainda as visões sobre os norte-americanos. Para a tropa brasileira, seria nas proximidades do *front* que a maioria dos soldados entraria em contato mais freqüente e intenso com os principais aliados, os norte-americanos, nos campos de treinamento e no transcorrer dos combates.

2.1 A chegada: Destruição e miséria

A chegada em Nápoles representou para os soldados brasileiros a primeira visão de uma área destruída por um conflito em larga escala. Carcaças de navios, estrutura portuária arrasada e a própria cidade, que também fora duramente castigada pela ação da artilharia aliada e pela ação das tropas alemãs, que demoliram a maior parte das instalações, civis ou militares, que pudesse ser utilizadas pelo inimigo.

Essa cidade portuária foi alvo do desenrolar da “*Operação Avalanche*”. Primeira grande operação anfíbia Aliada, realizada no Golfo de Salerno, localizado aproximadamente 30 Km ao Sul de Nápoles. O general norte-americano Mark Clark, comandante do V Exército, ao qual estaria subordinada a FEB, no segundo semestre de 1944, enfrentaria a resistência de experimentadas tropas alemãs, que, na primeira quinzena de setembro de 1943, quase impediram a invasão da Itália continental.

O cabo Raul Carlos dos Santos, que chegara à Itália com o 2º e 3º escalões da FEB no dia 6 de outubro, relata suas primeiras impressões sobre a chegada à Nápoles:

Eu quero lhe dizer como chegamos. Estava frio. Ô se estava! Tudo estava organizado, por conta dos americanos. Eles registraram tudo, anotava quem desembarcava, soldado, sargento, tudo. Tenho uma foto aí, das pranchas de madeira onde descíamos. [...] Ah! Vimos [destruição]! O porto de Nápoles, para um navio entrar era maior dificuldade. Rapaz, parece que tinha não sei quantos navios afundados! Uns girados “assim”, outros tombados. Navio que entrava já ia de num jeito pra encostar e descarregar. Mas o que tinha de navio!¹¹⁴

O sargento Silas de Aguiar Munguba mostra-se tão ou mais espantado que o cabo Raul com a destruição da cidade italiana, o que, no seu discurso, mostra as impressões provocadas pela guerra e seu argumento para lutar em outro país:

No dia 6 de outubro, chegamos a Nápoles que me causou uma impressão terrível. Não tinha idéia do que era guerra, nada disso; Nápoles era uma desolação, a gente via o cais todo destruído, navios afundados, navios emborcados e tudo mais; as casas destruídas, não havia prédio inteiro; dezenas e dezenas de homens no cais do porto, pedindo comida, pedindo esmola. Imagine, antes de seguir para a guerra, sempre dizia: “Por que tenho que lutar pelo Brasil, fora do Brasil? Eu quero lutar é no Brasil”; mas me mandaram e eu fui. Quando cheguei à Itália, constatei que é mil vezes melhor combater fora de nossa Pátria; porque o estrago, a miséria são muito grandes numa guerra. Fiquei, realmente, perplexo.¹¹⁵

Combater longe da pátria afastaria desta as agruras da guerra, a destruição física das cidades e a miséria que se abateria sobre as populações.

A Itália não era mais um país aliado dos alemães. Não havia mais restrições quanto as táticas a serem implementadas contra as tropas Aliadas que invadiam a península, a única exceção era o norte do país, ainda sob um regime fascista. Assim, as ações de combate tenderiam a serem recrudescidas, no intuito de barrar ou retardar o

¹¹⁴ Raul Carlos dos Santos. Op. Cit.

¹¹⁵ O sgt. Silas de Aguiar Munguba serviu na 2ª Cia do I/1ºRI. HOESGM, Tomo II, pp. 90. Entrevista realizada em 01/06/2000.

máximo o inimigo. O pesquisador David Mason relata a ação das forças alemãs em Nápoles:

[...] A cidade se encontrava em ruínas, pois os alemães haviam realizado com a habitual minúcia o trabalho de destruição das instalações portuárias e de grande parte das edificações da cidade. Numerosíssimos prédios foram consumidos pelas chamas, que tiveram a alimentá-las o mobiliário das casas e até mesmo os arquivos da cidade. O pandemônio, na zona portuária, era total, pois além da pulverização, pelo fogo dos prédios e armazéns nela existentes, os alemães haviam bloqueado os acessos aos cais, afundando navios na baía, derrubando guindastes e jogando caminhões n'água e ate mesmo descarrilando locomotivas nas docas.¹¹⁶

A pesar da ênfase na capacidade destrutiva dos alemães — que não eram os únicos exímios “pulverizadores” de prédios, vide os intensos bombardeios perpetrados pelos Aliados em diversas cidades alemãs ou japonesas —, que soa quase como algo maquiavélico, o fato é que os danos à cidade forma intensos, pois um ano depois da tomada da região a destruição ainda era notória para os recém chegados soldados da FEB.

O Sargento de artilharia Boris Schnaiderman, que desembarcara em Nápoles junto com o primeiro escalão das tropas brasileiras, a 16 de julho de 1944, demonstra suas visões sobre o desembarque:

De longe, o casario de Nápoles parece acolhedor, com as suas cúpulas, o seu colorido, os contornos estranhos em face do Vesúvio. Aos poucos, porem, os contornos delineiam-se melhor: as cúpulas brilhantes e os palácios no alto das colinas servem de fundo a casas velhas e miseráveis. E, depois que o navio passa em meio a vasos de guerra [...] de todos os tipos, [...] e sobre os quais há dezenas de balões cativos de defesa antiaérea, vão-se tornando mais visíveis os estragos junto ao cais: navios de cascos pro ar, outros partidos ao meio, chaminés emergindo à superfície, esqueletos de edifícios, um amontoado informe de escombros, sobrados sem teto, estatuas decapitadas, um mundo inescrutável, lúgubre, de alucinação e demência.¹¹⁷

Os escombros se sobrepõem à bela paisagem que a Itália oferece e a destruição reina na descrição do local de desembarque. As cenas de guerra passam a ser cada vez mais presentes para a tropa. Os balões, que impediam a ação de bombardeios de mergulho também chamariam a atenção de outros soldados, como o Cb. Raul:

Outra coisa que assustou foram os balões. Balões, amarrados, eu vi muito. É um cabo de aço, amarrado no chão e no balão lá em cima. Balão, daqueles

¹¹⁶ MASON, David. *Salerno: Invasão da Itália*. Rio de Janeiro: Renes, História Ilustrada da 2ª guerra Mundial, 1977, 2ª Ed, pp. 146.

¹¹⁷ SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina: Histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliense, 1995, 3ª Ed. pp.48.

compridão. Aquilo impedia ataques de aviões. Tinham muitos, em todo lugar! Em Livorno também. Era uma fartura!¹¹⁸

Embora também registre a destruição avistada pela tropa em território italiano, o discurso do Chefe do Estado-Maior (EM) da 1ª DIE, coronel Floriano de Lima Brayner, tem outro foco. O romantismo sobre as paisagens de Nápoles se faz mais presente:

Dia 16 de julho. Dia de sol maravilhoso. Céu azul, em harmonia com o Mediterrâneo tranqüilo, onde o sol estendera uma esteira prateada para o comboio passar.

As 9 horas penetrávamos na Baía de Nápoles, a imensa enseada dominada pelos dois extremos da vida: Capri, a poesia, o amor, a blandícia do clima e do convite à vida; e o Vesúvio, imponente, fumarento, sempre mal humorado, como que a negar a mãos aos que chegavam, mesmo timidamente, como nós, que nada queríamos da bela Itália senão fazê-la esquecer as maldades que os submarinos do Eixo praticaram na nossa costa.

Estávamos agora nos avizinhandos lentamente das ruínas do antigo Cais de Nápoles.

As pequenas cidades e vilas, engastadas nas montanhas que emolduram a baía, ou debruçadas sobre as águas azuis, constituíam um poema para os olhos do viajor cansado, preparando o espírito para a lenda imortal: *vedere Napoli, poi morere*. [...] ¹¹⁹

Este tipo de “demonstração lírica” é possível de ser observada em outros depoimentos de oficiais de alta patente, além nacionalismos exagerados e exaltações à liderança de comandantes, muitas vezes sem o menor disfarce da parcialidade frente aos oficiais superiores — o historiador Luis Felipe da Silva Neves atenta para o fato de que existe um forte culto à personalidade do Gen. Mascarenhas de Moraes, entre os veteranos da FEB, tanto entre praças quanto oficiais de variadas patentes.

A intensa destruição das cidades italianas foi fruto da aguerrida defesa alemã, caracterizada por linhas fortificadas sucessivas, que muitas vezes iam do mar Tirreno ao Adriático, aproveitando-se do terreno acidentado, que dificultava o avanço das tropas aliadas, especialmente das unidades blindadas. O avanço das tropas anglo-americanas, e de outras nacionalidades a elas vinculadas, se deu com muita dificuldade e as vezes com grandes perdas.

Esses intensos combates traziam grandes conseqüências para a população civil, que, além da destruição física das cidades sofria com a desestabilização econômica e social. As famílias, quando não eram dizimadas pelo fogo cruzado, eram, muitas vezes,

¹¹⁸ Cb. Raul Carlos dos Santos. op.cit.

¹¹⁹ BRAYNER, Floriano de L. *A Verdade Sobre a FEB: Memórias de um Chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, pp. 106-107.

separadas. Os combates provocavam ondas de refugiados, que vagavam pelas estradas, normalmente vindas das regiões dominadas pelos alemães. Embora sejam freqüentes os relatos de violências e abusos cometidos por tropas alemães contra essa população há outros fatores que podem ser elencados para entender a preferência dos italianos pelas áreas controladas pelos Aliados.

2.1.2 O convívio com os civis: Os limites entre a ilegalidade, afeto e a sobrevivência

A guerra desestruturara o fornecimento dos serviços básicos, como água, eletricidade, transportes e, especialmente, a produção e distribuição de alimentos. As grandes áreas urbanas sofriam mais que as rurais, pois estas ainda tinham as possibilidades de estarem próximas às zonas produtoras de algum tipo de alimento.

Além disso, são constantes os relatos da rapina alemã. É difícil avaliar a extensão da carência de material da Wehrmacht, mas é certo que em fins de 1944, a Alemanha já não conseguia nem prover a reposição adequada de homens perdidos. Assim, embora o veterano da 232ª DI alemã Heinrich Boucsein¹²⁰ ateste que as tropas germânicas pagassem pelos suprimentos e outros produtos adquiridos junto à população civil, é bem provável que os depoimentos sobre saques, especialmente de animais, como porcos, ovelhas e aves, e grãos, sejam verídicos.

O correspondente dos *Diários Associados*, Joel Silveira, apresenta um exemplo de como o desenrolar dos combates afetava a população civil de maneira direta:

Durante mais de três meses Abetia foi terra de ninguém. Os *paesani* [civis] daqui foram expulsos de suas casas: seus lares com o passar dos dias, aos poucos foram se transformando num monte de ruínas. Noite e dia as patrulhas brasileiras e alemãs aqui se defrontavam em combates violentos, em sucessivas disputas que fazem parte do cotidiano da guerra e que nunca são mencionados nos comunicados oficiais, porque não passam de pequenas células do monstruoso tecido que é a guerra em si.¹²¹

¹²⁰ Heirich Boucsein serviu como oficial de comunicações da 232ª DI, uma das principais adversárias da FEB. A respeito da relação entre os civis, os *partigiani* e as tropas germânicas ele narra: “Comparada à Rússia, a guerra na Itália é mais que estranha. Vizinhos, os soldados italianos do Estado de Salo combatem ao lado dos alemães contra os aliados, na frente voltada para o sul: a população é solidária com ambas as partes, muitas vezes comportando-se de forma amistosa e solícita, porém os guerrilheiros comunistas conduzem sua guerra civil sem fazer qualquer distinção entre os alemães e seu próprio povo.” BOUCSEIN, Heinrich. *Bombardeiros, caças guerrilheiros: Finale furioso na Itália – A história da 232ª Divisão de Infantaria, a última divisão alemã a ser deslocada para a Itália (1944-45)*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2002.

¹²¹ SILVEIRA, Joel. *O inverno da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, pp. 99.

Havia também um temor em relação a convocação de mão-de-obra. Para construir seus abrigos, trincheiras e outros tipos de fortificações, as tropas alemãs comumente convocavam homens. Como consequência a população masculina que não estava incapacitada por ferimentos acabava sendo afastada de seus familiares, seja pela convocação forçada, seja se escondendo das mesmas. Isto contribuía para o movimento de resistência, pois junto aos *partigiani* esses homens ainda tinham a possibilidade de manter sua liberdade e até meios de sustento, pois havia uma relação de apoio logístico entre muitos grupos guerrilheiros e as forças Aliadas.

Alguns correspondentes de guerra brasileiros escreveram sobre o uso da população civil para trabalhos forçados pelas tropas alemãs. Em outubro de 1944, Rubem Braga, do *Diário Carioca*, relatava:

No dia seguinte àquele em que os brasileiros tomam conta de algum lugar, começam a aparecer, descendo as montanhas, homens e mulheres italianos. Isso é gente que enfrentou a alternativa de fugir para as montanhas ou ser agarrada pelos nazistas, que têm fome de braços. Não há nisso qualquer exagero: todos são unânimes em dizer que os alemães pegam a força todos os jovens para lutar ou trabalhar para ele.¹²²

Era necessário criar uma estrutura mínima de funcionamento das cidades conquistadas, especialmente porque a Itália tornara-se um aliado ao declarar guerra a Alemanha. A grande quantidade de *sfollati*, ou seja, de refugiados, provocava um grande risco de segurança, tanto para as operações militares quanto para a saúde da população envolvida direta ou indiretamente na guerra. Assim, o fornecimento de alimentos e outros serviços básicos estavam além de ações de caridade por parte dos soldados, embora estas fossem constantes.

As vezes, dependendo da logística de cada unidade e das condições encontradas no desenrolar das operações, o comando da FEB autorizava a distribuição direta de alimento à população italiana:

A rapina [alemã] das cidades e dos campos é tão completa quanto possível, e o que os brasileiros encontram nas cidades é uma população famélica. Nosso comando já sabe disso e envia na vanguarda mantimentos e cozinha. Deixando de lado as outras razões, não de admirar que nossa gente seja bem recebida onde vai chegando.¹²³

¹²² BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1996, pp. 36-37.

¹²³ BRAGA. Id. *Ibidem*. pp. 37.

A guerra da fartura conquista os corações, ou melhor, os estômagos. Há certo exagero em colocar uma cozinha de campanha como uma unidade de vanguarda, mas neste momento o correspondente cumpre seu papel em promover uma boa imagem da FEB, mesmo assim não deixa de criticar a boa ação do comando.

De qualquer forma, havia ações concretas do comando aliado para tentar restabelecer uma rotina mínima da vida dos civis, tanto no campo quanto nas cidades. Certas áreas eram urbanas restritas para os militares, delimitadas por fitas. Alguns estabelecimentos comerciais, como certos bares e casas de espetáculo, eram proibidos à militares e até determinados produtos eram restritos apenas aos civis. Ao chegar em Nápoles, Rubem Braga percebe as dificuldades da população civil *in loco*:

[...] Os alimentos são caros e poucos, mas há. Há homens trabalhando a terra, e os estrangeiros que ocupam a cidade não são mais os nazistas que pilhavam todo mundo, que roubavam o porco e a vaca do camponês. Os aliados evitam que seus soldados comam o alimento do povo pobre. Com minha farda de oficial [os correspondentes usavam fardamento de oficial, sendo equivalentes, extra-oficialmente, à capitães] eu pude entrar num bar e beber: mas quando pedi um sanduíche, me avisaram que a comida é reservada aos civis. São raros os restaurantes em que um oficial estrangeiro pode comer, raros e caros. Na própria cidade, os oficiais aliados têm lugares certos onde podem comer a preço baixo comida fornecida pelos seus países.¹²⁴

O cabo Raul Carlos dos Santos também passou por experiência similar e comenta que “[...] Era proibido [comprar alimentos], pois o que tinha na cidade era para os italianos que quase não tinham. Não tinham!”

A boa relação com a população italiana era a tônica do discurso para com os civis. O compadecimento com a pobreza e a degradação social, que a presença alemã trouxe na interpretação dos brasileiros, é algo universalizado hoje, embora encontremos também em relatos da época. O então sargento de artilharia Boris Schnaiderman relata suas impressões na cidade e da população de Pozzuoli, uma província de Nápoles, durante a folga do serviço:

Mostravam-se [os soldados brasileiros] quase todos sentimentais e compassivos. Era com grande espanto que os paisanos os viam afastarem-se, para ceder passagem a uma senhora, ou tomar uma criança pela mão, a fim de ajudá-la a atravessar a rua.

As maneiras afáveis de nossa gente pareciam anacrônicas na Pozzuoli daqueles dias. Era freqüente encontrar-se algum dos nossos crioulos parado no

¹²⁴ BRAGA. Op. Cit. pp. 31.

meio da rua, cercado de uma chusma de crianças, distribuindo biscoitos ou balas trazidas do Brasil. Mas, por fim, aquele espetáculo deprimia. As crianças maltrapilhas, de braços como espetos, aqueles olhos parados, aquela palidez...[...] ¹²⁵

O sofrimento desses civis criava um vínculo emocional, uma espécie de identificação familiar que levava os pracinhas a ajudar de alguma forma.

[...] Quando cheguei, desembarquei no cais, na Itália, logo apareceram muitas crianças e velhos, pois a gente quase não via jovens, presos e levados que foram para as linhas alemãs, a fim de participarem na construção de casamatas e abrigos para o inimigo. Mas as crianças, as mulheres e os velhos se aproximavam dos brasileiros e diziam: Brasileiro, noi abbiamo molta fame; dammi un poco d'alimento [...]. Então, víamos, imaginávamos nossa casa no Brasil, graças a Deus, sem aquele tipo de coisa, em virtude de uma guerra que destruía tudo, como aconteceu em Nápoles, as famílias esfaceladas, sem que soubessem onde andavam os irmãos, os pais, sem teto. [...] Aí, agente metia a Mao no bernal e dava uma lata de chocolate, uma barrinha de biscoito, uma carteira de cigarro — cigarete. Então diziam assim: grazie, grazie, brasileiro, voi avete un buon cuore — agradecido, agradecido, brasileiro, você tem um bom coração [...] ¹²⁶.

A reação de gratidão da população funcionava como um reforço positivo à participação do Brasil na guerra, para este praça, uma espécie de compensação pelos riscos que corria, assim formulava-se uma auto-aprovação moral em atitudes que ajudassem os italianos. “Tudo isso fazia com que nos sentíssemos aliviados e dispostos a enfrentar o perigo que se avizinhava ¹²⁷”.

Todos os dias eram enviados às cidades milhares de soldados que estavam de licença — fora os que estavam em folgas clandestinas, as chamadas *tochas*. Era necessário organizar um fluxo tão grande de pessoas.

Inspirado no exército norte-americano surgiria na FEB o *Serviço Especial*, ou seja, uma unidade responsável por entreter os soldados quando de licença na retaguarda ou em momentos de folga no front. Esta unidade organizava shows com soldados artistas ¹²⁸, além de espetáculos de ópera e teatro e até um jornal. Em Florença, Roma,

¹²⁵ SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina: Histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliense, 1995, 3ª Ed. pp. 71

¹²⁶ Sd. Benedito Barros. HOESGM, Tomo II, pp. 76

¹²⁷ Id. *Ibidem*.

¹²⁸ Muitos soldados levaram instrumentos musicais para o front e alguns deles eram músicos e compositores experientes. Para mais informações sobre a relação e entre música popular e a II Guerra Mundial ver MERON, Luciano B. *E a cobra sambou: A II Guerra Mundial nos sambas*. (artigo inédito).

Nápoles e Pistoia haviam centros organizados para entretenimento. Segundo o veterano Joaquim Xavier da Silveira:

Os oficiais eram hospedados em hotéis de luxo, requisitados para as tropas aliadas, enquanto, enquanto os soldados ficavam instalados em instalações mais modestas. O serviço permitiu que as tropas não se brutalizassem nas férias e tivessem alternativas além do simples apelo ao sexo. Foram organizadas visitas a museus, onde guias davam informações sobre a cultura italiana.¹²⁹

O soldado Vicente Gratagliano também foi agraciado com uma licença e relata sua experiência num desses hotéis em Roma:

O ruim desse passeio em Roma era que ia [apenas] um homem de cada Companhia, havia bastante soldados e íamos dormir num hotel chamado Fórum Mussolini. Tratava-se de um hotel grande; para dormir, precisava-se banhar-se primeiro. A gente já estava sem tomar banho há bastante tempo, mas tinha que cumprir a exigência para poder dormir no alojamento. Nós éramos mais de cinqüenta para dormir. Ficava um italiano com a toalha e ele falava:

— *Tomare banho! Tomare banho!*

[...] Em Montecatine havia um hotel onde os americanos dançavam de um lado e do outro havia uma piscina. Os americanos organizaram uma orquestra de soldados e dançavam com as italianas; na outra parte, a da piscina, quem desejasse tomava banho. Estávamos aguardando o caminhão que iria nos levar à Roma, ainda no hotel, e assistíamos tudo.¹³⁰

Estes serviços dependiam da cooperação de civis e contribuía para a formação de uma série de relações com os militares aliados, lícitas e ilícitas, aliás, mesmo nas localidades próximas do front era necessária, em muitas circunstâncias a participação da população italiana. Informações, serviços e produtos circulavam entre os soldados e os *paesani*. Era comum que mulheres lavassem o fardamento de praças e oficiais em troca de comida. Dessa interação era freqüente o surgimento de relacionamentos amorosos.

O relacionamento do soldado brasileiro com a população local era muito bom. Se bem que apareciam só para pedir, não tinham nada, principalmente comida, as mulheres apareciam querendo roupa para lavar, a fim de ganhar algum dinheiro; todo mundo dava. Elas eram honestas, preparavam a roupa e traziam direitinho, em um espaço curto de tempo, pois estávamos sempre nos locomovendo. Elas ganhavam alimento também, dávamos-lhe o que nos sobrava, assim como cigarros.¹³¹

¹²⁹ SILVEIRA, Joaquim X. da. Op. Cit. pp. 122.

¹³⁰ Vicente Gratagliano. Op. Cit. 291.

¹³¹ Joaquim Carlos de Oliveira. Op. Cit. pp. 165.

O convívio com a população em seu cotidiano muitas vezes representava uma possibilidade de alívio para o soldado desgastado pelos riscos do front. Especialmente nas vilas rurais e nas cidades de menor porte praças e oficiais brasileiros desenvolviam laços de amizade com os civis. As folgas eram ansiosamente esperadas e longas viagens eram empreendidas para encontrar os amigos.

[...] Depois da primeira refeição do dia, que foi as 8h, partimos com destino a Campolemisi. Havíamos sido dispensados pelo capitão por oito dias. Íamos rever nossas namoradas. Depois de 45 dias nas posições, estávamos saturados daquilo tudo. O nosso espírito pedia paz e diversões. A paz, tínhamos nos afastando o mais possível do front. A diversão, encontrando dente amiga que nos alegrasse.¹³²

Os italianos parecem que, de maneira geral, também encaravam de forma agradável a presença dos soldados brasileiros e os tratavam de modo amistoso, integrando-os às suas atividades cotidianas e festivas. O tenente Ítalo Diogo Tavares, que serviu no 6ºRI, continua a relatar sua licença junto à população de Campolemisi — uma localidade próxima à Lucca:

Enfim, depois de enormes sacrifícios, lá chegamos. Que festa! Que alegria! Fiquei louco quando meus olhos pousaram de novo naquela figurinha de meus sonhos [uma garota chamada Ana, com a qual o tenente namorava]. Passei vários dias feliz e esquecido de tudo que se passava em roda. Dancei várias vezes. Dá prazer dançar naquela paz. O tocador de *fisarmônica*¹³³ é o Osvaldo, de Basso Matana. Toca que é uma maravilha! No seu repertório há vários trechos de ópera. O tratamento a mim dispensado foi o melhor possível. Deram-me a melhor cama. Deram-me o melhor vinho. Faziam tudo para me agradar. Lá se vivia como em casa. Dona Rose me tratava como a um filho. Todos os dias fazia questão de que eu comesse com ela. [...]¹³⁴

Rubem Braga pode testemunhar os momentos de integração da tropa brasileira com a população civil, especialmente a rural:

[...] Atravessamos calmos vilarejos onde nossos soldados mantêm longas e alegres palestras com as jovens louras. Esses diabos desses pracinhas vivem por aí como se estivessem em casa. Um deles passa com uma criança italiana ao colo. Ao seu lado, a jovem mãe leva outra criança. [...]¹³⁵

¹³² TAVARES, Eduardo Diogo (Org.). *Nós vimos a cobra fumar: Diário de um jovem tenente brasileiro na Itália durante a II Guerra Mundial*. Salvador: P&A Editora, 2005, pp.79.

¹³³ Um tipo de acordeom.

¹³⁴ TAVARES. Id. *Ibidem*. pp. 82-83.

¹³⁵ BRAGA. Op. Cit. pp. 43.

Braga e muitos praças justificam tamanha facilidade de relações ao fato de tanto brasileiros quanto italianos serem emotivos, atribuindo à origem latina uma sensibilidade diferente dos anglo-saxões — “tutti latini, tutti amici”¹³⁶ — além disso, a proximidade das línguas seria outro elemento fundamental nessa boa relação¹³⁷.

Mas a guerra afetava de forma nociva, na maioria dos casos, a população civil. A falta de gêneros básicos, como remédios, combustível e alimentos, levou ao surgimento de um mercado paralelo onde a corrupção era constante e a prostituição e a mendicância eram os principais meios de arrecadar recursos ou cooptar a conviência de militares estrangeiros. Esse “mercado negro” é pouco falado pelos soldados, talvez pelo fato que alguns tivessem participação no mesmo, especialmente através do envolvimento com a prostituição. Em uma de suas primeiras crônicas, Rubem Braga fala sobre esse comércio paralelo:

[...] O mercado negro funciona por toda a parte: tem-se às vezes a impressão cômica e trágica de que cada pessoa procura comprar escondido uma coisa por 20 liras para revender por 40 liras a outra pessoa, que revenderá por 70 liras a outra, que a revenderá a outro revendedor ____ e assim por diante, até aparecer, não sei em que altura da escala, um cidadão que resolve consumir o artigo, graças ao dinheiro que arranjou ninguém sabe onde, talvez à custa de outros negócios desse gênero.¹³⁸

Esse comércio paralelo se deslocava em várias direções. Negociava-se entre os civis e também com os *partigiani*. Muito provavelmente havia relações com os alemães, além, claro, dos aliados — principal fonte de produtos industrializados de qualidade, como cigarros e combustível, além de alimentos. Heirich Boucsein nos dá uma pequena idéia de um ambiente onde estas negociações eram realizadas numa grande cidade:

Conforme aconselhado pelo oficial da Divisão de Caçadores, não se deve freqüentar a zona portuária em grupos inferiores a quatro, quicá seis homens, principalmente quando se vai a bares localizados no subsolo, como o “Gato Preto”. Entre um “público civil” difícil de classificar, estão, sobretudo, marinheiros quase sempre sem blusa do uniforme. [...] Ali se bebe sem limites, *Spumante*, *Bitter*, *Vino rosso* e várias “combinações”, incluindo todas as cores do arco-íris e seus tons intermediários. Mesas e bancos “flutuam”, e é claro que, no caso de alguns velhacos, nem toda conta é paga. No recinto tomado pela fumaça dos cigarros, uma senhora totalmente decadente, mas com boa voz, interpreta um repertório obscuro. Tudo é negociado aos preços do tráfico; até mesmo os aliciadores utilizados pelos bandos e os guerrilheiros fazem ofertas ostensivas para comprar armas ou, mediante altas somas, o “desfrute de

¹³⁶ SCHNAIDERMAN. Op. Cit. pp. 161.

¹³⁷ Id. Ibidem. pp. 37.

¹³⁸ Id. Ibidem. pp. 31

um guerrilheiro”. [...] A impressão que se tem é de estar “no vestibulo do inferno de Dante”.¹³⁹

Este relato fora feito em meados de setembro, quando a 232ª DI alemã estava encarregada da defesa de Gênova. Mesmo com intenso combate à guerrilha e suas redes de informação e logística, é difícil coibir o mercado negro mesmo nas cidades controladas por grandes efetivos alemães. O comércio ilegal caminha por trás de ambas as linhas, tanto dos aliados quanto dos germânicos, e no espaço entre elas.

Talvez estes ambientes de ilegalidade e a ação de italianos criminosos — ambos, neste contexto, relacionados a degradação da guerra — seja a origem de impressões negativas por parte de alguns praças brasileiros em relação aos civis. O sargento Ayrton Vianna tece controversas e severas críticas aos civis:

Alguns italianos agiram de forma solerte e criminosa. A Itália é uma terra bonita, boa, língua parecida com a nossa e por isso nós nos envolvemos muito, particularmente pela facilidade de idioma. A camaradagem do brasileiro com qualquer pessoa foi abrindo oportunidade para que alguns poucos entrassem no acampamento, a fim de apanhar comida, cigarros, e muitos soldados nossos foram assassinados pelos italianos quando de sentinela no acampamento. [...]

Nós passávamos por aquelas cidades e encontrávamos italianas ajoelhadas no chão, pedindo ajuda a Deus, dizendo que o filho e o marido estavam na front, levados pelos alemães. Nós agradávamos a italiana, fazíamos com que ela saísse daquele medo, daquele pavor, com carinho, com delicadeza e, apesar de todo esse conforto éramos barbaramente atraídos ao acampamento e na front. Não podíamos nos descuidar com aqueles desviados...Mas foi uma minoria, produto da própria guerra.¹⁴⁰

Este depoimento destoa das memórias dos veteranos da FEB. É consenso entre estes a boa relação entre civis e soldados, mas isto não quer dizer que atritos não pudessem ocorrer e, muito menos, que furtos e trapanças não pudessem ser cometidos. O sargento Munguba narra uma dessas ações de engodo perpetrada por italianos:

Por vezes, como nós outros, faziam algumas molecagens. Coisas pitorescas. Havia um cigarro brasileiro chamado Yolanda, que tinha a figura de uma loura na caixa; mas a gente recebia cigarro americano, Chesterfield, Camel etc; não me lembro exatamente, porque não fumo; os italianos não suportavam o Yolanda, cigarro forte que alcunhavam de *bionda cativa* (loura ruim). Os meninos abriam a carteira americana por trás, retiravam o cigarro americano, enchiam-na de cigarro brasileiro e vendiam para os italianos. Havia uma outra “malandragem local”: chá de casca de qualquer coisa, diziam que era vinho. Mas, de qualquer forma nos dávamos muito bem; ainda hoje, tenho uma grande admiração por eles.¹⁴¹

¹³⁹ BOUCSEIN. Op. Cit. pp. 60

¹⁴⁰ Ayrton Vianna Alves Guimarães. Op. Cit. pp. 273.

¹⁴¹ MUNGUBA. Op. Cit. pp. 99-100.

Mesmo assim é desconhecido na literatura sobre a FEB casos de assassinatos ou agressões de italianos civis contra soldados brasileiros, muito pelo contrario, já que a Justiça Militar teve que condenar praças por crimes contra a população (como será visto no capítulo III). A população civil estava muito mais vulnerável a abusos por parte dos militares, algo que é reconhecido pelos veteranos:

Eu só pensava em minhas irmãs, nas brasileiras e esperava que a guerra jamais acontecesse no Brasil, porque quem pena mesmo é a população civil. O soldado sofre mais tem comida, uma ração, tem seu descanso, tem tudo e a população civil não tem nada, por vezes, perde até o teto, perde tudo. A gente fiscalizava e monitorava o comportamento do soldado, porque sempre existiu um mais afoito, que poderia desrespeitar a mocinha ou outras senhoras que estivessem ali, por sinal, mulheres bem bonitas, com um rosto que parecia uma maçã madura.¹⁴²

O receio que tantos homens juntos, num ambiente de brutalização que era a guerra, pudessem desembocar em abusos contra a população civil estava presente entre comandantes e comandados. O soldado Abdias de Souza fala da possível punição de quem assediava uma italiana:

Eu acho que o italiano não se queixou do brasileiro, porque tínhamos uma segurança tão grande, um respeito, uma ordem de ninguém se aproximar das mulheres. Inventaram até um boato que o cara que corresse atrás de uma mulher ia para o saco de areia. Não sei se aconteceu isso. Era um saco de areia mesmo de cinquenta quilos nas costas do soldado. Era o castigo. Você ficava lá no Sol com aquele saco pendurado nas costas.¹⁴³

Mas predominava relações pacíficas, amistosas, inclusive em meio ao comércio clandestino. Nas ramificações desse comércio ilegal era possível encontrar situações inusitadas. Numa localidade chamada de Pieve di Cascio, Boris Schnaiderman testemunha, talvez, uma das “pontas” nos elos que formavam as redes de comércio clandestino:

Era um ambiente de camponeses abastados, que não foram atingidos pela miséria e que certamente tiravam suas vantagens no câmbio negro. Grandes salames e lingüiças pendiam ali do teto. Os praças ficavam a namorá-los, mas não adiantava querer comprar: eram pra passar o inverno, o sustento da família, diziam os donos da casa, embora ele dessem para alimentar um batalhão.

Via-se o estoque diminuir de quando em quando e, no dia seguinte, era infalível ouvir-se o ganir desesperado de um porco, pendurado pelas patas

¹⁴² Sgt. Oswaldo Matuk. Op. Cit., pp.257.

¹⁴³ Abdias de Souza. Op. Cit., pp. 190. .

traseiras e sangrando vivo. E após esta operação prolongada e sinistra, o estoque se renovava.¹⁴⁴

A unidade de artilharia onde servia o sargento Schnaiderman havia se instalado nesse vilarejo e passara a conviver com alguns civis, especialmente com a família que cedera a casa para o Posto de Comando (PC) e a Central de Tiro (CT). É difícil ter certeza da ligação dessa família em específico com o mercado negro, mas podemos especular que sua condição era no mínimo suspeita. A existência de porcos para abate era um indicio, já que as tropas alemãs, que tinham certa dificuldade em serem abastecidas de gêneros frescos, rapinavam animais domésticos. Havia um controle, ou pelo menos uma tentativa, do comando aliado no comércio de gêneros alimentícios, justamente para evitar o desabastecimento da população civil. Mas a grande circulação de tropas de varias nacionalidades, a destruição dos meios de comunicação e a presença de forças inimigas criava grandes dificuldades para os serviços básicos.

Esse exemplo nos chama atenção para outro possível justificativa — além da proximidade lingüística — para a relação entre os soldados da FEB e os civis serem tão intensas. A convivência muito próxima com a população, com grande freqüência, era fruto do uso do mesmo espaço doméstico. Embora nas folgas os soldados tivessem oportunidade de freqüentar grandes centros urbanos, como Florença e Roma, era mais fácil transitar pelos pequenos vilarejos dispersos entre as elevações do Apeninos. As unidades se instalavam nas vilas, ocupavam as casas com seu material de campanha, em especial os PCs. As famílias italianas se acomodavam entre os soldados, dividindo cômodos e partilhando a cozinha, o banheiro e as demais instalações da propriedade. Aliás, era comum os soldados entregarem suas rações para que a mulher da casa preparasse refeições. Era como uma relação mutualista entre duas espécies: os praças, com seu grande volume de mantimentos e material, trazendo uma fatura desconhecida desde o início da guerra; os *paesani* com suas residências pobres, mas cheias de um ambiente familiar, que evocavam o país distante, a normalidade de uma vida campesina simples. Para muito soldados, havia uma carência por afeto, algo difícil de conseguir numa simples aventura com as prostitutas:

O romance começou quando o comando do Grupo ainda estava em Silla. Toda Bateria-Comando comentou então a novidade. [...] Pobre Giovanna. “Mia povera Giovanna”, como dizia Anésio nos momentos de efusão.

¹⁴⁴ SCHNAIDERMAN. Op. Cit. pp.152.

— Corre, vá. I ragazzi stano esperano.

Ela saia correndo, segurando as latas. Entrava num dos casarões e subia para o segundo andar. No quartinho abafado, havia três crianças pálidas, magras, doentias. [...]

As crianças gostavam muito dele. Sentavam-se no seu colo, metiam-lhe a mão no bolso, para ver se trouxera caramelli. Anna de olhos profundos e sérios, rodeados de círculos roxos, Gioia de cabelos de ouro, Ricardo de corpo franzino. Eram os seus bambini, a sua família.

Não adiantava fingir que era simples aventura, coisa de homem, de soldado. Realmente aproximara-se da viúva pensando em seu corpo cheio, maduro, de pernas grossas e seios robustos. Mas depois foi aquela amizade boa, aquele convívio afetuoso, aquele carinho feminino em sua vida rude e insípida. [...]

Na estrada de Silla, a sinistra 64, pensava naqueles lábios, naquele corpo ainda bom de Giovanna. Mas, sobretudo, naquele calor que se introduzira em sua vida, e que o impelia estrada afora, os bolsos do capote repletos de escatoletas, na direção do vilarejo bombardeado, fazendo esquecer o medo da morte e o temor do coronel, a uma repreensão na Folha de Alterações, às zombarias inevitáveis dos praças.¹⁴⁵

O soldado Joaquim Xavier e seus companheiros de unidade também demonstrariam esse estreito laço emocional com uma família de italianos, convivendo na residência dos mesmos. Em Bombiana passariam boa parte do inverno — quando um grande número de operações se dava no nível de patrulhas (ver capítulo III) — à espera da chegada da primavera e de uma grande ofensiva dos aliados.

[...] D.Dina e “seu” Mario eram os donos da casa, e nela moravam quando a requisitamos.

Esse casal de italianos conquistou nossa amizade para todo o povo da Itália. Cedeu-nos os melhores quartos, com cama. No Natal ofereceu-nos um modesto almoço, mas era tudo quanto tinham. Procurou dar-nos um ambiente de família. Quando algum de nós chegava estropiado, com a roupa úmida, avivavam o fogo da lareira para secar nossa roupa. Nossa equipe passou quase todo o inverno em Bombiana, mas na nossa volta encontramos nossa roupa lavada e arrumada num cantinho. Sei que eles nunca lerão estas linhas, mas quero deixar aqui expresso o nosso agradecimento. Acho que posso falar em nome de todos os companheiros do pelotão de transmissões.

Na noite que fui para casa com bronquite, D. Dina fez emplastos quentes, que substituía a intervalos [...]. Quando a gente fica doente é que sente bem falta do carinho da família [...].¹⁴⁶

Embora a carência de afeto fosse claramente perceptível entre os soldados nos momentos entre combates, era mais fácil conseguir prazer pago, imediato, seja através do *vino rosso* ou com as *signorine bionde*. A prostituição possivelmente era um dos meios mais comuns de contato dos soldados com os civis. Tanto nas pequenas vilas rurais como nos grandes centros urbanos é presente a prática da prostituição, muitas

¹⁴⁵ SCHNAIDERMAN. Op. Cit. pp. 156-158.

¹⁴⁶ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. Op. Cit. pp. 99.

vezes com a convivência de parentes próximos como pais, irmãos e maridos. O soldado Joaquim Xavier da Silveira, de licença em Roma, relata suas experiências com o submundo de comércio clandestino e prostituição:

[...] Às 22 horas fechavam todos os bares públicos da cidade, mas abriam os clandestinos. Fomos a um deles. Entrava-se por uma portinha de uma casa qualquer, encaminhando-se para um portão, através de várias portas. A última abria para um vasto salão, cheio de mesas onde homens e mulheres bebiam, num ambiente de fumaça dos cigarros e no meio do barulho dos bêbados. Homens em traje civil, de todas as idades, andavam com maços de retratos na mão, oferecendo pequenas dispostas a proporcionar aos soldados uma noite agradável. Havia de todos os tipos e preços, algumas bem lindas e novas. Era um dos cancos da guerra, a prostituição, conseqüente da miséria e da fome. É claro que lá naquela ocasião, ninguém se perdeu em cogitações dessa natureza. Cada um procurou o tipo do seu agrado, e eu mesmo acabei esquecendo-me por completo que tinha sido abençoado pelo Papa naquele dia.¹⁴⁷

Mas relatos como esse hoje são evitados pelos veteranos, já que muito não consideram de bom tom assumirem que se relacionaram com prostitutas, mesmo na época da guerra. Mesmo assim admitem que muitos companheiros procuravam por estes serviços nas vilas e cidades, até mesmo os oficiais, embora estes fossem mais discretos — devido a uma certa imagem de superioridade que tentavam manter em relação aos praças e graduados mesmo em ocasiões fora das atividades bélicas.

Além das diversas situações e aspectos citados das relações com os civis italianos, os soldados da FEB ainda passariam por uma experiência singular junto a esses: a libertação de cidades.

2.1.3 *Brasiliani liberatori*

A ocupação da Itália pelas tropas alemãs e a mudança de atitude destas para com a população civil — que passou a ser vista com desconfiança muitas vezes e até como inimiga devido às ações da guerrilha — contribuiu para as forças anglo-americanas e suas subordinadas terem uma boa imagem.

Além das ações humanitárias e da própria tentativa de organização de uma administração, a reação positiva dos civis italianos se manifestava logo após os combates. Isto era bem perceptível quando tropas aliadas chegavam numa cidade recém abandonada pelos nazistas em fuga, ou até mesmo logo após os combates para libertar a mesma:

¹⁴⁷ SILVEIRA. Op. Cit. pp. 96.

[...] Em qualquer lugar que chegávamos, depois dos alemães se retirarem, éramos recebidos com festa, eles [civis] diziam *brasiliani liberatori*. Se quiséssemos era festa de manha à noite. Sempre contaram com o nosso apoio, em comida inclusive. Como eu era casado, minha mulher me mandava sempre uns caixotinhos com goiabada e café. Eu fazia o café e, quando havia oportunidade, oferecia às famílias italianas.¹⁴⁸

Após o rompimento das linhas defensivas alemãs no alto do Apeninos, em meados de Abril de 1945, os brasileiros teriam acesso ao Vale do Panaro. Os alemães recuam suas unidades e a FEB começa uma acelerada perseguição. Seguidas cidades são libertadas neste processo. Boris Schnaiderman fala sobre este momento:

[...] Finalmente a estrada não desce mais, estamos mesmo no vale, passamos por aldeias e pequenas cidades, a população vem às ruas, em muitos lugares agrupa-se nas margens da estrada para jogar fores nos carros, flores, gritos de saudação, beijos atirados pelas moças, há um bem-estar que sobe pelos membros e vai até a cabeça, *liberatori! Liberatori!* Passamos por Vignola, com suas casas antigas, com seus pomares e hortas, por toda a parte há lençóis brancos nas janelas, em algumas cidades aparecem também bandeiras vermelhas com a foice e o martelo [...].¹⁴⁹

O clima de festividade tomava a Itália a medida que a guerra se distanciava com a retirada das tropas nazistas. Joaquim Xavier da Silva e sua unidade de comunicação pôde presenciar, e aproveitar, como Schnaiderman a receptividade dos civis. Ele relata sua passagem por cidades do Vale do Panaro e do Vale do Pó:

O tal vale foi uma agradável surpresa, havia de tudo, menos pó. Graças a Deus! Uma grande alegria reinava por toda a parte. Não havia ninguém que não estivesse sorridente. E os italianos também, a alegria era tanta que nos beijavam homens e mulheres, nesse arrebatamento tão próprio da raça latina. Nós só apreciávamos, naturalmente, o arrebatamento feminino, o outro sendo bem dispensável. Não sei se nossa aparência era muito heróica, mas um pouco grotesco eu garanto, com as roupas cinzentas de pó [...]. Mas nem com essa aparência deixávamos de ser saudados pelas belas italianas, nem o nosso paladar embotou tanto que nos impedisse de provar o vinho com regaram a nossa passagem pelas cidades. Assim, atravessamos uma fileira de cidades, aldeias, *paesi*, como Vignola, Reggio Emilia, Fidenza, Parma, Fidenza, Pontenura, etc.¹⁵⁰

¹⁴⁸ O Sgt. Moacyr M. Barbosa serviu na 7ª Cia do III/1ºRI. HOESGM, Tomo V Op. Cit. pp. 333. Entrevista realizada em 31/08/2000.

¹⁴⁹ SCHNAIDERMAN. Op. Cit. pp. 177.

¹⁵⁰ SILVEIRA, Joaquim X. Op. Cit. pp.136.

Estes relatos mais festivos e alegres são uma exceção nas narrativas de Schnaiderman, que, de maneira geral, abusa da angústia e melancolia para descrever suas experiências da guerra. O clima de festividade era contagiante. Logo os relatos sobre os eventos ocorridos numa libertação se espalharam. A libertação de uma cidade era um momento que alguns dos correspondentes de guerra passaram a desejar presenciar. Depois de lamentar não estar na vanguarda das unidades aliadas quando da libertação de Bolonha, Rubem Braga e Raul Brandão — este correspondente do *Correio da Manhã* — decidem se aventurar pelo Vale do Pó, seguindo as estradas recém abandonadas pelos alemães, se adiantando em algumas localidades à unidades da FEB:

Quando chegamos a Montecavolo, a aldeia parece vazia. [...] Não estamos seguros se os alemães já abandonaram Quatro Castella, que fica poucos quilômetros além. Quando nota que somos aliados, o velho se põe a gritar, e minutos depois estamos cercados de gente — principalmente mulheres velhas e moças. São faces rosadas que avançam para nós tremulas de emoção, rindo entre lágrimas, vozes estranguladas de prazer. [...] Dois homens me puxam pelos braços, uma mulher me beija, todos disputam a honra de nos levar para sua casa. Afinal, um casal de velhos ganha a partida e nos leva para uma sala, e toda a casa se enche de gente. A todo momento chegam retardatários, que ficam nas pontas dos pés para nos ver, para ver esses estranhos seres, tão longamente, tão ansiosamente esperados: os soldados aliados.

— Há tanto tempo que vos esperávamos! Há tanto tempo! *Liberatori! Brasiliani!*

Trazem queijo, abrem garrafas de vinho espumante, obrigam-nos a beber. Dezenas, centenas de olhos nos fixam, como se estivessem vendo três deuses — e não dois feios correspondentes de guerra e um pracinha chofer. Somos os primeiros aliados a chegar ali. Os alemães partiram horas antes.

— *Liberatori!*...¹⁵¹

Mas a guerra ainda não terminara. Nem sempre se encontrava vinhos e flores a receber os praças e mesmo durante as festividades o risco de morte ainda se fazia presente. As tropas alemães e italianas fascistas, em fuga, muitas vezes disparavam contra a população. Pontes eram minadas e casas dinamitadas para retardar o deslocamento das forças aliadas.

[...] Ouvem-se de quando em quando uns disparos isolados e, numa garagem da vizinhança, há dois infantes feridos, atendidos por um soldado do batalhão de saúde, estendidos sobre as mantas, gemem baixinho, esperando pacientemente a evacuação [...].¹⁵²

¹⁵¹ BRAGA. Op. Cit. pp. 260.

¹⁵² SCHNAIDERMAN. Op. Cit. pp. 178.

O relato do sargento Schnaiderman, feito próximo a Quatro Castela, se soma ao de outros veteranos, que mostram os riscos que os soldados ainda estavam submetidos, até mesmo ao lidar com os civis ou os guerrilheiros, nos momentos finais da guerra ou mesmo no ato de libertação de uma cidade em qualquer momento da campanha da FEB. Os *partigiani*, quando da libertação de uma localidade, promoviam a caça a elementos nazi-fascistas ou seus colaboradores. Pessoas eram presas e executadas. Algumas vezes, praças e oficiais brasileiros se viam em situação de tensão e interviam para evitar execuções sumárias e brutalidades por parte dos guerrilheiros¹⁵³.

Mas as situações de risco e até de atrito que os soldados da FEB passariam frente a população civil eram secundárias, pois, embora a situação fosse tensa entre fascistas e seus simpatizantes derrotados e os *partigiani*, com os soldados aliados haveria outra tônica, de cooperação, de trocas e as vezes até de contravenções, como visto.

Pensar as relações dos soldados brasileiros durante a campanha da Itália, após avaliar o papel dos civis italianos, nos remete, agora, a considerar as influências dos norte-americanos que lutaram ao lado da FEB no *front* italiano.

2.2 – Os americanos: o *american way* nos campos de batalha

Uma vez acertado o envio de uma força expedicionária brasileira surgia a necessidade de aparelhar e treinar esses homens, especialmente no caso de um novo modelo de guerra que se apresentava, uma guerra altamente mecanizada, com uma série de tecnologias inéditas para o exército brasileiro. Como o Exército Brasileiro não tinha recursos para prover estes novos armamentos e o adequado treinamento — o que não era exclusivo dessa arma, pois tanto a Marinha quanto a nova Força Aérea Brasileira estavam carentes de material e homens preparados — se tornou condição *sine qua non* para a existência da FEB a ajuda norte-americana.

Não seria a primeira vez que o Exército Brasileiro teria que se adequar a um modelo de organização estrangeiro. Só no período republicano já teríamos tido, pelo menos, duas missões militares de relevante influência doutrinal, técnica e até política. Nas primeiras décadas do século passado militares brasileiros viajariam à Alemanha para conhecer os avanços marciais desse país, mas com a I Guerra Mundial (1914-1918) e o alinhamento do Brasil contra os alemães — o que não impediu o governo de

¹⁵³ Em Camaiore, oficiais da 1ª Cia do 6º RI interferiram junto ao comando americano para libertar civis aprisionados por guerrilheiros. GONÇANVES, José e MAXIMIANO, Cesar C. *Irmãos de armas: um pelotão da FEB na II guerra Mundial*. São Paulo: Códex, 2005, pp. 81.

adquirir armamento germânico, especialmente canhões da Krupp — tínhamos a aproximação com outras potências, em especial a França. Essa Missão Militar Francesa, que se instalara no início da década de 1920, teria grande influência sobre a formação do oficialato do Exército Brasileiro, e conseqüentemente sobre sua doutrina militar, já que passara a comandar as instruções de alguns dos principais centros de formação como a Escola de Comando e Estado-Maior e a recém fundada (pelos franceses) Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais¹⁵⁴.

Durante o governo Vargas haveria uma reaproximação comercial e política com a Alemanha, que resultaria, também, pelo menos até o início da década de 40 numa proximidade militar. A Alemanha hitlerista gerava uma admiração em certos setores do governo varguista, especialmente a partir do Estado Novo¹⁵⁵. As vitórias militares e as novas estratégias e tecnologias bélicas germânicas impressionava militares influentes do governo, como o Chefe do Estado-Maior do Exército, Góes Monteiro. Nesse momento o Brasil se tornara um importante fornecedor de matérias primas para Alemanha nazista, que pagava com material bélico¹⁵⁶.

Mas o ataque japonês a Pearl Harbor e a entrada dos EUA no conflito, em dezembro de 1941, — juntamente com a declaração de guerra da Alemanha à potência norte-americana — promoveram uma reviravolta nas relações internacionais das Américas. Embora o Brasil tivesse significativas e crescentes relações com a Alemanha, o quadro era mais favorável aos EUA. O Brasil tinha neste país seu principal parceiro comercial, além disso, havia acordos entre as nações do continente para cooperação mútua no caso de agressões externas — acordos esses que foram prontamente evocados pelos EUA em janeiro de 1942, na III Reunião dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas.

Uma vez formada a e enviada a Europa, a FEB estaria subordinada ao V Exército norte-americano, ou seja, lutaria ao lado de outras unidades do Exército dos EUA: 1ª Divisão Blindada, 34ª Divisão de Infantaria, 10ª Divisão de Montanha e a 85ª Divisão de Infantaria. Com isso, além do treinamento com instrutores norte-americanos tínhamos a convivência com soldados, tanto em ocasiões no *front* quanto na retaguarda. Assim, a maneira dos brasileiros de fazer a guerra teve muita influência dos soldados

¹⁵⁴ MACCANN, Frank. *Soldados da pátria: História do Exército Brasileiro (1889 – 1937)*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, pp.269-271.

¹⁵⁵ STANLEY, Hilton. *Oswaldo Aranha: Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

¹⁵⁶ Para mais detalhes sobre as relações comerciais entre o Brasil e as principais potências do período da II Guerra ver SEITENFUS. Op. Cit.

estadunidenses. Estes haviam aprendido primeiramente com os ingleses e até adquirirem experiência tiveram que sofrer baixas e derrotas, como as frente ao *Afrika Korps* germânico no norte da África.

O engajamento dos norte-americanos significou, entre outros acontecimentos, um volume inimaginável de recursos para os Aliados. Os parques industriais dos EUA — distantes do alcance dos bombardeios inimigos — passaram a fornecer armas, veículos e equipamentos à boa parte das tropas engajadas contra as forças do Eixo, como australianos, neozelandeses, poloneses livres, ingleses, russos e etc. O historiador Luis Felipe da Silva Neves, do Departamento de História da UFF corrobora o peso da produção industrial e, especialmente, como isto impressionava os soldados envolvidos:

Mais de 30 milhões de pessoas alistaram-se, quase a população do Brasil na época, e destes, mais de 17 milhões passaram por exame médico. A mobilização e a manutenção desta economia de guerra envolveu recursos fantásticos fazendo o pracinha ficar estupefato com o que via.

Somente em 1944 os EUA puseram no mar uma tonelagem de navios de guerra igual à de toda marinha japonesa às vésperas de Pearl Harbor. Produziram milhares de tanques a mais do que os alemães, fabricaram quase 300 mil aviões. Mas talvez o maior sucesso tenha sido o “*Liberty Ship*”, um cargueiro produzido em larga escala, de forma padronizada, que tornou possível ter tantas pessoas e tanto material em tantos lugares diferentes ao mesmo tempo.¹⁵⁷

Essa “guerra da fartura”, ou seja, a profusão de recursos oferecidos pelas Forças Armadas Norte-Americanas marcaria os pracinhas brasileiros desde o transporte para a Itália, feito em navios dos EUA. Para muitos era a primeira vez que se via comida em tal quantidade e variedade:

A comida até ai não era ruim, era boa. Era a primeira vez que tinha contato com a comida americana. De manhã cedo eles furavam uma lata assim de suco de limão, chamavam *greapefruit*. Faziam a gente beber aquele caldo azedo! Aí tinha leite, chocolate, tinha de tudo, de quanto você quisesse comer você comia. Ovos “estalados”!¹⁵⁸

Essa profusão de alimentos contrastava com o quadro geral das unidades no Brasil, onde os recursos eram parcos e o preparo técnico dos soldados responsáveis pelas cozinhas e setores sanitários estava muito aquém dos padrões mínimos exigidos e oferecidos pelos aliados estadunidenses. O cabo Raul, também demonstra seu espanto com a alimentação estrangeira e compara com a oferecida pelo Exército brasileiro:

¹⁵⁷ NEVES, Luis Felipe da Silva. “A Força Expedicionária Brasileira: 1944-1945”. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.) *Segunda Guerra Mundial: Um balanço histórico*. São Paulo: Xamã, 1995, pp.305-306.

¹⁵⁸ O Sd. Vicente Alves do Nascimento serviu na Cia. de Petrechos do 11º RI como metralhador. Entrevista concedida ao autor em 17/07/08.

[...] De Livorno fomos para San Rossore. Era uma área perto de Pisa, muito grande. Então aqui nós recebemos material. Todas as Cias, num dia de manhã. Ai tinha americano, tinha tudo. Os americanos estavam ajudando os nossos cozinheiros a fazer comida. Chegou material, fogão, um monte de coisa que não tinha visto.

Aqui? Aqui era carroça. Na Bahia e em todo lugar. A gente vinha trabalhar, fazer exercício, no mato, eram carroças puxadas por burros e com a cozinha no fundo, já vinha até cozinhando por ai. Mas a americana não, eram uma cozinhas mesmo. Toda Cia tinha uma. Enquanto a gente tava aprendendo, os cozinheiros também estavam. Eu tava num local onde demoramos mais e ai eu pude ver com mais calma. Foi leite em pó, não, ovo em pó. Fui ver como eles faziam. Rapaz! A gente vai num supermercado e vê 'aqueles bichão' grande de presunto. Aquilo! Uns panelões, modo de dizer. Eram gavetas enormes, de puxar. Ai bota a gordura e pega um saco e derramava assim, ovo em pó! Ai outro já ia cortando o presunto. E outro puxava outra coisa ali. O café era brasileiro, o Brasil mandou muita coisa. De inicio, mandou até feijão.

O açúcar já era do jeito deles. Aquelas pedras. Torrões. Uma vez o 11º RI tava descansando e chegou feijão. Ai chegou aquilo. A maior comida que tinha, peru! Rapaz! Aquelas coisas enormes nas cozinhas. Já vinha gelado. Era peru! Eu nunca tinha comido! Nem em minha casa! No exército aqui era feijão, arroz, farinha e uns pedaços de carne. Carne de sertão. A comida aqui era sempre essa. Até no Rio. Eu nunca vi comida como aquela [americana]!¹⁵⁹

Era uma estrutura e fornecimento inéditos para os brasileiros. A larga escala de produção das cozinhas de campanha não estava desacompanhada de soluções criativas para manter o fornecimento adequado de alimentos e a higiene. A admiração pela organização norte-americana se faz presente até entre alguns dos mais fervorosos críticos da FEB. No polêmico *Depoimento de Oficiais da Reserva*, o Tenente Ubirajara Dolácio Mendes assina um artigo específico sobre a alimentação da FEB e comenta:

[...] junto ao rancho ficavam sempre três latões de água, dentro de cada um dos quais era mergulhado um esquisito aquecedor a gasolina, provido de chaminé. O conjunto todo dava um aspecto de uma girafa gordinha, sem pés, com um longo pescoço preto. No primeiro daqueles três recipientes citados, a água tinha sabão dissolvido; no segundo e no terceiro, a água era pura. As refeições nos eram servidas em nossas marmitas de campanha. Assim que comêssemos, jogando o resto em locais previamente designados, metíamos marmita, caneca e talheres dentro da água de sabão a ferver, agitando tudo lá dentro por uns instantes. Daí passávamos tudo por novos banhos nos outros dois latões de água em ebulição...e todo o material estava limpo como novo. Esse método de limpeza de marmitas e talheres foi novidade absoluta para o pracinha brasileiro, habituado, até então a higienizar aquele material, em campanha, com água e terra...¹⁶⁰

A preocupação com a alimentação vinha não só dos fatores nutricionais, mas também com o psicológico. Fornecer refeições quentes ou especiais contribuía para a

¹⁵⁹ Raul Carlos dos Santos. Op. Cit.

¹⁶⁰ Esta é uma obra referencial, pois fora produzida poucos anos após o conflito mundial por jovens oficiais da reserva, representando uma das primeiras avaliações da participação brasileira na II Guerra Mundial sem se ater às versões da historia militar oficial. MENDES, Ubirajara D. Soldado com fome não briga. In: ARRUDA, Demócrito C. (Org.) *Depoimento de Oficiais da Reserva Sobre a FEB*. São Paulo: Ipê, 1949, pp. 248.

moral elevada da tropa, pelo menos na visão do comando. Os soldados percebiam esse intuito, como é no caso do peru. Alguns brasileiros atentam que esta ave só era fornecida as vésperas de alguma operação:

Uma das coisas curiosas, também, só para chamar a atenção: quando nos davam peru, sorvete, queijo, doce, era sinal de que, no outro dia, haveria uma batalha, alguma coisa grande; parece que era para a gente morrer com a barriga cheia de coisa boa. Assim como a “última refeição dos condenados”!¹⁶¹

O sargento Moacyr Machado Barbosa corrobora essa visão a respeito de alimentações especiais quando da iminência de uma ação:

A alimentação era boa. Recebíamos até peru. Só que quando era servido no almoço, sabíamos que, à tarde, tínhamos uma missão nova para cumprir. Peru era um presente de grego. Era uma coincidência tremenda! Se não era asa, se era peito, ou coxa, nós sabíamos que dali a pouco sairia um Pelotão para fazer um reconhecimento difícil em uma igreja, em uma aldeia ou para verificar algum movimento lá na frente. Almoço com peru era seguido de missões variadas, coincidência que não falhava!¹⁶²

Mas nem sempre era possível ter essa atenção e muitas refeições eram enlatadas ou acondicionadas em caixas. Essas latinhas, as “rações C”, poderiam ser mais facilmente transportadas, e, mesmo tendo variações, de forma geral o sabor não agradava muito aos brasileiros — além de que, muitas vezes, sua distribuição poderia significar uma missão onde o retorno às linhas amigas não era breve. Já as “rações K” eram acondicionadas em caixas de papelão impermeabilizadas e também distribuídas quando da impossibilidade da cozinha ser instalada próxima à Cia, sendo três caixas diárias.

Junto com as rações vinham chicletes, chocolate, caramelos, papel higiênico e cigarros. O Brasil enviava cigarros para suas tropas, mas, segundo o relato de muitos veteranos, o melhor fumo nunca chegava aos soldados do *front*. De qualquer forma a intendência norte-americana fornecia maços diariamente aos soldados brasileiros, que permitia a esses um grande poder de barganha junto à população civil, como veremos mais a frente neste capítulo.

Essa guerra da fartura também acontecia com as armas, veículos e equipamentos, mesmo com a concentração de recursos e homens na *Operação Overlord*, em junho de 1944, ou seja, a invasão da Normandia, o *front* italiano trouxe para os brasileiros uma quantidade inédita de material e inovações da tecnologia militar.

¹⁶¹ Sgt. Silas de Aguiar Munguba. Op. Cit., pp. 98.

¹⁶² O Sgt Moacyr Machado Barbosa. Op. Cit. pp. 332.

O Exército brasileiro era basicamente hipomóvel, havia poucas unidades mecanizadas e os carros de combate eram em números muito reduzidos e antiquados ¹⁶³. A FEB sozinha possuía quase 1400 veículos e, embora não possuísse tanques, seu Esquadrão de Reconhecimento era equipado com treze blindados leves M-8, cinco veículos de meia lagarta e mais vinte e quatro *jeeps*¹⁶⁴. Diferente das tropas germânicas, que tinham grande dificuldade em manterem o fornecimento de insumos para suas unidades motorizadas, havia uma fartura de combustível entre os aliados: “Não tivemos falta de gasolina. O motorista que deixasse sua viatura parar por falta de gasolina era preso. Em espaços regulares, havia camburões para troca e, também, bombas de combustível; era só parar e abastecer”¹⁶⁵.

Essa grande quantidade de material criou uma demanda por técnicos inédita e sobrecarregou o serviço de seleção do exército. Isto resultou numa intensificação nos cursos para cabos e soldados, sendo que muitos já começaram tendo instrutores norte-americanos no Brasil. No caso de muito oficiais os cursos poderiam ser ministrados em escolas preparatórias nos EUA, como foi o caso do capitão Plínio Pitaluga, comandante do Esquadrão de Reconhecimento da FEB. Mas para boa parte da tropa, em especial do primeiro escalão, a instrução junto aos americanos se deu já na Itália. A respeito desta instrução Vicente Gratagliano recorda as diferenças e m relação ao treinamento fornecido pelo exército brasileiro:

Depois de Tarquinia nos deslocamos para Vada, onde recebemos o armamento. Lá passamos dois meses recebendo instrução, agora, segundo os padrões americanos. Quase tudo que aprendemos aqui [no Brasil], ao estilo Frances, ficou esquecido, não existia mais e, em dois meses aconteceu uma verdadeira reviravolta. Aprendemos e praticávamos pelo sistema americano. Até o “sotaque” das metralhadoras do inimigo, eles nos mostraram, bem como o nosso novo armamento. Na verdade não conhecíamos nada; fizeram uma demonstração, dispararam uma “*Lurdinha*”:

— Essa é uma metralhadora do alemão.

Quer dizer, quem falou foi o interprete:

— Dispara 1200 tiros por minuto [...] ¹⁶⁶

¹⁶³ Segundo o cap. Plínio Pitaluga: “Esses carros Ansaldo [Fiat Ansaldo Carro Veloce CV33] constituíram o núcleo do esquadrão autometalhadoras e daí a formação do Centro de Instrução Motomecanizado, junto com os Renault [FT 17]. Eram um 38,40. Dos Renault, uns 10 ou 15 ainda funcionavam”. Apud. BONALUME NETO, Ricardo. *A nossa Segunda Guerra: Os brasileiros em combate – 1942-1945*. Rio de Janeiro: Expressão Cultural, 1995, pp.125.

¹⁶⁴ BRANCO. Op. Cit. Tabela. pp. 129

¹⁶⁵ Moacyr M. Barbosa. Op. Cit. pp.332.

¹⁶⁶ Vicente Gratagliano. Op. Cit. pp. 284

A falta de pessoal preparado resultou em variadas conseqüências, das mais simples (como o preparo errado de refeições por não ter tradutores nas cozinhas) às mais graves (houve muitas baixas provocadas por acidentes, especialmente com veículos e armas de fogo, levando inclusive à óbitos no início das operações da 1ªDIE). Ao todo foram sessenta brasileiros mortos em acidentes diversos, especialmente de veículos e com armas de fogo.¹⁶⁷

As dificuldades de adequação da FEB foram percebidas e registradas pelos órgãos e instrutores norte-americanos responsáveis pelo treinamento da tropa brasileira, gerando, segundo Neves, uma volumosa documentação a ser analisada:

A documentação produzida pelo BLD [*Brasilian Liaison Detachment* – um destacamento de ligação entre o Exército Brasileiro e o dos EUA] é vasta, antecedendo à chegada dos pracinhas à Itália. Servia, de início, para informar aos americanos as características essenciais não somente as forças armadas do Brasil, mas também como eram seus novos aliados como povo.¹⁶⁸

De acordo com o pesquisador fluminense, essas críticas foram fruto de diferenças culturais — que ele não especifica — e de desenvolvimento, pois a indústria civil e militar dos EUA, quando do envio da FEB à Europa, em 1944, já acumulava quase três anos de experiência no conflito. Embora identifique certa arrogância e preconceito nas análises dos observadores norte-americanos, é nesse contexto de grandes diferenças de desenvolvimento econômico que o autor sugere entender as críticas dos *reports*, pois:

[...] De um lado, estava em funcionamento um complexo esquema militar de uma formação social desenvolvida, industrializada, no limiar da era nuclear; de outro, 25 mil homens de um país pobre, rural, atrasado, agrícola — que de jeito nenhum estava preparado para participar da guerra daquela forma.¹⁶⁹

Utilizando também esta mesma documentação — e mais uma série de arquivos alemães e ingleses — o jornalista William Waack produziu um livro com severas críticas ao Exército Brasileiro e à participação da FEB na II Guerra Mundial. Considerado *persona non grata* entre os veteranos, pois Waack coloca sérias dúvidas sobre a atuação brasileira, argumentando que pela “qualidade ruim” das tropas alemãs no *front* italiano e pelo volumoso apoio norte-americano o desempenho da FEB esteve aquém do possível. Mesmo com o grande volume de considerações negativas o autor

¹⁶⁷ MORAES, João B. M. de *A FEB pelo seu Comandante*. São Paulo: Ipê, 1947, pp. 268-270.

¹⁶⁸ NEVES. Op. Cit. pp. 304.

¹⁶⁹ Id. Ibidem. pp. 306.

acaba por admitir que a avaliação da FEB pelos observadores do Exército dos EUA era preconceituosa, como avaliou Neves:

Mesmo correndo o risco de fazer uma grosseira simplificação é difícil fugir à impressão de que, para os americanos, quando as coisas iam mal, a responsabilidade cabia sobretudo aos brasileiros. Quando melhoravam, deveria ser atribuída a eles mesmos, americanos.¹⁷⁰

Ainda em suas conclusões Waack atribui o patrocínio da FEB pelos EUA a um projeto político maior deste, de longo prazo, onde os aliados continentais visavam uma rede de influência nas Américas:

Para os Estados Unidos, a presença de tropas brasileiras na Itália foi mais uma necessidade política do que militar. [...] Washington jamais perdeu a idéia de que sua cooperação militar com o Brasil resultaria num instrumento poderoso, sobretudo após o conflito. A importância dessa experiência, não custa ressaltar, não deve ser vista apenas na venda de armas ou equipamentos. Sob o lema da “defesa da democracia” e da “solidariedade continental”, ocorreu a importação de doutrinas e métodos de impacto vital para uma decisiva camada de militares brasileiros.¹⁷¹

Abordada dessa forma, o apoio norte-americano parece algo simplista, pois desconsidera todo o processo diplomático e político dos primeiros anos do Estado Novo, onde Vargas negociava tanto com a Alemanha nazista quanto com os EUA, como atestam o historiador Dennison de Oliveira e o doutor em relações internacionais Ricardo Seitenfus¹⁷². Além disso, há o próprio desenrolar da guerra em seus primeiros anos e as necessidades táticas e estratégicas dos Aliados na campanha do Atlântico Sul e do Norte da África.

Mas também isto não exclui um projeto maior de alinhamento político à Washington, assim, a FEB e as Forças Armadas possivelmente foram importantes pontes neste processo — lembrando que a Escola Superior de Guerra, órgão de formação de oficiais superiores brasileiros, fora fundada, em 1949, dentro da doutrina militar norte-americana, inspirada no *National War College* de Washington, e teve a frente nos seus primeiros anos o general Cordeiro de Farias, ex-comandante da artilharia divisionária da FEB¹⁷³. Waack tenta estabelecer relações entre o desdobrar da FEB e o

¹⁷⁰ WAACK, William. *As Duas Faces da Glória: A FEB vista pelos se Aliados e Inimigos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, pp. 217.

¹⁷¹ Id. *Ibidem*. pp. 217-218.

¹⁷² OLIVEIRA, Dennison de. *Os soldados alemães de Vargas*. Curitiba: Juruá, 2008; e SEITENFUS. Op. Cit.

¹⁷³ CAMARGO, Aspásia e GÓES, Walder de. *Diálogo com Cordeiro de Farias: Meio século de combate*. Rio de Janeiro, Bibliex, 2001, pp.349-351.

golpe de 1964, mesmo admitindo que os oficiais de carreira que participaram da campanha da Itália acabaram por não ter, de forma geral, um grande envolvimento nos acontecimentos do regime de exceção citado, aliás, pagaram por isso, pois “[...] para muitos desses militares brasileiros, aliás, a FEB transformou-se num estigma difícil de vencer em sua luta pela ascensão profissional. Ter pertencido à FEB nem sempre ajudou nas promoções”¹⁷⁴.

Ricardo Bonalume Neto, outro jornalista que pesquisou sobre a participação brasileira na II Guerra Mundial, é um crítico da obra de Waack, atentando para o fato de que a caracterização das tropas alemãs adversárias da FEB como cansadas e de qualidade duvidosa é algo relativo, pois ainda assim eram soldados muito mais experientes e comandada por oficiais que já somavam anos de guerra, especialmente da frente russa¹⁷⁵ — essa crítica, ainda segundo Bonalume, é compartilhada com o historiador norte-americano Frank McCann, que a firma sobre as constatações de Waack que “se tivesse lido mais a respeito da campanha italiana, teria percebido que não havia descoberto nada de novo”¹⁷⁶.

Embora tenha proporcionado grandes mudanças técnicas e de doutrina militar, o contato com tropas norte-americanas, talvez, tenha trazido maior impacto no âmbito das relações hierárquicas e raciais. A maneira como o exército dos EUA tratava praças e oficiais e os negros em suas fileiras impressionou os soldados da FEB, provocando admiração, no caso das relações hierárquicas, e críticas, no caso dos tratamentos raciais segregacionistas.

2.2.2 Hierarquia e (des) igualdade

Como a FEB foi constituída de soldados de todos os Estados da Federação havia, portanto, uma grande heterogeneidade de fenótipos na tropa, desde os descendentes de germânicos do Sul aos caboclos do Centro-Oeste. Era o mito da democracia racial brasileira travestido em verde-oliva para a guerra.

Embora os veteranos hoje não se refiram ou não se recordem de preconceito racial dentro da FEB, pelo menos durante a campanha italiana, há registros de que no

¹⁷⁴ WAACK. Op. Cit. pp. 216.

¹⁷⁵ BONALUME NETO. Op. Cit. pp. 120.

¹⁷⁶ MACCANN Apud. BONALUME NETO, pp. 121.

transcorrer dos preparativos para o envio dos soldados brasileiros à Itália houve atitudes discriminatórias por parte de alguns oficiais. O veterano Demócrito C. de Arruda fala sobre o preconceito racial no Exército:

Em 1943, quando o nosso Regimento foi designado para fazer uma demonstração física em São Paulo e se tratou da seleção e organização das turmas componentes, veio uma ordem surpreendente, partida de um general: “tirem fora os negros!” A ordem não foi cumprida, mas houve uma posterior recomendando colocá-los no meio das turmas, evitando a testa e as pontas.

Igual espetáculo ocorreu no Rio, em março de 1944, quando se preparava um desfile da infantaria expedicionária. Nas vésperas de sua realização, lá veio o mesmo comandante, já nosso conhecido, a ordem: “Excluam os negros!”. O problema era que, excluído os negros — e por aproximação também os cafuzos, os mulatos, os morenos, etc. — pouco restaria da nossa infantaria. A ordem, mais uma vez, foi desconhecida; mas, não podemos deixar de guardá-la em nossos espíritos como testemunho sobre a conduta do nosso comando.¹⁷⁷

Talvez a ausência de relatos sobre este tipo de discriminação seja fruto do contraste com a estrutura racial do Exército dos EUA, o que foi lembrado em algumas obras de oficiais brasileiros, como a do Chefe do Estado-Maior da FEB, Cel. Lima Brayner. Diferente do exército brasileiro, nas forças armadas norte-americanas não havia unidades mistas racialmente: grandes unidades (regimentos e divisões) eram formadas por soldados e graduados negros, tendo no máximo tenentes como oficiais; a premissa era que nenhum branco da grande unidade tivesse patente inferior a um negro. Em sua tese de doutorado o historiador Cesar M. Campiani também atenta que a segregação racial no exército norte-americano reforçou a idéia de igualdade na FEB, inclusive para os praças.

Campiani lembra que mesmo sem existir um sistema jurídico segregacionista no exército brasileiro havia o reflexo da sociedade dos anos 40 onde discriminações ainda eram muito presentes:

De fato, em termos de restrições legais e regulamentações, era impossível identificar qualquer traço de racismo no Exército do tempo de guerra. Na prática, os negros brasileiros continuavam a enfrentar obstáculos em suas carreiras militares, fosse pelo tratamento paternalista, fosse pelo mais arraigado preconceito. A ausência de segregação oficializada no Exército Brasileiro bastou para que muitos soldados e oficiais inferissem que o racismo também era inexistente no Brasil dos anos 40, embora poucos expedicionários tenham especulado o porquê da FEB ou mesmo o Exército Brasileiro não contarem com oficiais negros.¹⁷⁸

¹⁷⁷ ARRUDA, Demócrito C. (Org.). “Impressões de um infante sobre o comando”. In: ARRUDA. Op. Cit. pp. 64.

¹⁷⁸ MAXIMIANO. Op. Cit., pp. 313-314.

Mas no imaginário formado pelos veteranos a respeito das relações raciais a idéia que se construiu era que a FEB constituía-se num exemplo a ser seguido, muito diferente do ocorria com a 92ª Divisão de Infantaria norte-americana, a divisão *colored*, ou seja, formada por soldados negros, mas comandada por oficiais brancos. O soldado Vicente Pedroso da Cruz expõe a opinião de muitos praças brasileiros, quanto a organização racial da 92ª DI norte-americana:

[...] A 92ª Divisão lutava na frente, mas, mesmo assim, persistiam os preconceitos; os oficiais, de Capitão para cima, eram brancos. Os praças eram negros; até os tenentes eram negros. Vi muitas vezes a formatura deles. Nossos colegas comentavam: “Olha o pássaro preto e o tico-tico. Porque o tico-tico põe ovo no ninho do pássaro preto.”¹⁷⁹

Fora esta unidade de linha de frente, os negros no exército norte-americano eram utilizados em serviços de retaguarda, como motoristas, cozinhas e unidades sanitárias. Isto demonstrava claramente uma segregação, pois indicava um descrédito do comando americano em relação a capacidade de combate dos afro-descendentes. Mas mesmo nessas funções estes soldados criavam mecanismo de defesa e se valiam de circunstâncias onde armas e o tipo da unidade pouco importavam:

Conseguimos pegar uma carona num caminhão de um americano negro que também estava meio perdido por lá [redondezas de Milão], e ele nos conduziu. Eu e Bridão, que éramos negros, aparecemos na frente da viatura, o Sérgio de Souza, branco, ficou pra trás, caso contrario, ele não pararia. Porque um americano negro não faria para um branco; quando ele estancou, subimos no caminhão e fomos para Milano. E lá era mais fácil a gente chegar ao nosso destino.¹⁸⁰

Na estrada o motorista é o senhor. Vale-se das distâncias, das lacunas da hierarquia e da dependência que todos os soldados e oficiais tem do transporte seguro em um país distante e em guerra. Nesse momento o discriminado tem o poder de “retribuir” todos os maus-tratos e manifesta sua solidariedade apenas aos companheiros de cor, mesmo que estes fossem de outra nacionalidade.

É comum nos depoimentos um regozijo quanto ao aparente tratamento racialmente igualitário na FEB. “*Brasiliiani, andare bianco com nigro*”, como relembra o soldado Abdias de Souza, a respeito dos comentários da população italiana¹⁸¹.

¹⁷⁹ Vicente Pedroso da Cruz. Op. Cit., pp. 303.

¹⁸⁰ José Bernardino de Souza serviu como atirador de bazuca no 1ºPlt da Cia de Canhões Anticarros do I RI. HOESGM, TomoVII, pp. 274. Entrevista realizada em 11/07/2000.

¹⁸¹ Sd, Abdias de Souza. Op. Cit. pp. 191.

Questionado por mim quanto a possibilidade de existência de preconceito o cabo Raul Carlos dos Santos respondeu:

Foi isso que o italiano ficou admirado também. Era tudo igual, não tinha essa coisa não. Principalmente hoje, brasileiro nenhum é diferente. O preto é tão quanto qualquer um de nós. Não. Absolutamente não! Não, não e não! Eu tinha Agostinho, ele era um “negão preto, preto”! Inclusive do Rio Grande do Sul. Desses que não sabiam nem escrever! Não sabia escrever!¹⁸²

O mito da democracia racial se prolonga dos dias da guerra até hoje. Não há desigualdade nos tratamentos no que tange a cor da pele. Mas a igualdade na guerra não mascara a desigualdade social que é carregada para o *front*. O companheiro Agostinho é “desses que não sabiam nem escrever”.

Isto nos faz levantar alguns questionamentos quanto a relação da FEB com os exércitos de outras nacionalidades que combatiam na Itália. Os limites raciais de uma tropa mista como a FEB eram perceptíveis, ou seja, a convivência entre negros e brancos numa mesma unidade sem critérios legais e claros de distinção racial estavam restritos à tropa brasileira? Os oficiais e soldados que trabalhavam junto a outras unidades, como inglesas e norte-americanas, eram selecionados por suas capacidades enquanto militares ou o critério racial se fazia presente? O caso de unidades como a *Military Police* (MP) nos faz pensar nessas questões.

Não havia MP no Exército Brasileiro, hoje chamada de Polícia do Exército. Criada por decreto, em dezembro de 1943, especialmente para compor a FEB — mais uma das influências do Exército dos EUA — teria inicialmente o tamanho de um pelotão, sendo formado, a princípio, por homens da Guarda Civil de São Paulo. Essa unidade tinha por função as ações de polícia, efetuando prisões, policiamento ostensivo, controle de trânsito e ainda transporte de prisioneiros. As atribuições desta tropa implicavam muitas vezes em lidar em situações intimidatórias e violentas, como em brigas. O cabo “X” relata a sua primeira ação num pelotão de MP:

A primeira ação me parece que foi até numa festa, que tinham muitos negros americanos e depois, em determinada área da festa, só entrava branco e aí ouve uma rusga com os americanos brancos, não somente tinham americanos brancos, mas de outras nacionalidades. Mas os negros eram realmente violentos e não nos respeitavam muito.

¹⁸² Raul Carlos dos Santos. Op. Cit.

Assim, essa unidade destinava-se a manter a ordem e, portanto, a ordem racial estabelecida nos exércitos de outras nacionalidades, como no caso citado a segregação nas forças norte-americanas. Isto pode ser observado na formação da própria MP. Quando questionado sobre a presença de negros na sua unidade, o cabo “X” se mostrou surpreso ao perceber que não havia, assim como hispânicos:

Mas que me lembre assim, não tinha preto. Agora você me chamou a atenção de uma coisa: estou pensando se tinha algum preto nas formações de MP. Eu não me lembro que tenha algum preto na MP. [...] É. Que eu me lembre eram australianos, canadenses, principalmente australianos e canadenses e americanos.¹⁸³

Observando que na 92ª DI não havia brancos com patentes inferiores aos negros podemos supor que numa unidade como a MP não haveria soldados ou oficiais que não possuíssem um fenótipo caucasiano. Fazia parte do exercício da função a imposição de um “respeito”. Hispânicos, negros, árabes, asiáticos deveriam obedecer a MPs caucasianos, mas o contrario não ocorreria. Estes fatos me fazem supor que ao lidar com outras unidades, pelo menos no âmbito de atribuições de serviços como o de policia, a premissa de ser uma tropa mista que era a FEB não se aplicava. Resta saber se em outros serviços, como o de saúde e entre os Oficiais de Ligação¹⁸⁴, este quadro de segregação também existia. Infelizmente não tive acesso a depoentes e a dados destes serviços.

Por outro lado, as relações entre praças e oficiais no US Army provocaram admiração e inveja nos soldados e graduados da FEB. No exército brasileiro havia uma forte segregação da soldadesca por parte do oficialato. Além dos elementos distintivos necessários para a manutenção da hierarquia e do funcionamento do comando — fardas e símbolos de patentes diferenciadas — havia uma série de comportamentos e hábitos dentro dos quartéis que estabeleciam claramente a distinção entre estes dois grupos (praças e oficiais).

Isso se manifestava, por exemplo, em refeições e refeitórios diferenciados, punições severas e muitas vezes desnecessárias impostas pelos oficiais, códigos penais defasados¹⁸⁵ e um sistema paternalista que funcionava, muitas vezes, por tráfico de

¹⁸³ Cabo “X”. Op. Cit.

¹⁸⁴ Eram oficiais que mantinham contato com unidades vizinhas e aliadas para trocar in formações e executar missões em conjunto, por exemplo, a FEB tinha Oficiais de Ligação junto a 10ª DM e a 1ª DB com quem atuou em varias circunstâncias.

¹⁸⁵ Segundo o veterano Joaquim Xavier da Silveira “[...] a questão da justiça em tempo de guerra exigiu alterações no sistema vigente, para adequar a legislação especifica às contingências do envio de uma

influência e beneficiava o oficialato. Este sistema de benefícios se mostrou claro na formação da FEB e na participação facultativa de muitos oficiais de carreira, quando deveriam ser os primeiros a serem convocados, como visto no Capítulo I. Embora as Forças Armadas brasileiras já viessem de transformações — como a tentativa de modernização de sua aparelhagem e uma melhor formação em suas escolas preparatórias — e com uma campanha cívica forte no governo Vargas em especial, para muitos o serviço militar obrigatório e a vida em caserna eram vistos como punição.

Segundo Campiani o exército norte-americano antes da II Guerra também comportava sérias diferenciações de tratamento entre praças e oficiais, mas o conflito mundial mudaria isso, pois o crescimento substancial dos quadros levou à convocação em massa de civis. Esse novo perfil, em especial devido há uma grande quantidade de oficiais de baixa patente e graduados convocados devido a suas qualidades técnicas, levaram a diminuição da rigidez das relações hierárquicas.

Como a incorporação de oficiais da reserva e conscritos no Exército dos Estados Unidos atingiu respectivamente a casa da centena de milhar e dos milhões, com o passar da guerra a tensão e atritos entre profissionais e convocados tenderam à diluição. Raras eram as unidades americanas onde se podia observar qualquer coisa próxima à equivalência de oficiais da ativa e da reserva. Nas divisões que combateram nos teatros de operações Europeu, Pacífico e Mediterrâneo, a proporção era francamente favorável aos últimos. É inegável, no entanto, que os americanos também testemunharam instâncias de inveja profissional e consciência demasiada, por parte de graduados e oficiais da ativa, de que elementos que até poucos meses se encontravam na condição de civis, após curtos períodos de instrução, dispunham das mesmas prerrogativas da patente de militares profissionais que serviam há anos nas fileiras do exército.¹⁸⁶

O contato com as tropas norte-americanas trouxe essa percepção para os soldados brasileiros, que notavam a diferença de tratamentos entre os oficiais e praças no Exército dos EUA.

Em conversa, tenho dito que há uma grande diferença entre a época em que éramos jovens e os moços de hoje. A guerra acarretou alguma melhora, serviu para a gente aprender um pouco de igualdade. Observávamos que os uniformes dos oficiais e praças americanos só apresentavam diferenças nas insígnias. De costas os dois eram iguais. Os brasileiros usavam fardas distintas em certos

Força expedicionária ao Teatro de Operações no além-mar. A legislação militar tinha como base o Código Penal da Armada de 1881, estendido ao Exército Nacional em 1899 [!]. Seguiram-se algumas leis complementares e essa legislação anacrônica e deficiente começou a ser modificada pelo Decreto-lei nº 4.766, de 01/10/42, que definiu, inclusive, o que seria crime militar contra a segurança do Estado. Pouco depois, novo diploma legal, o Decreto-lei nº 6.227, de 24/01/44, promulgou o Código Penal Militar". SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, pp.109.

¹⁸⁶ CAMPIANI. Op.cit. pp. 316.

detalhes. Havia tecidos de diferentes qualidades. Nos ranchos¹⁸⁷ americanos os oficiais, na fila, poderiam seguir atrás de um praça, para pegar a refeição. Em nossos ranchos havia uma fila para oficiais, outra para sargentos e uma fila de praças.¹⁸⁸

O momento da refeição talvez fosse um dos mais claros para a percepção dos soldados brasileiros, no que tange as diferenças entre praças e oficiais no Exército dos EUA. O sargento Daniel Lacerda do 6º RI demonstra este momento de reflexão e espanto:

Nosso rancho, na Itália, a exemplo do que acontecia no Brasil, deveria prever locais para oficiais, sargentos, cabos e soldados, correspondentes aos círculos regulamentares. No entanto, na Itália, durante a guerra, seguindo costumes do Exército dos Estados Unidos aquela separação não existia.¹⁸⁹

Embora a influência da convivência com essa outra dinâmica hierárquica tivesse grande influência sobre estas considerações dos veteranos brasileiros, é possível identificar outra causa nesta visão. Como dito anteriormente havia na FEB uma grande quantidade de soldados convocados, ou seja, civis e entre os oficiais de baixa patente, especialmente tenentes, também havia um número significativo de homens que não tinham nas Forças Armadas sua profissão. Como foi percebido por Cesar Maximiano, no caso do Exército dos EUA essa convivência entre civis e militares de carreira modificou comportamentos da caserna. Acredito que o mesmo ocorreu com a FEB e como os tenentes eram os oficiais que os praças e graduados mais tinham contato essa flexibilização da hierarquia ocorreu de forma mais fácil. Na visão de muitos veteranos este processo foi percebido de outra forma. Para muitos era a própria guerra que aproximava os homens. Dividir os riscos do *front* criava laços de companheirismo únicos entre os membros dos grupos de combate e pelotões — este vínculo será melhor abordado no capítulo seguinte.

O sargento Moacyr M. Barbosa fala sobre como a experiência compartilhada da guerra serviu para aproximar praças e oficiais na FEB:

O relacionamento entre oficiais, sargentos e soldados era fraterno, diferente do que se via no Exército de antes da guerra, onde havia grande separação, onde sargento e soldado não podiam conversar. Na guerra, o soldado pedia

¹⁸⁷ No jargão militar se refere tanto ao refeitório quanto a comida servida neste.

¹⁸⁸ O soldado Antonio Gonzales foi armeiro da Cia de Manutenção. HOESGM, Tomo III, pp. 118. Entrevista realizada em 29/05/2000.

¹⁸⁹ Sgt. Daniel Lacerda. Op. Cit. pp. 125.

cigarro ao tenente, este ao sargento. Conversávamos, estávamos todos na mesma situação.¹⁹⁰

A presença constante de elogios nos depoimentos à organização e fartura do Exército dos EUA não significa, porém, que a inexistência de atritos e que, fora as críticas quanto a questão racial, incidentes e choques não ocorressem entre as tropas. Entre os elogios e a admiração à fartura das unidades norte-americanas surgem alguns relatos de disputas, furtos e até brigas. Eventos ocorridos, principalmente, fora das circunstâncias de combate própria mente ditas.

Mesmo o Exército dos EUA fornecendo o equipamento da FEB e de outras unidades, havia pequenas diferenças de material — algumas críticas foram feitas por oficiais brasileiros quanto ao fornecimento irregular de determinado material, como roupas de inverno e até de armamento, mas há também observações quanto a morosidade e desorganização da Intendência da FEB¹⁹¹ — que despertava a curiosidade e, as vezes, a cobiça dos soldados.

A expressão utilizada por alguns soldados brasileiros nessas ocasiões onde se furtava algo era “desapertar”. Em tom jocoso o soldado Vicente Gratagliano relata como ocorria este aspecto da relação com as tropas norte-americanas:

Eles gostavam de nós [soldados de outras nacionalidades]. Ofereciam uísque que não tínhamos. Alguns brasileiros, para tomar uísque, entravam no blindado americano e furtavam o deles.

Numa ocasião, em Zocca, havia um tanque americano. Alguns mais “vivos” entravam e tiravam tudo que existia, até os *combat boot* dos americanos, porque os brasileiros eram loucos por um *combat boot* que o americano não forneceu para nós. Eles nos deram uma perneira de lona amarela. Quando viam um tanque sem alguém, sempre desapertavam alguma coisa...¹⁹²

O sargento Munguba relata que após os primeiros ataques ao Monte Castelo feito em conjunto com unidades norte-americanas, à 24 e 25 de novembro de 1944, veio a autorização para quem encontrasse qualquer material extraviado, como armamento, a ficar com o mesmo. Nesta ocasião, mais uma vez, o soldado brasileiro “desaperta” material alheio:

Os brasileiros eram um pouco atrevidos, “pegaram ao pé da letra” a ordem que receberam; se viam um jipe parado em algum lugar, levavam a

¹⁹⁰ Sgt Moacyr Machado Barbosa. Op. Cit. pp. 333-334.

¹⁹¹ Ver Brayner e Arruda. Op. Cit.

¹⁹² Gratagliano. Op.Cit. pp. 291.

viatura como se fora abandonada. Havia um soldado na minha Companhia que usava um jipe, mesmo assim se apropriou de um caminhão americano. Isto antes de entrarmos propriamente em combate.¹⁹³

Mas havia momentos onde esta relação terminava de maneira mais trágica. Talvez pelo relativamente pequeno contingente da FEB foram raros os relatos de atritos fatais entre brasileiros e norte-americanos¹⁹⁴. Onde estes acontecimentos aparecem com uma incidência mais significativa é no próprio momento de combate, sendo conhecido como “fogo amigo”. Erros de identificação e enganos quanto a cálculos de artilharia levavam os soldados e pelotões “no calor da batalha” a dispararem uns contra os outros, mas esses acontecimentos são pouco lembrados.

As impressões, riscos e reações dos soldados brasileiros nos momentos do front, assim como frente aos soldados inimigos, serão analisadas no capítulo seguinte.

¹⁹³ MUNGUBA. Op. Cit. pp. 92

¹⁹⁴ “O Pelotão da Polícia teve algumas baixas, uma delas extremamente dolorosa: um soldado da MP, em serviço na Ponte Venturinna, no dia 10/02/1945, deu voz de prisão a um elemento da tropa aliada, em estado de embriaguez, que não queria obedecer sua instrução. Foi abatido a tiro por este militar embriagado, que, preso logo em seguida respondeu à Corte Marcial e foi fuzilado. O fato causou constrangimento, mas também, surpresa, pela rapidez com que o comando aliado julgou e condenou o responsável à pena máxima, sem apelação ou qualquer mercê.” XAVIER, Op. Cit. pp. 103.

III

A GUERRA: NARRATIVAS DE COMBATE

Embora o *front* italiano fosse considerado naquele momento secundário estrategicamente, ele era tão perigoso quanto qualquer outro onde as tropas aliadas combateram a *Wehrmacht*. Os combates envolvendo a FEB não se caracterizavam pelo emprego de grandes unidades, já que as forças brasileiras contavam apenas com uma Divisão e os alemães estavam limitados materialmente, realizando assim uma guerra defensiva. Com isso, a maioria das operações ocorria em pequenas unidades, ao nível de Companhias e muitas vezes Pelotões ¹⁹⁵.

Dois outros fatores condicionaram as ações táticas da FEB: o relevo e clima. Os combates nos Apeninos exigiam instruções e equipamentos específicos para lidar com o a altitude, dando grande vantagem para as tropas defensoras, que podiam acompanhar a movimentação das forças aliadas nos vales. Além disso, havia o inverno italiano. Os brasileiros chegaram ao final do verão e só se engajaram em combates a partir de setembro. O prolongamento da guerra os fez enfrentar situações de combate muitas vezes durante o inverno, onde a neve beneficiava os defensores, dificultando a visualização das posições, o deslocamento e o apoio aéreo, além de provocar muitas baixas entre homens acostumados a temperaturas tropicais.

Obras produzidas pelos oficiais de altas patentes do comando expedicionário compõem uma narrativa muito detalhada das ações da FEB e sua relação com o clima, o terreno e a utilização estratégica e tática de suas unidades ¹⁹⁶, ou seja, seguindo o

¹⁹⁵ Como a FEB seguia o modelo de unidades do Exército Norte-Americano um Pelotão tinha quarenta homens, em média, ou seja, três Grupos de Combate (unidades com 12 homens em média, sendo comandadas por um Sargento e um ou mais Cabos), sendo comandado por um Tenente, Segundo-Tenente ou Aspirante a Oficial e mais alguns graduados. Já uma Companhia de Infantaria tinha por volta de cento e noventa homens e era comandada por um Capitão – três Pelotões, mais pessoal de comando e um Pelotão de Metralhadoras. Em seguida, sendo considerada ainda uma unidade pequena, havia o Batalhão, que era constituído de três Companhias de infantaria, uma de armas de apoio (era uma Companhia de Petrechos Pesados – CPP - morteiros e metralhadoras pesadas) e mais um grupo de oficiais que formava o comando e Estado Maior da unidade (semelhante ao Estado Maior da Divisão)

¹⁹⁶ O general comandante da Força Expedicionária Brasileira, general Mascarenhas de Moraes, produziu um relatório oficial, no início de 1946, ao Ministério da Guerra, narrando todo o processo de formação do corpo expedicionário e o desenrolar da campanha até o retorno dos soldados brasileiros. Posteriormente este relatório daria origem a um livro. MORAES, João B. M. de *A FEB pelo seu Comandante*. São Paulo: Ipê, 1947; O chefe do Estado-Maior da FEB também produziu algumas obras nesse sentido, com destaque para: BRAYNER, Floriano de L. *A Verdade Sobre a FEB: Memórias de um Chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968; Outro livro minucioso e considerado

modelo narrativo da história militar tradicional. Mas as impressões dos combates e de seus fatores condicionantes vistos pelos praças, sub-oficiais e graduados, ou seja, a maior parte do Corpo Expedicionário, ainda é pouco conhecida, abordada por algumas poucas obras acadêmicas que seguem a Nova História Militar¹⁹⁷.

O principal objetivo neste capítulo é abrir um debate sobre as impressões, os sentimentos, o imaginário dos veteranos a respeito da batalha, dos momentos de engajamento contra os inimigos, a partir de suas narrativas. Foram selecionados para este trabalho os depoimentos que relatam os combates, as reações diante dos perigos e considerações sobre os inimigos. Visões, reais ou imaginárias, mas ambas construídas por atores sociais que participaram de um acontecimento histórico determinado. Esta seleção de fontes se baseia na idéia de que o trabalho do cientista social é uma interpretação da realidade, “trata, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ [...], não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento”¹⁹⁸. Não entendo a história como a busca de uma verdade imutável, mas como *verdades*, “[...] a cada geração se revisam interpretações. Afinal, a história trabalha com a mudança no tempo, e pensar que isso não se dê no plano da escrita sobre o passado implicaria negar pressupostos”¹⁹⁹.

A guerra é uma experiência traumática, pelo menos para a maioria dos soldados que vivenciam as situações de combate. Essas vivências encontram grande dificuldade de serem narradas, seja pela dor que recordar momentos de angústia, medo e dor física, por exemplo, ou por pressões culturais e sociais — como os valores incutidos de coragem e honra, premissas fundamentais do discurso militar. Além disso, a resistência em narrar essa experiência bélica também reside no fato do interlocutor não ter compartilhado uma vivência similar, havendo o receio de ter suas falas vistas como mentiras, como “estórias” elaboradas simplesmente para entreter desconhecidos.

Mesmo assim os veteranos hoje sentem necessidade de expressar os momentos relacionados a vida durante a guerra. “O esforço para contar o incontável resulta em narrativas interpretáveis, constructos culturais de palavras e idéias”²⁰⁰. O que viabiliza na atualidade novas interpretações sobre essas visões de mundo e sobre os eventos

por muito veteranos portador de um discurso oficial sobre a FEB é o do Ten. Cel. Manoel Thomas Castello Branco, na época, oficial de comunicações do 1º Regimento de Infantaria, o “Regimento Sampaio”, BRANCO, Manoel Thomaz C. *O Brasil na II grande guerra*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

¹⁹⁷ CASTRO; IZECKSOHN e KRAAY. Op.Cit.

¹⁹⁸ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, pp.11-12

¹⁹⁹ PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. São Paulo: Autêntica, 2005, 2ª Ed, pp.15-16.

²⁰⁰ PORTELLI. Op. Cit., pp. 109.

relacionados a este fato histórico, ou seja, a participação brasileira na Segunda Grande Guerra.

A profusão de acontecimentos e sentimentos que circundam num campo de batalha é muito grande, sendo difícil, na maioria das vezes, compor uma trajetória linear de ações e reações dos seus participantes. Sendo assim selecionei algumas ocasiões específicas, onde a experiência do combate foi particularmente marcante para aqueles que as vivenciaram, e, a partir destas, passo a analisar os comportamentos, discursos e sentimentos dos sujeitos. Para tanto começarei pelo batismo de fogo, o primeiro contanto com uma situação real de combate.

3.1 Sob fogo inimigo

A primeira missão de guerra recebida pelo Destacamento FEB, emanada do IV Corpo de Exército, consistiu em deslocar-se na noite de 13 de setembro para uma zona de reunião ao sul de Pisa. [...] Na noite de 13 de setembro, mal findara o movimento desse grupamento de forças brasileiras, o general Zenóbio da Costa, recebeu ordem do IV Corpo para:

- “Substituir os elementos do II [Batalhão]/370 RI [Regimento de Infantaria], às 19 horas do dia 15, na região Vacchiano – Massacincali – Filetole.
- Substituir o 434º GAAe [Grupamento de Artilharia Anti-Aérea], às 19 hr do dia 15 de setembro.
- Manter contato com o inimigo e sondar-lhe o dispositivo, por meio de vigorosa ação de patrulhas.
- Caso o inimigo se retire, persegui-lo mediante ordem deste IV Corpo.
- Manter contato com a 1ª DB [Divisão Blindada Americana] que opera a Leste”.²⁰¹

Esta foi a primeira missão que o comando do IV Corpo de Exército norte-americano determinou para os brasileiros na Itália, em setembro de 1944. A FEB ainda era um Grupo Tático²⁰² — formado basicamente pelo 6º Regimento de Infantaria (RI) e mais algumas unidades de artilharia, engenharia, reconhecimento e comando — que precedia a maior parte do efetivo da Divisão de Infantaria brasileira, que estava em vias de embarcar para a Itália.

O objetivo era substituir tropas de uma unidade improvisada, a Task Force 45, composta de elementos variados (incluindo frações de uma unidade antiaérea que

²⁰¹ MORAES, João B. M. de *A FEB pelo seu Comandante*. São Paulo: Ipê, 1947. pp. 74

²⁰² Grupo Tático era uma unidade formada para um objetivo específico, sendo normalmente composta por grupos oriundos de diversas unidades diferentes.

atuavam como infantaria) e nesse processo aclimatar os novatos brasileiros à linha de frente. O comando teve a preocupação de designar um setor calmo do *front*, para evitar riscos — os alemães poderiam se aproveitar da inexperiência dos soldados e efetivar um ataque, caso esta fosse uma área de combates mais intensos.

Outros dois Regimentos – o 1º RI e o 11º RI – não tiveram tanta sorte, ou preocupação do comando em adaptá-los ao combate. Foram empregados em circunstâncias mais adversas e com um treinamento aquém do ideal, ou pelo menos inferior ao do 6º RI — como visto anteriormente ²⁰³. O 1º RI teve sua primeira atuação em 20 de novembro, substituindo elementos do 6º RI em Torre de Nerone, uma elevação que se aprofundava dentro do território inimigo a curta distância, recebendo fogo direto até de armas portáteis, além de morteiros e artilharia. Enquanto isso o 11º RI não esteve em situação melhor, tendo um de seus batalhões empregados no segundo ataque infrutífero ao Monte Castelo, em 29 de novembro de 1944.

Mas esta é uma narrativa é insípida, fundamentada em relatórios oficiais de membros do comando, que estavam distante das trincheiras e da maior parte dos riscos do combate. A narrativa de um batismo de fogo ou de um assalto sobre posições inimigas, especialmente numa localidade de maior intensidade de ação inimiga, toma outras perspectivas quando expressadas por um infante de linha.

A exposição aos perigos provocados pelo inimigo se dava na maioria das vezes sem que este fosse avistado. A falta de experiência era uma grande adversidade, que criava situações de extremo risco para os soldados. O soldado Vicente P. da Cruz discorre sobre seu primeiro contato com alemães numa situação de combate:

O Pelotão recebeu ordem para atingir um determinado ponto. Estávamos nos aproximando de Camaiore [...]. Alcançamos uma região, um silêncio incrível e logo começou uma chuva intensa, enquanto subíamos pela elevação [...]. Ao descermos vimos uma casa de italianos [...].

Avistamos na elevação um grupo de homens como se estivessem olhando de binóculos, nesse mesmo instante, encontramos um italiano que vinha com um guarda-chuva grande de listas brancas, vermelhas e verdes. Um soldado pegou o guarda-chuva e começou a brincar [...]. De repente os homens desapareceram da crista e todo mundo comentou que seria a 9ª Companhia [de brasileiros] que estava lá em cima. Pressupunha que fosse a 9ª Cia, porque esta à nossa direita. Entretanto nos esquecemos de que tínhamos virado para a esquerda.

²⁰³ Os efetivos aliados na Itália haviam diminuído sensivelmente desde meados de 1944, para compor as forças que invadiriam o norte e o sul da França. Assim as unidades existentes passaram a ser empregadas prematuramente e/ou em largos *fronts*. “Não dispondo de outros recursos para atender àquelas solicitações [de ocupar a região], decidi aspirar um dos regimentos que se encontravam em preparativos à retaguarda. Embora ainda não estivessem completamente equipados e armados nem, tão pouco, houvessem encerrado o período de treinamento previsto [...]”. BRANCO. *op. cit.* pp. 175 – 182 e 233.

Eram alemães mesmo. Quando chegamos à casa [...] veio uma chuva de balas sobre nós e ficamos atarantados. Não esperávamos aquilo. O tenente Gerson, Comandante de Pelotão, estava à beira da casa e o vespeiro de balas veio por cima do telhado. O sargento Samuel [...] foi regular a peça de metralhadora [...]. Vi passar por ele uma rajada bem pertinho, porque eram traçantes; só via aquele braseiro passando por cima. O susto foi terrível. [...] Houve um engano na ordem, daí termos ido parar na retaguarda alemã. Um soldado ficou três dias extraviado, comendo pão duro dado pelos italianos.²⁰⁴

O resultado desta patrulha poderia ter sido catastrófico, devido aos graves erros cometidos. A inexperiência está patente no discurso do soldado, vivendo sua primeira jornada de combate. A patrulha avista os alemães, mas não os identifica, um erro imperdoável para um veterano, reflexo do batismo de fogo, uma das mais críticas experiências de guerra para um soldado. A surpresa de um terreno estranho e adverso, um inimigo que ainda não apareceu, o medo do primeiro confronto, tudo isso marca não o relato aqui visto, mas a própria experiência da FEB naqueles dias de setembro.

Falhas na orientação, distração com a população civil e, especialmente, má identificação das tropas avistadas deram chance para uma emboscada, surpreendendo a todos. A munição traçante²⁰⁵ chamou a atenção do Soldado (doravante Sd) Vicente. O volume de fogo da metralhadora alemã, associado ao tipo de munição criou uma impressão de chamas, de um “braseiro”, que era lançado sobre a posição que se encontravam seus companheiros de pelotão, contribuindo para intensificar a confusão e o terror. Este foi grande, já que provocou a dispersão de alguns soldados, levando, pelo menos um a se perder do resto do grupo durante dias.

O Cabo Raul Carlos dos Santos, que serviu num Cia de Petrechos (metralhadoras e morteiros) do 11º RI, relatou para mim sua primeira experiência sob a artilharia alemã:

Aí fomos recebidos com granadas. A gente dizia “as boas vindas”. O inimigo já sabia do nosso deslocamento. Em Lucca, Monte Cassino, em Pistóia. Cada um procurava um lugar pra se esconder. Já estávamos a pé. Estávamos numa área montanhosa, subindo para Sila. Uma coisa horrível! No dia 28 [novembro], para Bombiana [lê anotações]. Botei aqui, Bombiana, mas não botei tudo. Era uma área, tudo tinha número, fica do lado..... do Monte Castelo? A direita assim. Era uma cidade pequena, estava tudo destruído. Minha Cia teve que ficar aqui. Encontramos muita resistência aqui, demais! De perto! De perto numa guerra é um Km, 800 metros. É! Tiro direto! Desses

²⁰⁴ Vicente Pedroso da Cruz. Op. Cit., pp. 301.

²⁰⁵ Os projéteis traçantes eram assim chamados por deixarem um rastro luminoso provocado pelo atrito de um revestimento químico com o ar. Era utilizado para orientar o atirador, especialmente quando era inviável a utilização de aparelhos ópticos. Para cada projétil traçante, normalmente, havia mais 4 comuns.

canhõezinhos então! Bombiana, nós passamos aqui umas duas, três semanas talvez. Quando chegamos cada qual recebeu ordem de cavar seu fox hole. Fomos instruídos disso. Tínhamos que procurar uma coisa pra nos defender. Você sabe o que é cavar um buraco ligeiro? Usávamos umas pazinhas. Quebrava a mão toda! Calo! Calo de estoura e você não sentir! Tirava a luva via aquela zorra toda saindo sangue!²⁰⁶

O fogo de artilharia inimigo era um dos principais riscos que os soldados estavam sujeitos na linha de frente e o mais comum. Para canhões e obuses²⁰⁷, que poderiam alcançar mais de duas dezenas de quilômetros, situações descritas como acima mostram o alto risco que os soldados estavam expostos. A lembrança do perigo foi tão marcante que extrapola as anotações do depoente. A cidade de Bombiana era uma localidade constantemente batida por fogo inimigo, devido a proximidade de suas linhas defensivas e às rotas de acesso ao *front*.

A ação desse tipo de arma era aterradora, desnorteante, como narra o soldado Joaquim Xavier, do Pelotão de Transmissões do 11º RI, que deveria auxiliar unidades do 6º RI, em Torre de Nerone:

As cenas que então se desenrolaram estão até hoje gravadas nos meus olhos. Tínhamos parado o jipe perto de uma encosta. A antena do rádio era a todo instante sacudida pelas explosões. O Batalhão estava rechaçando um ataque inimigo, e o céu de vez em quando clareava como o dia. Eram os *very-light*. Nesses momentos, tínhamos que ficar deitados, imóveis, pra não traírmos nossa posição. Por fim conseguimos contato com o Comando. O Almeida avisou que ia desmontar a estação [de rádio] para operar em terra, dentro de alguma trincheira.

[...]

Talvez o alemão tivesse percebido algum movimento. Foi um inferno montar aquela estação no escuro. A todo momento tínhamos que nos deitar. As bombas caíam sem cessar.

[...]

Depois de termos mandado todas as mensagens, voltamos para o posto avançado do batalhão, porque descer naquela hora era impossível. Na volta, o Pontes vinha comigo; senti um assobio perto e o grito:

— Deita!

Atirei-me numa cratera de granada, senti o Pontes cair ao meu lado e assim ficamos algum tempo. Em cima de nós estourou um *very-light*, iluminando tudo. As granadas de morteiro começaram então a nos procurar. Ao meu redor

²⁰⁶ Cb. Raul Carlos dos Santos, Entrevista concedida ao autor 25/09/2007

²⁰⁷ Canhões são armas de artilharia, assim como o obus, mas os primeiros possuem tubo de fogo (o “cano”) raiado, o que provoca uma trajetória tensa e alta velocidade ao projétil, sendo mais bem aproveitado para tiros diretos. Já o obus tem seu tubo de fogo liso e a trajetória do seu projétil ocorre em parábola, sendo utilizado em tiros indiretos.

só via aqueles clarões alaranjados das granadas explodindo, porém, já nada ouvia, tonto como estava.²⁰⁸

A principal proteção nessas circunstâncias era oferecida por trincheiras individuais, chamadas pelos norte-americanos de *Fox hole* (“buracos de raposa”). Mas também era muito comum a utilização de crateras feitas pela artilharia. Em último caso deitava-se no chão. Os *very-light* aos quais o soldado se refere são granadas especiais que apresentam uma carga incandescente que ilumina intensamente determinada área, caindo de pára-quadras lentamente, e assim permitindo visualizar alvos a noite. As granadas de artilharia e de morteiros lançavam dezenas de estilhaços que poderiam estraçalhar facilmente um corpo. Além disso, havia o deslocamento de ar, que resultavam em sérios ferimentos concussivos, provocando fraturas e hemorragias internas, além de atordoamento. Esta sensação de perigo total e permanente da artilharia alemã está evidente no relato do tenente Ítalo Tavares, que serviu no 6º RI:

Primeiro caíram algumas granadas uns 100 metros além de onde estávamos. Ao ouvirmos um sibilo, todos nos deitamos no chão, pois não havia nenhum abrigo próximo. Depois veio outra rajada, que caiu uns dez metros acima de onde estávamos. Por felicidade num barranco, que impedia que nos ferisse. O intervalo de tempo entre um tiro e outro era muito pequeno, impedindo assim que escapássemos daquele lugar. Mais uma granada veio. Esta, porém, caiu bem no meio de onde estávamos. Mal deu tempo para que nós deitássemos. Senti logo um bafo quente na face e meu capacete voou da cabeça. Começamos logo a ouvir gritos e vozes de feridos. Vi logo que tinha morrido alguém, pois a granada havia caído a uns dois metros de onde estávamos e bem no meio do pessoal.

[...]

Ao chegarmos em nossa posição, passei uma revista e me faltavam três homens. Dois eu sabia que estavam feridos, pois ouvira os gritos dos mesmos: o cabo Canedo e o soldado Moraes. O Cabo Rossin, porém, não sabia onde estava [...]. Telefonei para o capitão e ele me disse que o cabo tinha morrido. [...] No dia seguinte, quando foram ao local da tragédia, encontraram um outro corpo. Estava completamente estraçalhado. Conseguiram identificá-lo: era o soldado Tansini.

Quando cheguei ao meu PC [Posto de Comando], que era numa casa, estava com o rosto e as mãos todos sujos de sangue. O capote também estava todo ensanguentado. De certo o sangue era de um dos que tinha morrido. [...]

²⁰⁹

Nos ataques acima descritos, a respeito do fogo de artilharia, normalmente era possível ouvir o sibilar da granada se aproximando e tentar alguma medida de proteção

²⁰⁸ SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *Cruzes brancas: Diário de um pracinha*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997, pp. 55-56.

²⁰⁹ TAVARES, Eduardo Diogo (Org.). *Nós vimos a cobra fumar: Diário de um jovem tenente brasileiro na Itália durante a II Guerra Mundial*. Salvador: P&A Editora, 2005, pp. 75-76.

— “A granada de canhão sibila e o soldado se joga no chão ²¹⁰” — mas de eficácia nem sempre satisfatória, caso os soldados estivessem se deslocando ou em abrigos improvisados. Nestas ocasiões sob o fogo inimigo é que a maioria dos soldados obtinha a percepção da sua vulnerabilidade, que mesmo invisível e/ou distante o inimigo se fazia presente e dedicado, ao menos por algum momento, à matá-los ²¹¹. O risco das granadas estava também em projéteis secundários, feitos por fragmentos de rochas, madeiras e até pedaços de corpos que recebiam o impacto dos estilhaços e acabavam por serem deslocados em alta velocidade.

A maior parte dos ferimentos sofridos pelos brasileiros na Itália foi provocada por estilhaços de granadas e pelo deslocamento de ar:

TABELA 1

Número de feridos em combate por armas e serviços

Armas e serviços	Balas	Estilhaço de granada	Estilhaço de mina	“Blast” (sôpro)	“Boob-Trap” (armadilha)	Lança-rojão	Baioneta	Total
Cavalaria	4	11	-	-	-	-	-	15
Infantaria	149	1052	73	148	7	1	1	1431
Artilharia	1	37	4	2	-	-	-	44
Engenharia	1	26	3	-	1	-	-	31
Tropa especial	-	2	2	2	-	-	-	6
Serviço de saúde	1	18	2	1	-	-	-	22
Total	156	1146	84	153	8	1	1	1549

Fonte: BRANCO. *op. cit.* pp. 319.

Os ferimentos por bala seguem aos provocados pela artilharia. Nesse tipo de ferimento são recorrentes as referências às metralhadoras alemães, chamadas de “Lurdinha”. A origem do nome é controversa, além de que há certa confusão na aplicação do apelido. Embora os alemães possuíssem uma grande variedade de metralhadoras leves e pesadas, tanto germânicas como de outras nacionalidades (aprendidas nos países conquistados), de forma geral esse apelido se referia às metralhadoras MG-34 e MG-42, especialmente esta, que chegava uma cadência de mais de 1200 tiros por minuto. Essa alta cadência produzia um som característico, facilmente

²¹⁰ O Sgt. Epapharol Silveira serviu na 1ªCia de Petrechos do I/6º RI como Chefe de Seção de morteiros de 60 mm. HOESGM. Tomo III, pp. 132. Entrevista realizada em 14/03/2000.

²¹¹ MAXIMIANO. *Op. Cit.* pp. 180

reconhecível para aqueles que já haviam presenciado tal armamento. O tenente Tavares relata suas impressões sobre este armamento poucos dias após seu batismo de fogo: “As metralhadoras alemãs são um terror. Nós já apelidamos as mesmas de máquinas de costura, pois as suas rajadas são no mínimo de cem tiros”²¹².

Num assalto à um conjunto de casas próximas a Abetaia, na estrada que ligava Pistóia à Bolonha, durante as ações do quarto ataque ao Monte Castelo, em doze de dezembro de 1944, o Cb. Raul descreve o efeito do fogo de metralhadoras sobre os brasileiros:

Tinha instruções e dois tenentes, um da minha Cia e um de outra Cia depois...não foi uma Cia inteira, mas foi quase...metralhadora .30, com tudo já preparado, até morteiro pequeno se precisasse! E levaram aquilo tudo e nós fomos chegando, chegando. Era claro ainda. Tem coisa que não pode ser de noite, que só pode ser de dia e vice-versa. Mas nesse dia...Tem dia que ninguém precisa saber de nada! Do jeito que se está, vai! Ai é outra coisa, não tem esse negocio de risco não.

[...]

Cada um que se cuide! [...] E então, nós fomos chegando, chegando, chegando, subindo, tudo com cuidado. As casas com duas janelas, assim, dessas casas todas prontas de madeira, de pedra. [...] Ai, de repente, e o Sgt Neci, que era sempre o meu amigo [diz]: “Eu tô é com medo! Esse negócio não está bom!”. Eu viro: “Rapaz, quem é que não está dizendo? Está todo mundo com medo! Até eu! Todo mundo! Que não ta certo, não ta não! Vai sair alguma coisa”. Foi dito e certo. Um pulando pra lá, outro pra lá, um se abaixando, outro se arrastando. Quando deu...[quando deu a distância de tiro dos alemãs] alguém calculou mais ou menos 80, 70 metros.

Pertíssimo! Lá de cima? Para tiro de metralhadora? E foi aquela zoadá: “práá!” A janelas se abriram assim [faz gesto com as mãos]. E ai, em cada uma, havia uma metralhadora, já atirando. Já atirando assim! Foi uma coisa horrível! Sujeito metendo a cara na terra, outro tomando tiro e gritando, e outro.... Bom, ai o tenente, já sabe, “recuar”. Recuar com todo mundo. Tem um tenente que foi preso, você sabe da história?

[tenente Emílio Valori]

Foi. Ele mesmo. Ele não pôde nem sair [dali], se saísse morria! Com uma chuva de metralhadora, só com sorte! Ou se o sujeito está meio enterrado. Porque tinha muita pedra, pedra pra lá, pedra pra cá. E deitado o sujeito ia se escondendo. Os que ficaram, ficaram por ali. O pessoal da 4ª Cia chegou já para reforço. Todo mundo lá. Todos os sargentos pedindo artilharia, artilharia, artilharia. Saiu até errada nesse dia [a artilharia].

[...]

Errada! Errada! Todo mundo saiu! O Sgt. Neci gritou: “Filhos da mãe! Vocês estão doidos? Querem acabar com a gente?” Ai, como é que dizia? “A alça [aparelho de pontaria] aumentada tanto” [explica] . Foi ai que melhorou. A

²¹² TAVARES. Op. Cit. pp. 51.

artilharia caiu em cima! “Bram, bum, bram”. Cada bicho desgraçado que de coisa [granadas].²¹³

Este é um dos episódios mais singulares da história da FEB, pois relata a captura do único oficial do exército brasileiro durante a II Guerra Mundial, o 2º Tenente Emilio Varoli²¹⁴. Uma situação de combate como esta pode ser muito confusa para seus integrantes. São diversos estímulos sensoriais e emoções, relacionadas especialmente à possibilidade da morte, mutilação ou captura. Riscos que se agravavam ao realizarem uma patrulha diurna²¹⁵. É importante perceber que a memória do combate se dá de forma multi-sensorial. O barulho, o cheiro, as cores, os gritos de terror, explosões, sibilar de granadas compõem um universo de impressões que formam uma imagem do combate²¹⁶. Referindo-se aos combates em Montese, o soldado Abdias de Souza utiliza de suas impressões sensoriais para descrever sua experiência: “Começou no dia 14, entrou pela noite, nos dias 15, 16 e 17 *foi só pó e fumaça* [grifo meu]. E eu ali no meio com dois colegas cujos nomes não me lembro. Uma granada de morteiro caiu em cima deles, ocasionando-lhes a morte”²¹⁷.

Os diversos sujeitos numa ação de combate registram o fato de maneira própria, de acordo com suas funções e objetivos no plano de ataque ou defesa — além da influência de sua carga cultural, vivências, significado da guerra e etc. Circunstâncias de maior exposição aos perigos eram perceptíveis para soldados com alguma experiência de combate, diferente daqueles que ainda não passaram pelo batismo de fogo, que, segundo César C. Maximiano, apresentavam grande confiança e até um sentimento de invulnerabilidade²¹⁸. A reação dos alemães naquele evento narrado acima fora praticamente antevista pelo Sgt. Neci. O horror provocado pelo fogo das metralhadoras levaria ao recuo dos atacantes, que terminariam com feridos e prisioneiros²¹⁹.

²¹³ Cb. Raul Carlos dos Santos. op.cit.

²¹⁴ Ao todo a FEB teve 34 soldados e graduados prisioneiros e um oficial. MORAES. Op. Cit. pp.303.

²¹⁵ Referindo-se ao Sgt. Max Wolf Filho, companheiro de batalhão, o Sgt. Rubens Leite de Andrade comenta: “Conheci esse homem. Passou a fazer patrulhas diurnas, muito mais perigosas que as noturnas. Os soldados que faziam patrulhas diurnas eram dispensados de fazer guarda durante a noite”. HOESGM. Tomo V, pp. 340. Entrevista realizada em 19/09/2000.

²¹⁶ POLLAK. Op. Cit. pp. 11.

²¹⁷ O Sd Abdias de Souza serviu na 1ª Cia do I/11ºRI. HOESGM, Tomo II, pp.187. Entrevista realizada em 22/09/2000

²¹⁸ MAXIMIANO. Op. Cit. 175.

²¹⁹ Segundo o Tenente Varoli mais seis soldados do 1º RI também foram capturados, vindos de uma patrulha que fazia parte da operação, cobrindo uma outra área do vilarejo, e que também foi pega pelo fogo inimigo. VAROLI, Emilio. “Aventuras de um prisioneiro na Alemanha Nazista”. In. ARRUDA, Demócrito C. (Org.) *Depoimento de Oficiais da Reserva Sobre a FEB*. São Paulo: Ipê, 1949, pp. 408.

Nos depoimentos os veteranos utilizam com frequência recursos onomatopéicos para tentar transportar oralmente uma idéia mais clara e próxima do transcorrer do combate, compondo um conjunto de atitudes para a rememoração²²⁰. As palavras não são suficientes para se comunicar, assim imitam sons de armas, explosões e outros acontecimentos da batalha, como fez, por exemplo, o Cb. Raul com as explosões da artilharia brasileira sobre as posições inimigas.

Ainda, segundo a Tabela 1, temos as minas como quarta maior causa de baixas, por ferimentos resultantes da ação de armas inimigas. Em uma crônica para o jornal *Diário Carioca*, o correspondente de guerra Rubem Braga descreve os tipos de minas terrestres usados pelos alemães.

[...] Ao longo de quilômetros e quilômetros, através de bosques inteiros, a estrada está cercada de uma invisível muralha. Em inglês, em alemão, em italiano, em português — mines, minen, mini, minas — as placas, ponteadas de exclamações alarmistas e, às vezes, com uma caveira pintada a negro, erguem, às duas margens da estrada, essas muralhas de medo e de morte.

[...]

Mas um caminhão vai dar a volta numa estrada e recua um pouco mais que o conveniente na marcha à ré — e uma pequena mina explode sob o peso da roda. Explicam-nos: há as *S. Minen*, que saltam e explodem no alto; as *Holzminen*, que são 10 quilos de dinamite dentro de uma caixa de madeira que o detentor [sic] não localiza; as *Tellerminen*, as *Schuminen*, que explodem ao peso de sete quilos e não matam o homem, mas lhe arrancam os pés ou pernas...[...]²²¹

As minas são armas defensivas, muitas vezes formando a primeira linha de proteção de uma área. Assim próximo a trincheiras e *bunkers* era muito comum encontrar cercas de arame farpado e minas, especialmente as anti-pessoais. Trata-se de um tipo de artefato explosivo que é acionado principalmente por pressão ou tração — o soldado ao pisar no dispositivo aciona sua espoleta e detona o explosivo. Haviam tipos de minas destinadas à veículos, que explodiam apenas sob grande peso. Eram dispostas em estradas, trilhas ou qualquer região por onde as tropas adversárias pudessem se deslocar. As minas serviam para retardar o avanço dos atacantes, que passavam à depender da inutilização dessas armas, feita por tropas especializadas de sapadores-mineiros (no caso da FEB havia o 9º Batalhão de Engenharia, além de alguns soldados e graduados que tinha curso de explosivos e estavam dispersos pelos três regimentos).

²²⁰ MAXIMIANO. Id. *Ibidem*. pp. 251-252.

²²¹ BRAGA. Rubem. *Crônicas da Guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1996, pp. 50

Embora os alemães estivessem na condição de defensores do terreno as tropas aliadas também utilizavam este tipo de arma.

Rubens de Leite Andrade, que serviu como sargento na 1ª Cia do I Btl /11ºRI, narra o dia que foi gravemente mutilado por ação de uma mina terrestre:

Formada a patrulha, saímos em direção aos morros. Eu estava na retaguarda quando o sargento me chamou, para frente; eu lhe disse que nunca tinha sido esclarecedor. Ele retrucou que não tinha importância, que seria naquele dia. Andamos a tarde toda até chegarmos às montanhas onde caímos num campo minado.

O primeiro a pisar em uma mina fui eu. O Comandante da patrulha, sargento Ferrine, tomou a frente dizendo para que os demais só pisassem onde ele já tivesse pisado. Mas os outros pisaram em minas; até o anoitecer, foram oito baixas, oito que perderam as pernas. Meu Comandante de Grupo de Combate, o sargento Aquino, perdeu as duas pernas, três dias depois morreu.

[...]

Pisar numa mina dói muito. É uma amputação a sangue frio.²²²

Estar num campo minado era um terror, os soldados ficavam sem muitas opções e até recuar acabava sendo perigoso. Além disso, a explosão chamava a atenção do inimigo, que poderia desencadear fogo de morteiros ou artilharia, agravando o risco. Os ferimentos eram tão graves que desmembramentos e mortes eram muito comuns.

O dia 7 de novembro ficará marcado na nossa memória para sempre. Tombaram dois companheiros e alguns ficaram feridos. O Cabo Ladeira e Orlando não estavam conosco. [eram de outra unidade] Eram do pelotão de reconhecimento, saíram para exercício,²²³ entraram num campo minado. Os dois morreram, o Vasquinho Nery e o tenente ficaram feridos. A tristeza nos invadiu. Era a guerra na sua triste realidade, mesmo longe da frente: onde ela passa semeia morte.²²⁴

Como narrado pelo Sd. Joaquim Xavier, que teria seu batismo de fogo em Torre de Nerone em meados de setembro, para algumas unidades o contato com as minas precedeu qualquer tipo de ação do inimigo, que, também por meio dessa arma se fazia presente, mesmo a quilômetros de distância do primeiro “tedesco”.

Havia ainda outro tipo de artefato explosivo que oferecia perigo aos soldados, mesmo trazendo menos baixas que as minas: *boob-traps*. Estes dispositivos eram armadilhas que detonavam explosivos. Canetas, caixas de música, armas e até corpos

²²² Sgt. Rubens Leite de Andrade. Op. Cit. pp. 341-342

²²³ Era comum a formação de patrulhas de veteranos e novatos para adaptar estes ao front. Eram chamados exercícios.

²²⁴ SILVEIRA, Joaquim Xavier. op. cit. pp. 45

poderiam estar ligados a fios que acionavam as espoletas. José Bernardino de Souza, que serviu na Cia de Canhões Anti-Carros do 1ºRI, quando se encontrava numa patrulha para localizar um lançador de foguetes inimigo, explica esse tipo de armadilha:

[...] Quando andamos mais ou menos uns duzentos metros começamos a descer, encontramos outro alemão morto, mas conforme ele caíra no solo, em cima de neve, esta derreteu e ele ficou com as costas voltadas para baixo, as pernas e os braços no ar. Era tempo da caneta Parker 51. Havia uma em seu bolso e uma pistola no coldre. Estavam bem aparentes, verificamos, novamente, a existência de algum cordel de tropeço no corpo; se a pessoa bate no cordão de tropeço ou o traciona, inadvertidamente, a armadilha explode. A caneta Parker, no bolso da gandola, e a pistola estavam ligadas a uma bomba colocada debaixo dele.²²⁵

É interessante observar que estes artefatos explosivos eram ligados a objetos cobiçados não apenas pelo seu valor material, mas também pelo seu valor simbólico e que ainda havia uma diferenciação quanto aos alvos. Certos objetos destinavam-se a atrair a atenção de oficiais desavisados ou incautos. Quadros tortos nas paredes, livros de clássicos da poesia, caixas de música e pistolas, em especial as *Luger P-08* e a *Walther P-38*, eram objetos destinados aos oficiais, que, por exemplo, ao abrirem um livro ou sacarem uma pistola do coldre acionavam os detonadores. Já destinado aos soldados havia os tabuleiros de jogos como xadrez, canetas tinteiro, latas de biscoitos e os corpos de soldados mortos. Cadáveres tanto de alemães como de brasileiros deveriam ser recolhidos pelo Pelotão de Sepultamento para evitar epidemias, mas muitos soldados tentavam recuperar os corpos de companheiros, expondo-se assim às armadilhas.

Visando alertar a tropa brasileira para os perigos das *boob-traps* o “jornal de trincheira”²²⁶ “...*E a cobra fumou*, produzido pelo I Btl/6º RI, avisava: “[...] Há, por toda parte, os ‘bonbons de Rhum’ [sic] que os alemães semearam e que o vulgo chama de ‘booby-traps’ ”²²⁷ .

Combates corpo-a-corpo foram incomuns, devido a distribuição das forças beligerantes no terreno, que permitia aos alemães se valerem de posições mais altas para

²²⁵ O Sd. José Bernardino de Souza era Atirador de Bazuca da Cia Anti-Carros. HOESGM. Tomo VII, pp. 275. Entrevista realizada em 11/07/2000.

²²⁶ Havia jornais feitos pelos próprios soldados, os chamados “jornais de trincheira”, pois eram produzidos próximo ao front. Eles funcionavam com a permissão e apoio do comando da FEB e das unidades menores (Regimentos e Batalhões), sendo que alguns eram oficialmente produzidos por determinação do comando. Entre os mais conhecidos temos o *Zé Carioca*, o *Cruzeiro do Sul*, *A Cobra Fumou*, o *Sampaio* e o *Vem rolando*. MERON, Luciano B. *Notícias do Front: Correspondentes de guerra brasileiros na II Guerra Mundial*. Anais do III Encontro de Cultura & Memória – História: Cultura e sentimento. Recife-Pernambuco, pp.2. CD-ROM.

²²⁷ ...*E a cobra fumou*. Tarquinia (Itália), Ano I, nº 1, pp. 2, 17 de agosto de 1944.

enquadrar alvos a distâncias consideráveis, além do longo alcance do armamento, especialmente da artilharia. Mesmo assim algumas raras ocasiões de contato direto foram registradas. Em Montese, já em meados de abril de 45, os combates ocorreram de prédio em prédio, e num desses assaltos á fortificações alemães se registrou um ferimento de baioneta num soldado brasileiro que adentrou inadvertidamente numa posição inimiga.²²⁸

Havia uma grande preocupação em recuperar os corpos de companheiros mortos, mas muitas vezes estes se encontravam perto de posições vulneráveis ao fogo inimigo, causando grande comoção. O Sgt Moacyr Machado Barbosa, após o último ataque ao Monte Castelo, narra o encontro de corpos de brasileiros:

[...] Fazendo uma verificação na área, encontramos os corpos dos brasileiros mortos no ataque de 12 de dezembro [de 1944], daqueles que não pudemos trazer de volta. Eram corpos dos sargentos Aires e Pinto, do cabo Lucena e dos soldados Benone, Eliaquim, Durvalino, Álvaro, Lima, Miguel e Marcelino. O Eliaquim era aquele que eu ouvira encomendando a alma. [explicar em nota] Estava com a Bíblia. O Aires era torcedor do Fluminense, por isso havia-lhe dado uma fivela do seu clube. Reparei que eles estavam escuros. Isso me deu uma certa agonia, pois sabíamos que os alemães não gostavam de gente escura, eram racistas. Mas reparei no sargento Aires, logo me veio a mente que o frio de 20 graus abaixo de zero conserva, mas queima a pele. Eles estavam mumificados na neve, sem cheiro. Os alemães não os enterraram.²²⁹

Mais de 60 anos após os ataques feitos durante o inverno italiano a lembrança dos companheiros mortos é forte. Nomes e preferências pessoais são rememorados. Mesmo nos soldados já mortos temia-se que o inimigo provocasse algum mal aos seus corpos, remontando as visões de um inimigo cruel e preconceituoso. Além disso, o fato dos dez estarem insepultos é lembrado. Uma constatação quase recriminatória. O Cabo Raul compartilha lamentações parecidas em relação a soldados brasileiros mortos: “Deixar um camarada nosso era a coisa que podia dar mais tristeza pra gente! Ficou [muito] brasileiro!”²³⁰

Todos estes perigos oferecidos pelos alemães poderiam se manifestar de uma só vez numa circunstância de combate: a patrulha. As patrulhas eram grupos de variados em formação e número de componentes, dependendo dos seus objetivos. Existiam, de forma geral, dois tipos de patrulhas: as de reconhecimento e as de combate.

²²⁸ MAXIMIANO. op.cit. pp. 271.

²²⁹ Sgt Moacyr Machado Barbosa. Op. Cit. pp. 330.

²³⁰ Cb. Raul Carlos dos Santos. op. cit.

As patrulhas de reconhecimento serviam para manter contato com o inimigo ou coletar uma informação específica, pois muitas vezes perdia-se o contato com as tropas adversárias, o que poderia acarretar desvantagens táticas e estratégicas. Outras vezes era necessário confirmar se determinada peça de artilharia ou posição no terreno era ocupada por forças inimigas, daí as patrulhas de reconhecimento. Essas poderiam ser menores, menos armadas e mais homogêneas, dependendo da visão do comando, do terreno e das informações pré-existentes sobre os alemães na área alvo. Elas não tinham como objetivo atacar os inimigos, apenas coletar informações. O soldado Bernardino de Souza narra uma patrulha de reconhecimento:

Certa vez, numa patrulha no Monte Campiano, estávamos na parte mais elevada e, mais abaixo, havia uns platôs com roças de italianos. Na margem de um pequeno rio, um lançador de foguetes²³¹ de oito bocas a cada dez ou vinte minutos atirava, os foguetes passavam por cima de nós e iam cair lá para as bandas do Belvedere, mais pra trás.

A patrulha deveria localizar aquele *ninho* de foguetes; tivemos que descer, dar a volta no morro, para poder chegar ao local onde se ouviam os tiros. Fomos avançando por lanços, ia um na frente e dava sinal para nós que estávamos mais atrás, para que fizéssemos outro lanço [...].

Nossa missão era só localizar e depois voltar, missão de uma patrulha de reconhecimento. [...] Descemos até chegar o local de onde partiam os tiros; a neve estava com uma capa de gelo por cima, quando pisávamos fazia aquele ruído de gelo quebrando. Era importante andar com muito jeito para não chamar a atenção; quando chegamos a uns vinte metros da pirambeira, onde deveriam estar os foguetes, no meio da mata, eles receberam ordem de tiro, isso a vinte metros de nós, um lança-foguetes de oito bocas, que fazia um barulho enorme. Foi a hora de tremer na base, bambolear as pernas.

Aí voltamos, informamos a posição e a Artilharia mandou fogo em cima deles e acabou com aquilo tudo.²³²

Mesmo não tendo obrigação de enfrentar o inimigo muitas vezes isso ocorria, já que os soldados se aproximavam muito das linhas inimigas para coletar as informações. O medo, como visto, não diminuía. Embora corresse um risco menor que as patrulhas de combate essas ações não se constituíam em passeios na “terra de ninguém²³³”, eram ações de guerra, onde os homens se expunham ao fogo inimigo fora das suas áreas fortificadas. A cada saída a incerteza do retorno pairava sobre estes homens criando

²³¹ Provavelmente tratava-se do lança foguetes Nebelwerfer 41. Uma arma de artilharia de saturação, composta de seis tubos que lançavam foguetes de quase 32 kg cada. Tinha um inconveniente de serem facilmente localizáveis, devido ao rastro de fumaça dos projéteis. História ilustrada da 2ª Guerra Mundial. Armas. Rio de Janeiro: Renes, 1975.

²³² Sd. Bernardino de Souza. op.cit. pp. 275.

²³³ Área que ficava entre as linhas de combate. Tinha largura variada, indo de algumas centenas de metros a alguns quilômetros, e se estendia por toda a linha de ação dos exércitos em contenda. Eram áreas batidas constantemente por fogo de artilharia, possuindo muitas vezes uma paisagem com crateras, ruínas e quase sem vegetação.

forte desgaste psicológico. O Sgt Silas Aguiar Munguba, que serviu no 1ºRI, descreve o funcionamento de uma patrulha:

Enfatizo o importante trabalho das patrulhas: uma de suas missões era fazer com que o inimigo se mostrasse. Quando a gente saía de patrulha, geralmente era coluna por um, primeiro, por causa do caminho atópetado de neve (a gente ia abrindo o caminho). E vêm aqueles cuidados de sempre: o primeiro fica olhando para a frente, o segundo, para um lado; o terceiro para o outro; e, o último, para trás; parar e observar. Uma patrulha dessas é muito lenta e, na realidade, não precisaria atirar, porque raramente encontrávamos o inimigo, que permanecia sempre oculto. Do mesmo jeito, às vezes, eu estava na posição lá na frente, observava o inimigo passar por dentro do terreno da gente e não atirava nele. Porque a finalidade era localizar o inimigo; se eu atirasse, ele passaria à saber a minha posição e a Artilharia nos bombardearia. Do mesmo modo, ele procedia com a gente.²³⁴

Como na patrulha do Sd. Bernardino de Souza a artilharia tomava papel fundamental após a localização do inimigo. Assim essas patrulhas possuíam cartas do terreno e rádios para comunicação, mas a desorientação era comum, especialmente na neve. Além disso, o terreno acidentado dificultava a comunicação por rádio, diminuindo seu alcance, além de que era comum o inimigo interferir nas comunicações para impedir o contato entre as unidades.

As patrulhas de combate visavam atacar objetivos específicos, onde um poder de fogo menor era suficiente ou que a artilharia não tinha condições de destruir ou alcançar. Além disso, a captura de inimigos também era caracterizada como uma ação de combate, já que era necessário adentrar nas linhas inimigas e com frequências encontrar resistência nesse processo. Muitas das operações maiores de grandes unidades — como Regimentos e Divisões — começavam com ações preparatórias do terreno através de patrulhas, que destruíam ponto de resistência inimiga específicas. Essas patrulhas também eram conhecidas como “golpes de mão”. Assim, as patrulhas de combate normalmente eram mais bem armadas e com uma quantidade maior de membros.

Durante o inverno, quando a neve paralisou a frente de combate, as patrulhas se tornaram fundamentais, já que as posições inimigas se tornaram quase invisíveis e o contato com estas rompia, as vezes por dias. Quando isso acontecia o comando brasileiro necessitava de informações mais específicas, como detalhes de unidades, moral da tropa, tipo e quantidade de armamentos, determinando muitas vezes a captura

²³⁴ O Sgt. Silas de Aguiar Mungunba serviu na 2ª Cia do I Btl./I RI. HOESGM, Tomo II, pp. 95. Entrevista realizada em 01/06/2000.

de soldados inimigos para interrogatório. Mas essas eram ações que obtinham pequeno grau de sucesso, especialmente no inverno, onde as operações de combate diminuam sensivelmente. Segundo César C. Maximiano apenas vinte e cinco soldados inimigos foram capturados em janeiro de 1945, quando houve a total paralisia do *front*²³⁵.

Algumas patrulhas de combate tinham a perigosa missão de fustigar as linhas inimigas, para avaliar a disposição destas e seus recursos. Eram missões de extremo perigo, mas que podiam resultar em informações importantes. Observemos a narrativa do Sgt. Munguba numa de suas patrulhas para averiguar uma posição inimiga na “terra de ninguém”, durante o inverno italiano:

Certo dia, pegaram um *partigiani*, um italiano, que sabia da existência, em determinado local, de um grupo de alemães; recebemos ordens de trocar fogo com eles, de qualquer maneira, provocar o bicho na sua toca. [...] Lá, não existia ponte; era um rio que apresentava a superfície congelada; a gente passava por cima daquela camada de gelo, em seguida enfrentava a neve quase na cintura, sobe morro, desce morro, até chegar ao local previsto. Aproximamo-nos, cercamos a casa... isso demorou horas, com um frio danado; (preciso entrar na casa, cabe a mim fazê-lo, como especialista nessas coisas). Inicialmente pensei que houvesse alguma coisa estranha, segurei a porta, abri, nada...então, ótimo! Entrei com a metralhadora e notei um casal com duas filhas, bem à frente, perto da mesa. Apontei a metralhadora para eles e disse: “Onde é que está o alemão?” Ele respondeu: “Aqui não tem alemão.” Mandei os soldados entrarem, a gente *rodeou*..., “nós não estamos aqui para prejudicar ninguém, não queremos ferir ninguém, agora quero saber onde é que está o alemão.” Aí, o dono da casa repetiu: “Não tem alemão”(em italiano); “tem, nós recebemos informação de que tem alemão.” E acrescentei: “Então, faça o seguinte: vamos correr os quatro [tudo isso?] andares da casa.” Aí, o bicho frouxo que só ele mesmo mandou-me subir com a mulher; eu e os dois soldados subimos, vasculhamos a casa, não encontramos realmente alemão. Cheguei junto ao velho, novamente, e falei: “Onde é que está o alemão?”, ele repetiu: “Não tem alemão”; aí, desembainhei a faca, pois a gente andava com uma faca de trincheira, encostei-a no braço dele e disse: “Onde está o alemão?” e ele, outra vez: “Não tem alemão”. Nisso, eu o *furei*! Quando ele viu o sangue correr, disse mais uma vez: “Não tem alemão”; eu retruquei: “Tem não?”; peguei a faca, botei no peito dele, em cima do coração e ameacei: “Se você não disser, eu o mato; não dou tiro, senão o alemão ouve e descobre; mas eu o mato aqui e agora”; e, quando apertei um pouco, ele viu que eu estava falando sério e disse: *subito*. *Subito* quer dizer “perto”; então chamei: “Vamos comigo.” O velho veio até a porta e saímos andando, nos aproximamos de uma determinada posição, uma elevação e um pequeno canal lá em baixo; ao olhar, vi uma árvore – disso nunca me esqueço – ao lado da árvore, um toco. Quando a gente chegou e olhou, o coitado do italiano viu aquilo e deu um berro: “sentinela *tedesca*”, “sentinela alemã”. Ao dizer isso, o toco – que era um vigilante, um vigia que eu pensava ser um toco – virou-se para mim, eu estava atrás dele. Acho que essa foi a minha salvação. Ele virou-se para mim e deu um grito – não sei alemão – esse grito era *raus! raus!*, mais ou menos foi esse o som que ele emitiu. Mas foi um grito bem forte; dizem que é “fora daí” num tom bem agressivo. Empunho a metralhadora, aponto para ele (estava perto, talvez uns 15 metros); quando puxo o gatilho, não funciona; pronto, a metralhadora não funcionou; peguei uma granada de mão; quando fui botar o dedo no aro para tirar o grampo, não entrava, porque a luva era grossa. Repare,

²³⁵ MAXIMIANO. op.cit. pp. 283

tudo isso em décimos de segundos; então, tirei a luva com os dentes, arranquei o grampo e lancei a granada. Acabei com aquele camarada ali. Muito bem, volto e peço ao Tenente que me dê outra metralhadora, porque a minha tinha falhado. Ele me deu a metralhadora e, quando estou regressando àquela elevação, encontro-me face a face – talvez não houvesse cinco metros entre nós dois – com o segundo alemão que ia subindo. Um fica olhando para o outro; eu pego e aponto a metralhadora, que falha novamente; ele me joga uma granada de mão, que cai entre as minhas pernas; pronto, pensei... Aqui..., só fazendo um parêntese a respeito dessa sensação que você tem, quando vai morrer. Eu era jovem, tinha 21 anos de idade, estudante de medicina, uma família organizada, tudo estruturado, tudo *bonitinho* e, de repente, uma granada entre as pernas, sei que vai explodir e que vou morrer. É uma sensação terrível: você está sabendo que vai morrer e o fim é iminente. Mas, graças a Deus, a granada não explodiu e eu peguei a minha, joguei-a e ela funcionou. A partir daí, começou: apareceu alemão de todo lado e foi só troca de tiros, daqui, dali. [...]²³⁶

O apoio da artilharia brasileira se faria presente, dando cobertura ao recuo da patrulha, e a posição inimiga seria destruída — provavelmente arrasando também a casa dos civis. “Recordo-me de que chegou uma Bandeira da Cruz Vermelha [alemã] pedindo-nos para suspender o fogo, a fim de retirarem os mortos e feridos daquele local”²³⁷. O Sgt acabaria condecorado por ato de bravura, por ter localizado as posições inimigas e eliminado pelo menos dois soldados alemães.

Além dos perigos do deslocamento na neve — como atravessar o rio congelado — a patrulha do Sgt. Munguba sofre grande tensão na abordagem à casa dos civis. A cautela ao adentrar demonstra o medo de uma emboscada ou uma armadilha, que poderia ser acionada ao abrir da porta. O trato com a população civil é feito sob grande tensão e desconfiança, culminando em ações violentas, onde a tortura para obter informações se faz presente, contrariando as normas de guerra que preservam a integridade de não-combatentes. O combate que se segue nos oferece uma idéia de imprevistos que poderiam ainda ocorrer: A sentinela alemã camuflada; a arma que emperra, pois o material lubrificante congelou; a luva que é grossa demais para acionar o pino da granada. Quando da falha da granada inimiga e a proximidade da morte o Sgt fornece a justificativa para não morrer. Sua juventude, estar estudando ter uma família “estruturada”, “tudo bonitinho”, são características, na sua visão, de condições ideais de vida, de alguém de futuro promissor, que não poderia ser desfeito por uma granada entre as pernas. “Mas, graças a Deus”, a granada não funciona e é o Sargento que pode interromper os planos do soldado inimigo.

²³⁶ MUNGUBA. op.cit. pp. 93-94.

²³⁷ Id. Ibidem.

Os combates e sua violência provocavam reações variadas nos soldados, mas pelo menos um sentimento, o medo — e conseqüentemente seu oposto, a coragem — merecem algumas considerações específicas.

3.2 O medo

“Não tem essa pessoa que quando parte para um lugar [a guerra] não tenha medo.”²³⁸ Medo é um sentimento facilmente associável a uma situação de guerra, mas poucos durante o desenrolar da batalha admitem tê-lo.

Uma característica constante da atividade do soldado era obedecer a ordens, independente do risco. “Tem dia que ninguém precisa saber de nada! Do jeito que se está, vai [para o combate]! Ai é outra coisa, não tem esse negocio de risco não. Cada um que se cuide”²³⁹. Embora o *front* permitisse uma maior liberdade no comportamento do soldado e até desfizesse certas formalidades da caserna — como continências freqüentes e rigor no fardamento — especialmente nas relações com oficiais de baixa patente e graduados, isso na verdade acabava servindo para manter o soldado em sua função, que era fazer a guerra, ser obediente e disposto a matar e/ou ser morto. Estar na guerra era “um quinhão desagradável que lhes cabia²⁴⁰”, aceito por respeito à hierarquia, pelo temor de represálias legais e sociais — como ser rotulado de covarde —, orgulho e vínculos emotivos aos companheiros de unidade. Em menor escala haveria o patriotismo, segundo Maximiano²⁴¹, que seria pouco trabalhado pelo exército entre a tropa convocada. O Sgt. Ayrton Vianna Alves Guimarães explica porque enfrentou o medo e seguiu para a guerra: “Fui para a guerra com medo; quem é que vai para a guerra sem medo? E não desertei com medo também, para não ser covarde.”²⁴²

Nos diários e depoimentos próximos à guerra é muito difícil observar declarações espontâneas de medo, onde este quando ocorre é destinado sempre a homens de outras unidades ou de “casos que se comentava”. A coragem é algo muito evocado como uma virtude do bom combatente, vinculada a idéia de virilidade, de masculinidade, dentro da cultura militar. Estes ideais podem ser percebidos no depoimento do Tenente José Alfio Piason:

²³⁸ O Sd. Vicente Alves do Nascimento serviu na Cia. de Petrechos do 11º RI como metralhador. Entrevista concedida ao autor em 17/07/08.

²³⁹ Cb. Raul Carlos dos Santos. op.cit.

²⁴⁰ MAXIMIANO. op. cit. pp. 169.

²⁴¹ Id. Ibidem.

²⁴² Sgt. Ayrton Vianna Alves Guimarães. Op. Cit. pp. 268.

A guerra para mim, como médico [após a guerra], foi uma coisa muito importante, porque eu aprendia a psicologia do homem em perigo. Porque vi alguns que aqui no Brasil eram valentões e quando chegaram lá [na Itália] cometiam alguns atos de covardia. Um deles, no Rio dava bastante alteração, bebia, vivia preso, era o valentão, batia em todo mundo, se envolveu em uma briga e esfaqueou um sujeito. Mas na guerra se acovardou. O comandante dele, o Capitão Aldenor, reuniu a Companhia e na frente de todo mundo disse:

— Você vai ficar na cozinha, seu covarde!

Já aqueles “mocorongos” do Mato Grosso, quase analfabetos, quietinhos, agüentavam firmes; alguns eram até voluntários para patrulhas, parece mentira que alguém pudesse ser voluntário para aquele tipo de missão bastante perigosa [...]. Acarretaram muitos atos de bravura e isso é preciso assinalar.²⁴³

A covardia é inadmissível e tem que ser exposta publicamente, assim como sua punição. O soldado é designado para uma função considerada secundária, para alguém que tinha a possibilidade de ser um combatente de linha de frente. Além disso, é interessante observar que, na visão do tenente Piason, é surpreendente que homens pobres, simples, vindos de um Estado fora do eixo de desenvolvimento nacional da época (Rio de Janeiro – São Paulo) — os “mocorongos, analfabetos, quietinhos” — sejam capazes de apresentar as qualidades do “bom soldado”, ou seja, serem obstinados, destemidos e voluntários.

Nas entrevistas realizadas décadas após a guerra o discurso sobre o medo mudou. Este é um sentimento admitido quase que com unanimidade, algo natural para quem passou pela guerra. Mas essa postura coletiva adotada hoje não implica, na maioria dos casos, numa autorização a acusações de covardia contra companheiros de guerra. Pelo contrario, o que se encontra é a defesa do soldado brasileiro. O Sgt. Oswaldo Matuk faz questão de diferenciar medo de covardia:

[...]

Na minha Companhia não houve caso algum de indisciplina ou de covardia, covardia principalmente, não tive conhecimento de que ocorresse.

Lembro-me ainda que, na véspera do Natal de 1944, os alemães fizeram uma salva com os canhões 88 mm. Deram tanto tiro, emendavam um no outro. Um sargento teve uma crise psíquica, ficou doido e acabou morrendo: Corria para a frente e para trás e eu gritava para ele voltar, mas como não se abrigou, foi atingido. O coitado ficou doido, não foi covardia.

Naquele dia, por exemplo, a gente deveria sair em patrulha e a nevasca não estava permitindo; cheguei a dizer ao Tenente que não dava e ele ponderou com o Capitão, pelo telefone.

²⁴³ Tenente José Alfio Piason foi Chefe da 2ª Seção do I/6º RI. HOESGM, Tomo III, pp. 175. Entrevista realizada em 02/05/2001.

Não foi covardia, foi segurança, preservação, porque covardia é uma coisa e medo é outra. Todos tem, ninguém pode dizer que não tem medo, é muito natural, somos seres humanos. A gente vai em uma noite escura, não enxerga nada à sua frente, com um fuzil e baioneta armada, uma hora a gente espera ser espetado, porque o inimigo pode vir também. Então esse é o medo, o receio, que é natural. A reação é positiva: provoca um estado de alerta e agressividade. O bom combatente reage à aquele medo, vence-o e cumpre a sua missão, diferente de outras situações em que se expõe afoitamente à morte, comprometendo a si mesmo e ao grupo.²⁴⁴

A covardia não é vista como um sentimento de auto-preservação, não é admitida como algo natural, mas o medo hoje é quase algo positivo, esperado de um ser humano, e presente num soldado consciente que não se expõe a toa.

Algumas estratégias eram desenvolvidas pelos soldados para lidar com o medo nas situações de maior perigo. Brincadeiras eram feitas pra desviar a expectativa de uma patrulha ou ataque iminente, além disso, cantava-se para evitar o medo. Quando por mim questionado sobre como encarava o medo, o soldado Vicente comentou:

Mas eu gostava de fazer o seguinte: cantava aquele sambinha, aquela coisa, aquela brincadeira, e os meninos “o que é que trouxe de novo?” e ia lá, aquela coisa, e começa a cantar “Senhor do Bonfim”, e ai era todo mundo batendo naquele capacete e tava todo mundo entregue a Deus, né?!²⁴⁵

Até durante a ação da artilharia inimiga alguns soldados tentavam brincar, no intuito de amenizar o medo e o *stress* do combate:

[...] Quando caíam algumas granadas de 88 mm, nós jogávamos bolas de neve ou pedra nas costas dos companheiros . Quando o bombardeio acabava, a gente levantava voltando à normalidade. Aquele que tinha sido atingido pela bola de neve ficava passando a Mao no local atingido, procurando sangue, para ver se tinha sido ferido. Ferimento não dói na hora, só depois. Por isso, ficava procurando a ferida. Era uma brincadeira de brasileiro.²⁴⁶

Havia ainda para alguns um alheamento à violência dos combates e, especialmente, à morte de companheiros. Isso além de ser uma estratégia para lidar com o tormento da guerra também era fruto da própria banalização da morte e da brutalidade, constantes no conflito. Dedicar-se a objetivos imediatos, ligados a sua missão, e a auto-preservação eram meios de enfrentar o medo, a violência e a dor da

²⁴⁴ Sgt. Oswaldo Matuk. Op. Cit., pp. 256.

²⁴⁵ O Sd. Vicente Alves do Nascimento serviu na Cia. de Petrechos do 11º RI como metralhador. Entrevista concedida ao autor em 17/07/08.

²⁴⁶ Moacyr Machado Barbosa. op.cit. pp. 328-329.

perda. O soldado Abdias de Souza, lembrando o ataque sobre Montese, de meados de abril de 1945, comenta:

Na guerra, quando a gente estava atravessando um rio, o nosso problema é procurar sair do outro lado. Não se quer saber o que se está passando por lá nem pra cá. Você recebe um objetivo e parte para ele. Não quer saber o que está acontecendo, nem de um lado nem de outro. Era fazer o assalto e escolher: matar ou morrer. Não morreu, começa tudo de novo. [...] Os feridos ficavam pra lá, o negócio da gente era pra frente. Ficou ferido, fica para trás. E, atrás, logo vinham os padioleiros pegando os feridos.

Éramos 44. Quando regressamos estávamos com 27. Nem isso a gente notava a falta. Pensava que o companheiro estava escondido ou estava do outro lado. Quando perdíamos um companheiro, fazíamos de conta que ele tinha ido para o outro lado. E como chorei. Eu vi aqueles dois amigos queimados. Estivemos juntos, como estamos aqui.²⁴⁷

Após sobreviver a um intenso bombardeio da artilharia alemã, o Sd Joaquim Xavier reflete sobre sua situação:

O resto da noite passamos numa adega, que estava cheia de feridos. Cochilei sentado a um canto, ouvindo o gemido baixinho e incessante dos companheiros atingidos. [...] A sensação que tinha era de embriaguez, e um zunido constante nos ouvidos. Ao meu redor, homens deitados, envoltos em cobertores, num porão cheio de trastes velhos e teias de aranha. Esse era um verdadeiro quadro de guerra, digno de Erich Maria Remarque para descrevê-lo. Junto a mim, um pracinha vomitava um líquido viscoso misturado com sangue. Eu estava imundo, coberto de lama, com o corpo todo dolorido, a mão direita machucada, tonto, porém feliz, imensamente feliz, porque estava VIVO. O espetáculo do sofrimento alheio deixava-me indiferente. Eu estava vivo. Era isso o mais importante.²⁴⁸

O mundo de violência que cerca o soldado Joaquim é aludido à outro ambiente de guerra, do romance *Nada de novo no front*, do autor veterano alemão da I Guerra Mundial, Erich Maria Remarque. Esta obra se tornou, na década de 30 do século passado, um referencial sobre a violência da guerra e as agruras que o soldado passava. A felicidade com a auto-preservação se faz mais importante que qualquer coisa, na reflexão do praça. Mais a frente no seu diário, como o Sd. Abdias, ele demonstra outro exemplo da indiferença que a guerra pode provocar, mesmo quando se trata da morte de companheiros.

O tempo foi passando; todos os dias ia a Porreta levar mensagens ao QG [Quartel General]. Aos poucos me acostumava com os sustos de atravessar as duas pontes e comecei a achar um esporte fascinante fugir das bombas. Já não tinha mais a sensação dos primeiros dias ao ter que enfrentar um

²⁴⁷ Abdias de Souza op.cit. pp.189.

²⁴⁸ SILVEIRA. op.cit. pp56.

bombardeio, ou quando me diziam que algum companheiro tinha morrido. O verbo, aliás, era “sobrar”, pois não se falava em morte. Nunca tocávamos o nome daqueles que tinham “sobrado”. À primeira vista, parece desrespeito. Era apenas uma defesa, uma reação natural. O que tinha acontecido com eles poderia suceder também a qualquer um de nós, sem escolha de hora, nem de local. Sabíamos que estávamos ali para morrer, mas ninguém gostava de que isso fosse lembrado. Começávamos a adquirir a mentalidade de veterano, e um vocabulário lógico. Quando a “cobra começava a fumar”²⁴⁹, cada qual tratava de enfiar o focinho no chão para não “sobrar”. Assim vivíamos, dormindo, comendo, executando as ordens e esperando nossa vez, com a esperança de que para nós ele nunca chegasse.²⁵⁰

A morte era “logicamente” ignorada, assim como o medo, que era disfarçado. Este fatalismo alcançava em alguns pracinhas grandes proporções. A brutalidade da guerra, a incerteza da morte, a miséria da população civil, o pensamento medíocre e desdenhoso de alguns oficiais para com os subalternos produzem no depoimento do Sgt. de Artilharia Boris Schnaiderman uma narrativa angustiada, tensa e predominantemente triste.

Há também uma ferocidade transformada em rotina, enquadrada em normas burocráticas, obediente aos regulamentos escritos. As normas prescrevem que se atire todos os dias sobre o Ponto Base, obrigatoriamente um ponto fixo e bem visível. Por conseguinte, nada melhor que um campanário. E lá se vai a igreja de La Serra, transformada em um montão de escombros! Constatou-se que os alemães transportavam munições de guerra em ambulâncias, logo devemos atirar em todas as ambulâncias alemães que estiverem a vista. O inimigo é feroz e implacável, portanto temos de usar contra ele balas explosivas, proibidas pela Convenção de Genebra, balas que se estilhaçam ao encontrar o primeiro obstáculo e provocam ferimentos horríveis. Ferocidade contra ferocidade! Será possível que o nazismo nos contaminou?

Não pode ser! Olho os soldados, os mesmos que eu vi em Pozzuoli, bons e compassivos com a população. Há uma dureza e uma impassibilidade que, pensava eu, jamais apareceriam em seus rostos. A guerra tem uma lógica implacável. E eu queria esta guerra! Eu não tenho o direito de protestar contra nada!²⁵¹

Os brasileiros acabam se igualando aos nazistas, que são muitas vezes demonizados, rotulados de cruéis. A guerra, em certos momentos, se torna um “olho por olho”. Como visto no Capítulo I, alguns soldados participaram da FEB com uma ideologia pró-guerra, devido a adesão à uma política anti-nazista, que foi o caso do Sgt Schnaiderman, daí sua auto-condenação quanto ao direito de protestar contra a

²⁴⁹ Expressão muito usada para descrever momentos de perigo, onde o inimigo atacava e o risco de ser atingido era grande.

²⁵⁰ SILVEIRA. op.cit. pp. 57.

²⁵¹ SCHNAIDERMAN. Op. Cit. pp.128-129.

brutalização do soldado. O alheamento ao sofrimento é algo quase que impossível de se evitar. Mais a frente o Sgt continua sua reflexão:

A morte, ora a morte! Outro dia, fomos metralhados por engano por um avião americano. Vi cair morto, sob minha janela, o soldado americano da máquina fumígena²⁵². Eu estava encolhido no canto, junto à janela, vendo as balas traçantes penetrarem no quarto, numa esteira de fogo. Espiei para fora com o rabo dos olhos, e lá estava o americano caindo. Que importam as circunstâncias acessórias? Se o avião fosse alemão, teria sido mais fácil? No turbilhão de absurdos, vivemos entregues ao inexorável, como nos entregamos ao monstro cinzento que nos trouxe para a guerra.²⁵³

Mesmo reconhecendo a existência de absurdos, a morte é uma fatalidade inevitável e pouco importa se venha por engano ou numa ação contra o inimigo. Os acontecimentos violentos são banalizados. A morte se torna algo tão banal como a viagem para a guerra no “monstro cinzento”, que foi o navio transporte.

Para alguns havia, também, o uso da religiosidade como estratégia de enfrentamento do medo. Os soldados tinham um serviço religioso oficial, o “Serviço de Assistência Religiosa” do Exército — criado por decreto presidencial de Getúlio Vargas em 26/05/1944 — que enviou a Itália junto com a FEB vinte e quatro sacerdotes católicos e dois protestantes — um metodista e outro batista. Estes religiosos foram todos voluntários. Receberam algum treinamento militar, especialmente condicionamento físico, e passaram a incorporar unidades do exército no Brasil. Inicialmente não possuíam patentes, mas, posteriormente, assimilando o padrão norte-americano, foram “promovidos” a oficiais, na maioria tenentes e capitães. O Serviço de Assistência Religiosa da FEB era chefiado pelo Tenente-Coronel Capelão Padre João Pheneey de Camargo e Silva.

Embora os capelães visitassem unidades mais próximas da linha de frente, a maior parte do serviço religioso era realizada para as unidades mais à retaguarda. A dificuldade de acesso e os perigos do *front* eram empecilhos para que os capelães conseguissem estar presente de forma eficiente. Os cultos constituíam um alento para os soldados e ajudavam a lidar com o medo e o desgaste psicológico da guerra. O Sgt Rubens Leite fala da importância do Serviço Religioso:

Deus é brasileiro, ele nos ajudou muito e nos orientou. Nossos capelães também nos confortaram. Sempre que havia oportunidade armavam o altar e

²⁵² Eram motores a diesel adaptados para gerar cortinas de fumaça sobre determinadas áreas, com o intuito de impedir o enquadramento de alvos pela artilharia e aviação inimiga.

²⁵³ SCHNAIDERMAN. op.cit. pp. 129-130.

rezavam a missa, da qual participávamos com fé em Deus para que voltássemos ao Brasil, para que não fôssemos feridos. Todo mundo, numa hora dessas, tem fé.²⁵⁴

O Sgt Munguba, que é evangélico, também se recorda do Serviço Religioso e lhe atribui importância para enfrentar o *stress* da guerra e ainda o conflito quanto a matar outra pessoa:

A assistência religiosa também não podia ir à frente. Mas, antes de entrar em combate, havia sempre um jeito de recebê-la. Os capelães, padre e o evangélico, faziam reuniões conosco, antes de irmos para a linha de frente, ainda no acampamento.

Essas reuniões eram muito úteis. Para mim, foram de vital importância. Costumo dizer que, quando estava naquela confusão toda de matar, só me ocorria um recurso: orar muito a Deus. Orei tanto que penso ter abusado da paciência do Senhor. Andava com o Novo Testamento no bolso, porque sou homem bastante religioso; então, lia o Novo Testamento, orava ao Pai e, de repente, me acalmava, ficava tranquilo. Essa parte espiritual foi muito importante antes de sairmos do Brasil, até quando chegamos ao acampamento; só houve dificuldade quando seguimos para a linha de frente, pois o capelão não podia estar lá.²⁵⁵

Havia ainda outras estratégias para lidar com o medo, mas de uma maneira mais direta, com menos subterfúgios. A liderança e a camaradagem são muito evocadas como meios de superação do medo da morte e da guerra, especialmente entre praças e graduados.

É recorrente, talvez pela própria estrutura hierarquizada das instituições militares, a evocação da importância da liderança. O papel do oficial que comandava os Pelotões, no caso os tenentes e aspirantes a oficial, e dos Grupos de Combate, são considerados preponderantes para determinar a reação da tropa frente a situações de perigo e desgaste físico e psicológico. Há um discurso de confiança e lealdade em relação ao grupo e ao líder. “O frio, o medo, a fome, tudo isso junto são privações que o homem agüenta por causa de sua formação moral e pela ação de seus líderes”²⁵⁶.

O Cabo Antônio dos Santos Silva mostra sinais de desgaste psicológico, tendo impressões sensoriais associadas à ferimentos, e evoca a lealdade ao líder como uma força maior a mantê-lo na guerra:

[...] A proximidade da perspectiva da guerra, do combate, fez com que gradativamente aumentasse a tensão e os nervos tendessem a se descontrolar.

²⁵⁴ Sgt. Rubens Leite de Andrade. op.cit. pp. 343.

²⁵⁵ Sgt. Munguba. op.cit. pp. 98-99.

²⁵⁶ Sgt. Rubens Leite de Andrade. op.cit. pp. 343.

Comecei a sentir um odor de éter, de remédio, como se estivesse num hospital... Até hoje me lembro disso.

A minha impressão era de que estava caminhando no meio da rua; Silla [explica isso] me deixou essa impressão, a de que estava indo para um hospital....

Mas continuava na minha posição, com meu Comandante. Eu pertencia à Companhia de Comando do Batalhão Uzêda e o Comandante do Regimento era o Coronel Caiado de Castro.²⁵⁷

O Sgt Rubens Leite também atribui a liderança um elemento preponderante para superação do medo na guerra:

Meu Comandante de Companhia era o capitão Darcy Lázaro; de Pelotão, o Tenente Resende; e de Grupo de combate, o sargento Aquino. Todos eles eram muito bons. Ótimas lideranças, porque do sargento ao Oficial, ninguém vacilava. Isso era bom porque o medo existia e oi exemplo deles nos arrastava.

O Sargento Aquino era um escurinho, muito bom, valente. Havia um soldado, eu o chamava de “Carioca”, nunca vi tanto medo. Ele me olhava nos meus olhos, eu já adivinhava o que queria saber e ele perguntava: “Rubens, você está com medo?” “Sim, estou com medo”. Eu dizia, mas olhávamos para nosso líder, o sargento, que estava na frente, com o Tenente mais à frente ainda e não podíamos deixar de segui-los. Aonde eles fossem, nós iríamos.²⁵⁸

A responsabilidade da liderança era percebida pelos próprios graduados e oficiais, que se viam como exemplos de determinação e como mantenedores da coesão do grupo, como é o caso do Sgt Matuk:

Naturalmente sabíamos que da ação do Comandante dependia a conduta do soldado. Meus soldados sabiam que para meu desempenho ser eficaz, era necessário que atuassem bem. Isso valia para cima também, ou seja, em relação ao Tenente Comandante do Pelotão, que geralmente combate com a primeira linha. Eu tinha confiança no meu Tenene, assim como os soldados confiavam em mim. Estavam certos de que o sargento estava ali lutando com eles, pensando por eles, e fazendo o Máximo possível para protegê-los, sem deixar que sofressem situação de perigo. Criava-se o espírito de Corpo.²⁵⁹

A idéia do Pelotão como um só corpo criava para alguns uma imagem muito forte. O Sd Abdias de Souza imagina sua unidade como uma barata:

No pelotão, nenhum soldado se destacou em alguma missão, pela iniciativa própria. Todo mundo cumpria as ordens do tenente. E o tenente, digamos assim, coordenava tudo. Nós nos deslocávamos como o formato de uma barata. O tenente era a cabeça da barata, ele ia na frente. Os dois sargentos da frente eram as barbas da barata e nós, as pernas. E havia gente que vinha caminhando já como no rabo da barata, porém mais de costas do que virado para a frente. Para cobrir a retaguarda.²⁶⁰

²⁵⁷ O cabo sapador-mineiro Antônio dos Santos Silva serviu na Cia de Comando do I/1ºRI. HOESGM, Tomo II, pp.284. Entrevista realizada em 03/05/2001

²⁵⁸ Sgt. Rubens Leite de Andrade. op.cit.pp. 340

²⁵⁹ Sgt. Oswaldo Matuk. op.cit. 253-254.

²⁶⁰ Abdias de Souza. op.cit. pp. 189.

A analogia do Pelotão a uma barata é significativa. Nas ações de patrulha os soldados muitas vezes se deslocavam se esgueirando, próximos ao chão, para evitarem serem vistos, como uma barata que se esconde pelos cantos, furtivamente. Tinham à frente “a cabeça”, o tenente, que decidia pelo destino do “corpo”, formado pelos sargentos, cabos e soldados, “sem iniciativa própria”, para este soldado.

A lealdade ao oficial comandante era motivação para enfrentar situações tensas e arriscadas, para o soldado Vicente Gratagliano. Um bombardeio numa posição brasileira nos arredores do Monte Soprassasso levou o Pelotão a um recuo, temendo serem arrasados pela artilharia e um golpe de mão inimigo. Após o cessar da artilharia inimiga, o tenente pede voluntários para averiguar se a posição foi ocupada pelos alemães, relembra Gratagliano:

— *Eu preciso de três voluntários para ir lá em cima.*

Como eu estava perto, me apresentei. O que eu podia fazer? Sair dali, fugir? Não, eu me apresentei e se apresentaram também o sargento Comandante do Grupo e outro soldado; infelizmente esse soldado morreu lá. Prosseguiu:

— *Vocês vão?*

Repeti:

— *Vou, Tenente.*

Falei meio contrariado, como quem não queria ir, mas ele era muito bom e eu confirmei que iria.²⁶¹

Mas entre os fatores motivadores contra os perigos do *front* o companheirismo é o mais evocado. A lealdade ao grupo levava o soldado, de maneira geral, a enfrentar o medo, algumas vezes evitando até dar baixa quando ferido ou doente para não se afastar de sua unidade. Pois quando ferido o soldado poderia dar baixa num hospital na retaguarda, sendo substituído por outro soldado vindo do Depósito de Pessoal, retornando ao *front* quando estivesse recuperado, mas possivelmente em uma unidade estranha. Assim, os laços de camaradagem funcionavam como catalisadores de eficiência, fazendo com o soldado permanesse em combate por mais tempo²⁶². O Soldado Vicente Pedroso da Cruz relaciona a lealdade aos companheiros de unidade à coragem: “O medo é o pai da coragem, ou se tem coragem ou vai-se para o desastre.

²⁶¹ Vicente Gratagliano. Op. Cit., pp. 286-287.

²⁶² MAXIMIANO. op.cit. pp. 149.

Não há tempo para raciocinar. E como o soldado pensa? Nos companheiros que não pode[mos] deixar na mão”²⁶³.

O Sgt. Moacyr Machado Barbosa relata como burla a burocracia do Depósito de Pessoal para voltar mais rápido para sua unidade no *front*:

[...] O sopro de uma granada me fez desmaiar. Fui para o hospital, de lá para o Centro de Readaptação e, depois, para o Depósito de Pessoal. A guerra já estava no fim e eu não queria ficar lá, longe do meu pessoal. Com a permissão do Coronel Archimínio Pereira, deixei o Depósito. Disse-lhe que era da 7ª Companhia do Sampaio [1ºRI], que estava cheio de dinheiro, que tinha que pagar, que tinha sofrido um acidente e que fora hospitalizado. Ele deu autorização e voltei para minha Companhia. Meu lugar era no Sampaio, onde estive desde que cheguei à Itália.²⁶⁴

Fato similar também é relatado pelo soldado José Bernardino de Souza Quando sua unidade encontrava-se as margens da estrada que ia para Bolonha protegida num barranco ele percebe um companheiro ferido e o avisa:

Quando ele olhou, soltou o fuzil, ainda não tinha percebido. Um estilhaço pegou no fuzil e não mão dele, apenas cortou, não quebrou e como estava frio ele não sentiu. Somente quando falei, ele notou: a mão tinha um corte grande e do fuzil arrancou uma lasca. Recebeu atendimento médico e quando voltou à linha de frente eu indaguei:

— E aí, como é que está?

Respondeu:

— Não foi grave, eu vou é pra frente com vocês.

Estava com a mão enfaixada, mas não baixou. São coisas que a gente vai falando e lembrando.²⁶⁵

Partilhar as agruras do *front* criava fortes laços entre os indivíduos e, para muitos, após a guerra esta experiência se sobrepôs às diferenças sociais, raciais e até nacionais, colocando quase que num mesmo patamar – o de veterano de guerra – soldados que foram inimigos. Luiz Paulino Bonfim, que era aspirante a oficial durante a guerra afirma que:

[...]Há muita coisa que os veteranos, não importa se aliados ou inimigos, falam entre si mas não na frente de quem não esteve em luta. O Bill Mauldin,

²⁶³ Vicente Pedroso da Cruz. op.cit. pp.302.

²⁶⁴ Moacyr Machado Barbosa. op.cit. pp. 332-333.

²⁶⁵ José Bernardino de Souza. op.cit. pp. 278.

no seu livro *UP FRONT*, diz que todos eles pertencem ao que ele chama de FRATERNAL IRMANDADE DOS QUE ANDARAM LEVANDO TIROS, a mais exclusiva associação do mundo. Nela é aceito um SS da Waffen SS, mas um partigiani ou um maquisard não! Eles não eram SOLDADOS. Um mercenário ou um soldado da Legião Estrangeira também são excluídos. Você tem que ser um cidadão que, seguindo o que era o seu dever, se tornou um soldado. Adotou a conduta e a disciplina militar por que sabia estas serem necessárias, eram parte da sua vida como soldados. Os civis, tal como você era, passam a serem 'paisanos' [...] e você está muito acima deles. Se você não estiver muito acima de todos e de qualquer um você não vai sair do seu fox hole, fedorento e úmido, mas bem mais seguro do que os , sei lá, 400 ou 800 metros de terreno aberto até atingir as posições inimigas. [...] Pensa em entrar em um banco que está sendo assaltado só por que o 'SEU' tenente deu a ordem, o 'SEU' sargento gritou VAMOS e os 'SEUS' companheiros estão indo. Você iria? SE você fosse seria um SOLDADO. Se não fosse você seria um cidadão de bom senso, que tinha suas obrigações que não incluíam morrer por que uma MISSÃO tinha que ser cumprida. [...]²⁶⁶

O sentimento de pertencimento a um determinado grupo forma uma identidade coletiva que distingue, na visão deste veterano, os soldados regulares de outros grupos sociais, excluindo até os guerrilheiros que participaram da mesma guerra. Não basta ter lutado. Tem que ter pertencido a uma instituição militar regular para ser reconhecido como um *soldado*. A liderança, a obediência e o companheirismo são evocados como qualidades deste grupo único, que é constituído para lutar, matar ou morrer.

Estes exemplos de obediência e de dedicação ao grupo, para enfrentar o medo e as dificuldades do front, não significam dizer que a relação entre os soldados era fundamentada na harmonia. Insubordinações, desacatos às ordens e até agressões aos oficiais e graduados e entre praças eram cometidas pelos soldados.

Algumas vezes a liderança era imposta. Utilizava-se a hierarquia para o cumprimento de uma missão e evitar a baixa na moral, sendo a obediência instituída pela ameaça de sanções ou até a morte. O tenente Piason relata um fato ocorrido numa localidade próxima ao Soprassasso, onde uma unidade havia debandando duas vezes. Para manter a posição, o comandante do Batalhão, o Major Gross determina que o Pelotão do tenente José Gonçalves ocupe a linha, sendo guiado por um sargento da unidade que debandara.

[...] Chegaram lá à noite, depois de ter passado por nós, à tarde. Aí o sargento [que tinha debandado] explicou:

— Como já está tudo certo agora, vou descer.

O Gonçalves então ameaçou:

²⁶⁶ Aspirante Luiz Paulino Bomfim. *Apud*. MAXIMIANO. op.cit. pp.241-242.

— Você fica aqui comigo, senão vai morrer.

O sargento ficou aquela noite, correu tudo bem e no dia seguinte retornou. Naquele perigo, Gonçalves ficou lá e não desceu, não estou bem certo, mas creio que permaneceu lá quase um mês, naquela tensão. A lição que se aproveita é que na guerra, sobretudo os Comandantes têm que tomar, por vezes, atitudes bastante enérgicas, até mesmo drásticas, para que, em última análise, possa ser cumprida a missão.

Se deixasse um descer, outro e mais outro, acabaria o Pelotão, mesmo que a maioria não tivesse com essa intenção; mas ver um companheiro recuar ou mostrar-se amedrontado, gera quase uma psicose coletiva que contagia os demais. Nessa hora o comandante tem que ser realmente firme, como ele foi.²⁶⁷

A guerra não impedia completamente que crimes fossem cometidos pelos soldados, nem contra a população civil, nem contra militares. Mas havia alguns instrumentos militares de controle da criminalidade entre suas fileiras. Assim, tínhamos a Cia de Polícia Militar e o Serviço de Justiça Militar. O Conselho Superior de Justiça Militar (CSJM) da FEB, órgão máximo que regulava os crimes cometidos no *front*, teve algumas atuações marcantes devido a algumas sentenças de pena capital, como registrado na Tabela 2 (ver Anexos), que abarca o período de 5 de novembro de 1944 à 18 de fevereiro de 1945.

O CSJM funcionou em Nápoles até novembro de 1944, quando foi transferido para o Distrito Federal pelo Ministro da Guerra, Gen. Dutra, que, segundo Castello Branco, avaliou como dispensável a presença de três generais juízes e mais um como procurador geral no Teatro de Operações da Itália, podendo este conselho atuar no Brasil sem o comprometimento de suas atribuições.²⁶⁸ Ainda segundo o militar:

Durante o tempo em que o CSJM esteve em atividades, realizou 65 sessões, 14 em Nápoles e 51 no Distrito Federal, com um total de 278 julgamentos, sendo 137 delitos condenados, dos quais dois homicídios dolosos e quatorze culposos, seis roubos, dezenove furtos, um caso de covardia, dezoito desacatos a superior, onze desobediências, oito insubordinações, cinco violências contra superiores, cinco inobservâncias do dever militar, seis abandonos de posto, trinta e quatro deserções e oito casos sexuais num total de dezesseis [...].²⁶⁹

Crimes como desacato, desobediência, insubordinações, agressões à superiores, e abandono de posto são demonstrações de que nem sempre a liderança tinha o efeito esperado de induzir a tropa à uma conduta obediente e focada contra os inimigos, assim como os roubos e furtos demonstram que a “camaradagem” entre os soldados tinha suas limitações. A real proporção e caracterização destes crimes necessitam de mais dados, o

²⁶⁷ PIASON. Op.Cit. pp 173.

²⁶⁸ BRANCO. Op.Cit. pp.337-338

²⁶⁹ Id. ibidem.

que ainda é inviável, pois os Inquéritos Policiais Militares (IPMs), assim como as fichas médicas dos soldados, estão protegidas por lei até se completar setenta anos do fim da II Guerra. Segundo Branco e Silveira as deserções, por exemplo, não se tratam de casos concretos de soldados que abandonaram a FEB, seja para fugir da guerra ou se entregando ao inimigo, mas de transgressões disciplinares, ou seja, desobediência de prazos de licença²⁷⁰ — as *tochas*, como visto no Capítulo II.

O homicídio referido na tabela fora perpetrado por dois soldados do QG da retaguarda, que estupraram uma italiana e mataram um parente dela que tentava impedir o crime. Os soldados foram condenados a fuzilamento, mas as penas seriam comutadas para prisão perpetua, pelo presidente. Este indultaria todos os soldados da FEB que cometeram crimes, inclusive os assassinos, que acabariam cumprindo apenas seis anos de reclusão.²⁷¹

Findando a análise das experiências dos veteranos da FEB sobre as circunstâncias de combate, ainda me debruçarei sobre outro aspecto de grande importância: as visões sobre os inimigos.

3.3 Eles, os inimigos

Embora ainda houvesse unidades italianas fieis a República Social Italiana (um estado fascista submisso a Berlim criado em 1943), a maior parte das tropas que enfrentaram a FEB era constituída de Divisões alemãs. Essas tropas tinham por objetivo estratégico reter o máximo de unidades aliadas e bloquear o acesso das mesmas à Alemanha. Gradativamente essas unidades nazistas foram perdendo terreno e se deslocando para as regiões de maior latitude, especialmente após a penetração da *Linha Gustav*, na Batalha de Monte-Cassino (entre janeiro e maio de 1944). Nos Apeninos, formaram uma nova linha defensiva, a *Linha Gótica*, onde se daria alguns dos principais combates da FEB.

Essas unidades alemãs eram compostas por uma miscelânea de homens, muitos dos quais eram veteranos do front oriental, outros do *Afrika Korps* de Rommel, com idades avançadas e desgastados por anos de combate, sendo que uma parte significativa

²⁷⁰ Ainda segundo Silveira o general Mascarenhas de Moraes comenta que houve um único caso de deserção — de um soldado, filho de alemães que imigraram para o Brasil, que terminou se suicidando na prisão do acampamento de Luchy Steik, em Saint-Valéry, França. SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, pp. 110. e BRANCO, op.cit. pp.338.

²⁷¹ SILVEIRA. Id.Ibidem, pp. 110-111.

já havia sido dispensada para serviços na retaguarda. Entretanto, com o volume de perdas que a Wehrmacht sofria, foram novamente convocados para o front — como era o caso de soldados da 232ª Divisão de Infantaria, uma das principais adversárias dos brasileiros na Itália. Mesmo assim, eram unidades experientes, comandadas por generais habilidosos e equipadas o suficiente para criar uma obstinada resistência, como atesta Cesar C. Maximiano:

[...] Em algumas ocasiões a FEB se defrontou com tropas de segunda linha, mas com alguma frequência os brasileiros se viram frente a frente com o melhor material humano que o Eixo podia pôr em campo. Contra-ataques e golpes de mão contra as posições aliadas eram geralmente desferidos por tropas de montanha ou infantaria ligeira, com treinamento e equipamento adequados para o combate em terreno acidentado ²⁷².

Havia uma fama de grandes combatentes ao redor das tropas alemãs, segundo Maximiano. Os resultados militares de grande impacto dos primeiros anos da guerra — a derrota da Polônia em semanas, a invasão e derrota da França, seguida da fuga das tropas inglesas do continente europeu e o avanço do *Afrika Korps* até quase o Cairo — e a difusão desses acontecimentos por meio da mídia contribuíram para criar uma mítica de “melhor soldado do mundo” para as unidades da Wehrmacht ²⁷³. Ainda de acordo com o historiador paulista, a propaganda oficial dos Aliados também teve sua parcela de responsabilidade na formação do mito militar sobre os alemães, por meio de revistas, jornais e panfletos que circulavam pela tropa e pelo *home front*, que tentavam demonizar o inimigo e fazê-lo um povo cruel, militarista e belicista ²⁷⁴.

É reconhecida na literatura militar que a qualidade do armamento alemão era excepcional, assim como o preparo de muitas de suas unidades, mas isto não era algo uniforme para todas as frentes de batalha e até mesmo dentro de uma unidade havia diferenças. Além de que entre os exércitos dos Aliados havia também bons equipamentos e treinamento — especialmente entre os americanos havia um volume de material, suprimentos e armamentos avassalador, como visto no Capítulo II.

A admiração de alguns soldados brasileiros pelo inimigo se manifestava através da idéia de aprendizado. O alemão, por ser considerado o melhor soldado, era, portanto, o melhor professor. Para ser um veterano, um soldado experiente, era necessário estar em contato com o inimigo, enfrentando-o. O soldado Vicente Pedroso afirma que:

²⁷² MAXIMIANO, Cesar Campiani. “Neve, fogo e montanhas: a experiência brasileira de combate na Itália (1944/45)”, pp. 354. In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (Orgs). op.cit.

²⁷³ Forças Armadas nazistas

²⁷⁴ MAXIMIANO. op.cit. 201-202.

“Aprendemos a ser soldados com o inimigo que é professor. É necessário acreditar nisso, porque o inimigo faz armadilhas, instala minas, cria obstáculos [...]”. O Sgt Moacyr Machado também atribui importância ao inimigo como professor da guerra: “Nós aprendemos muito com eles, aprendemos a combater e a superá-los”²⁷⁵. Para este homem do 6ºRI, a identidade de soldado só é formada a partir da existência do inimigo e de suas ações. O Sgt Matuk declara sua admiração pelo inimigo: “Creio que o soldado alemão foi realmente muito bom, talvez o melhor do mundo, porque tinha habilidade, coragem, senso profissional e visão superior de organizações militares”²⁷⁶.

O Sgt Rubens Leite também vê o inimigo como professor da guerra. Quando o soldado brasileiro aprende a fazer a guerra se iguala ao alemão, não só em perícia, mas também em virtudes morais:

Nós brasileiros, fizemos o melhor possível. Saímos daqui desconhecendo até o armamento e lá enfrentamos os alemães. Chegamos inseguros. Eles tinha uma matraca que fazia um barulho igual ao de uma metralhadora “ta,tá,ta,tá”, que usavam principalmente à noite, deixando-nos zonzos. Mas fomos buscar a matraca; logo, logo, a mesma perdeu seu valor. Nós aprendemos muito com eles e nos igualamos em bravura e audácia.²⁷⁷

Mais a frente ele insiste na idéia do inimigo experiente como professor do soldado:

Volto, nesse final de minha entrevista, ao campo de batalha para relembrar que os alemães, por todo tempo, nos fizeram aprender muito, fizeram-nos sentir que estávamos á altura deles. Lembro-me que a nossa grande escola foi a patrulha, que, como disse, é para o infante mais temível que o ataque. Foi, nas patrulhas, principalmente no inverno, que o soldado brasileiro encontrou, sem dúvida nenhuma, a sua maior escola, cujos ensinamentos permitiram-lhe ombrear-se com o inimigo — veterano, ardiloso e profissional.²⁷⁸

Embora alguns depoimentos evoquem o engajamento na guerra devido aos torpedeamentos de navios mercantes brasileiros, dando a idéia de um forte patriotismo, o alcance dessa razão é questionável. A circulação de notícias nos centros urbanos, seja por jornais ou pelo rádio, pode ter contribuído para a formação de uma idéia da guerra e do inimigo para uma parcela dos convocados e os voluntários da FEB, mas para a maioria de seus homens — vindos de pequenas cidades do interior de um país predominantemente rural e com baixo grau de instrução médio — isso se torna pouco

²⁷⁵ Sgt. Moacyr Machado Barbosa. op.cit. pp. 332.

²⁷⁶ Sgt. Oswaldo Matuk. op.cit. pp. 257.

²⁷⁷ Sgt Rubens Leite de Andrade. op.cit. pp.344.

²⁷⁸ Id.Ibidem. pp. 346.

crível²⁷⁹. A propaganda Aliada oficial durante a guerra falava de luta pela democracia, assim como as crônicas e matérias dos correspondentes de guerra — que acabavam fazendo parte desse esforço oficial ao tentarem motivar esses soldados contra os alemães — mas este argumento também teria um alcance limitado²⁸⁰, devido aos motivos já citados, além de que seria contraproducente para o próprio governo do Estado Novo instigar esta ideologia no seio de uma tropa.

Mas então, o que motivava os soldados a lutarem contra este inimigo? Para César c. Maximiano a motivação só surgiu quando começou realmente os combates, após se formar um “espírito de grupo” nas pequenas unidades da FEB²⁸¹. Lutar para garantir a integridade do grupo, como ocorreu com as estratégias contra o medo. Embora este argumento tenha grande validade, é necessário abordar com mais profundidade a questão da motivação contra os inimigos entre os soldados brasileiros.

O Prof. Dr. Dennison de Oliveira, da UFPR, credita ao contato com a população italiana outro fator, além do “espírito de grupo”, de motivação para a guerra. Ao tomarem conhecimento de determinadas ações de tropas de ocupação nazistas, que cometiam crimes, como saques e execuções, contra a população civil haveria uma empatia com a mesma e, por conseguinte, uma antipatia generalizada das forças alemãs.

De importância muito maior foi o contato pessoal de nossos combatentes com os civis italianos [...] vítimas da política de deportação forçada da população civil ou represálias contra as atividades guerrilheiras. À medida que avançavam rumo ao norte da Itália, nossos pracinhas viam e ouviam os relatos de massacres, seqüestros em massa, estupros e pilhagens generalizados por parte das tropas de ocupação alemãs, o que certamente contrastava com a sua predisposição para se solidarizar com os civis italianos.²⁸²

Mesmo assim estes fatores seriam insuficientes por si só para convencer o soldado brasileiro a matar. Um dos principais elementos de desgaste emocional da guerra era a possibilidade de ter que matar outro ser humano, mesmo sendo o inimigo. Daí uma das principais estratégias psicológicas dos exércitos era desumanizar o outro, transformá-lo numa categoria sub-humana, algo bem conhecido dentro da ideologia

²⁷⁹ ARRUDA, Demócrito C. de. “A nossa participação na I e II Guerras Mundiais” In: *Depoimento de oficias da reserva sobre a FEB*. São Paulo: Ipê, 1949, pp. 39.

²⁸⁰ MAXIMIANO. op.cit. 199-200. Ver também OLIVEIRA, Dennison. “Poder militar e identidade de grupo na Segunda Guerra Mundial: A experiência histórica da psiquiatria militar brasileira”. In: *História: Questões & Debates*, Editora da UFPR, Curitiba, n. 35, 2001, pp. 128.

²⁸¹ MAXIAMIANO. op.cit. pp. 200.

²⁸² OLIVEIRA. op.cit. pp. 128-129.

racista nazista e que também foi aplicado contra a FEB — a propaganda nazista feita dentro das fileiras alemãs falava que o soldado negro era cruel e implacável²⁸³.

Para o Prof. Oliveira, existem alguns fortes elementos comuns à cultura ocidental que condicionam certos comportamentos no campo de batalha:

O condicionamento de seres humanos para a batalha envolve um duplo desafio: anular pelo menos em parte os mecanismos conscientes e inconscientes de preservação da própria existência dos indivíduos e, ao mesmo tempo, suspender – e apenas temporariamente – a principal componente do código ético do homem ocidental: a concepção firmemente arraigada de que matar o seu semelhante é errado. Gerar um comportamento agressivo requer tanto a anulação funcional das defesas do indivíduo contra a autodestruição quanto a suspensão (durante o breve período de tempo de sua vida em que presta serviço militar em tempo de guerra) dos tabus religiosos (“não matarás”), jurídicos (assassinato é invariavelmente crime na civilização ocidental) e éticos (que associa o assassinato ao roubo perpétuo daquilo que cada indivíduo tem de mais precioso e absolutamente insubstituível: a própria vida).²⁸⁴

A superação desses tabus não pode ser relacionada a um único e exclusivo fator. Como citado anteriormente o sentimento de grupo exercia forte influência, mas outros elementos podem ser elencados. O alheamento à certos acontecimentos do *front*, assim como nas estratégias para lidar com o medo e a morte de colegas, também eram aplicados ao matar. Assim vemos a utilização de recursos retóricos para amenizar o ato de matar, sendo muito comum sua analogia a “limpar”. “Limpava-se as defesas alemãs”, “limpava-se o terreno”.

Completando esses fatores motivadores havia a valorização da coragem e as condecorações. O comportamento esperado para aqueles que controlavam o medo era seguir em frente e encarar o inimigo com seu grupo. Como reforço positivo para estas ações havia o elemento simbólico da condecoração. Nas organizações militares assim como a covardia é condenada e punida publicamente a coragem é reconhecida e incentivada. Citações em Boletins, medalhas de variados graus de hierarquia, folgas e até promoções eram destinadas a indivíduos que se destacavam no *front* — destaque este que muitas vezes incluía matar inimigos. Vicente Gratagliano, que foi condecorado com a *Cruz de Combate de 1ª Classe* e a *Silver Star* [do Exército Norte-Americano], relata sua premiação após ter se destacado em combate por envolver um ninho de metralhadora, por iniciativa própria e apenas acompanhado de seu municionador, capturando sua guarnição, permitindo com isso o avanço do seu pelotão:

²⁸³ CAMPIONI. op.cit. pp. 207.

²⁸⁴ OLIVEIRA. op.cit. pp. 126.

Depois o Major e o Tenente reuniram o pessoal, fizeram uma explanação, e falaram sobre os homens que se destacaram. O tenente chegou perto de mim e disse:

— *Gratagliano, você vai receber oito dias de licença, pode escolher para onde você quer ir, para Roma ou para Florença.*

Eu não fazia muita questão e respondi:

— *A Tenente, eu fico aqui mesmo com os meus companheiros.*

Ele disse:

— *Não, você vai! O Comando do Batalhão já citou o seu nome e você vai.*

E então fui conhecer Roma, Basílica de São Pedro, o Coliseu e muito mais.

[...]

Eu me orgulho da medalha que recebi do V Exército Americano e da Medalha de campanha.²⁸⁵

Para a maioria dos homens a raiva contra o inimigo era circunstancial. A violência dos combates, a perda de amigos e intensa e constante possibilidade de ser morto ou dolorosamente mutilado provocam reações extremadas, a priori, contra os adversários, portanto encontramos trechos de narrativas vociferantes em relação ao inimigo, como narrou à mim o Sd. Vicente Alves:

Não, a raiva não deixa de não ter. Você já pensou? Um dos colegas da gente, sangrando, por exemplo, o que eu falo, Vadinho, o do Mercado Modelo, que tem aquele negócio “Lembranças da Bahia”, ele recebeu, a granada entrou “aqui” [toca o alto da coxa direita, quase na cintura] e tiraram aqui na perna [toca um pouco acima do joelho direito], “ele” [o estilhaço] correu e desceu. Ele até hoje “puxa” da perna, do estilhaço. [A raiva surgia quando acertavam os brasileiros] Era! Quando mata uns aos outros a raiva cria e a gente....a conversa de homem de guerra é “antes de morrer mata dez”, ele sabe que vai morrer, mas vai pelear pra matar dez!Tinha na prática, [na] prática mesmo! Se você pudesse matar, você matava mermo [sic]!Não, digo...do alemão não se sabe. O alemão era pra destruir tudo! Tanto sim que eles [os alemães] diziam que a gente ia chegar nos boletins dele que a gente ia chegar, como é o nome.....motivado e o governo não ia lhe dar emprego, você iria vender amendoim....tudo! Eles insultavam pelos boletins! Quando ele tinha tempo de jogar....²⁸⁶

²⁸⁵ Vicente Gratagliano. op.cit. pp. 290.

²⁸⁶ “Boletins” ao qual o depoente se refere eram panfletos que os exércitos de ambos os lados produziam e jogavam contra o adversário, no intuito de baixar seu moral e provocar deserções. O Sd. Vicente Alves do Nascimento. op.cit.

Oswaldo Matuk narra sua reação ao receber um elogio num boletim de sua Companhia:

O meu Capitão escreveu um elogio individual, entre os outros. Mas esses dois foram os principais:

“Marchou com sua Companhia na vanguarda da coluna que atacou Collechio, terminando a luta com a rendição do inimigo e a limpeza do terreno. Nesse memorável combate sua Companhia teve uma ação destacada devendo o êxito que alcançou, em última análise, a seu espírito de sacrifício, sangue frio e coragem”.

E isso para mim é uma promoção a Marechal. O outro é o seguinte:

*“No desempenho de suas funções, atingindo seus objetivos, ao sucesso de seu grupo bem conduzido, deve à Companhia o êxito que alcançou”.*²⁸⁷

Ter raiva do adversário é algo lícito durante o combate, é algo natural, esperado, a “raiva cria” do medo que a guerra trás e “antes de morrer” se quer “matar dez”. Este discurso era incorporado à imagem que se faz do próprio combatente, era a “conversa do homem de guerra”.

Mas essas ações são condenadas, primeiramente de forma moral e posteriormente de forma criminal, caso sejam praticadas fora dos limites que o combate trás, por isso encontramos relatos de um entendimento mais reflexivo, onde se compreende que a guerra não é necessariamente culpa imediata do soldado adversário. O próprio soldado Vicente deixa este raciocínio visível em seu discurso quando, mais a frente na entrevista fala que “[...] Então tem aquele prazer de dizer...depois, até hoje tem gente que tem raiva do alemão ai, que é ex-combatente. Mas a guerra é assim mesmo, cada um defende a sua nação²⁸⁸”. O passo seguinte na construção dessa lógica é a isenção da culpa do soldado adversário enquanto individuo. Neste momento a guerra deixa de ser um embate entre homens, mas entre Estados e seus meios, ou seja, os exércitos. Assim o que temos é uma violência mediada pelas leis, pelos códigos militares e pela cultura.

A ausência de um elemento ideológico forte, como o nacionalismo ou a visão do alemão como um inimigo histórico, entre a tropa brasileira contribui para a formação de um comportamento limitante no matar. Alvejar o inimigo, para a maioria dos soldados,

²⁸⁷ Sgt. Oswaldo Matuk. op.cit. pp. 258.

²⁸⁸ Sd. Vicente Alves do Nascimento.

só é lícito em circunstâncias de combate. O Cb Raul Carlos dos Santos nos fornece um exemplo desse comportamento frente a inimigos vencidos:

Eu vinha, e nossos companheiros, uns dois soldados, levando prisioneiros, foi em Vignola. Vinham dois soldados de outra companhia, trazendo eles. Uns 10 ou 12 prisioneiros assim. Eles vão levando assim até um lugar para a PE (Polícia do Exército) levar. Onde, naquela época no fim da guerra, tinha um monte de rapazes, 18, 20 anos, todo mundo vestido, de metralhadora na mão. Aí queriam tomar os prisioneiros. E eu ia passando bem de junto. Ai eu achei aquilo assim: tinham 4 soldados passando do outro lado levando eles. Eu digo: 'Não! Não! Não entrega nenhum!'. [Se pegassem os prisioneiros] Matavam tudo! Olha! Eles chegaram, um bloco [os partigiani]! Eles vinham enfeitados, a cidade já estava vencida, tínhamos tomado ela. Um era russo, outro era polonês, outro não sei o quê. [os prisioneiros] E todos diziam que se entregassem eles, levariam para um canto, todos seriam mortos.

Já viu pegar um inimigo já vencido pra matar depois? Chamei o sd. Dante e disse pra dar um fim com aquilo. Ele gritava, 'sai daqui', e balançava eles, balançava metralhadora. E os prisioneiros começaram a agradecer o que nos fizemos.

Não! Não era pra fazer isso [matar prisioneiros]. Nós temos uma história muito feia por causa disso e quem sabia não queria saber deles. Não, não vou contar quem eram eles.²⁸⁹

O inimigo vencido não era mais um combatente. Pode-se matar o outro, mas sob certas circunstâncias, o que sugere “[...] que a guerra ainda é, de algum modo, uma atividade regida por normas, um universo de permissões e proibições [...]”²⁹⁰. Normas são criadas para limitar a carnificina à aqueles que estão em batalha, o que mostra que quando se matava alguém engajado em combate em condições mais ou menos equilibradas não havia culpa, pelo menos não tanto quanto contra alguém desarmado ou rendido. O Cb. Raul demonstra isso ao condenar a morte dos soldados vencidos. Ele poderia ter feito diferente, poderia ter permitido aos *partigiani* executarem-nos, mas não, era um ato condenado pelos outros soldados, e quem fazia “ninguém queria saber mais deles”. As normas que atuam sobre quem se pode matar e ser morto delimitam um universo entre combatentes. Matar alguém de fora dessa categoria não é lícito. “Somente se pode distinguir a guerra do assassinato e do massacre quando estão estipuladas as restrições quanto ao alcance da batalha”²⁹¹.

O soldado Vicente Pedroso compartilha com o Cb Raul a aversão à matar inimigos rendidos:

²⁸⁹ O Cb. Raul Carlos dos Santos. op.cit.

²⁹⁰ WALZER, Michael. *Guerras justas e injustas: Uma argumentação moral com exemplos históricos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp pp.61.

²⁹¹ WALZER. Id Ibidem. pp. 71.

[...] Vi um pano branco dançando no ar, amarrado em um pedaço de pau qualquer. Concluí que estavam se entregando. Lá debaixo gritaram: “*Dovie a sé Comando*”, num italiano misturado com alemão. [...] Quando ele falou comando, entendemos que estavam se entregando. Pouco antes, com o fuzil metralhadora estava pronto para atirar neles: tive uma ânsia de vômito tremenda, os meus pés esfriaram e eu me senti mal. Falei para o meu sargento: “Estou me sentindo mal.” E ele disse: “Vai ao PC, toma um remédio e se melhorar você volta.”

[...]

Na verdade sofri um choque emocional porque iria matar um soldado que estava se entregando. E não há coisa pior para o soldado, do que matar outro que esta se entregando, é uma lei natural, humana. O quem tem coração muito ruim num momento desses fuzila, porque o outro já está neutralizado, não quer mais lutar.²⁹²

A morte de inimigos rendidos seria uma injustiça. O soldado fica tão abalado com essa possibilidade que somatiza o *stress* em queda de temperatura e vômitos, indo para a o Posto de Comando para se recompor emocionalmente.

Mesmo com estes pensamentos anteriormente citados, mortes de inimigos no ato da rendição ocorreram com a FEB. O Sd Vicente Alves relata um desses casos:

Eu tinha um camarada que ele trabalhava ai na “cidade”, ele era mecânico, Brito. Esse Brito fez, como era o nome, uma promessa que o primeiro alemão que ele visse ele matava. Ah! Não foi fácil! O Brito foi um dia lá na “coisa” pra ver o povo. A guerra já tava entregue. E ele não matou um gringo? Meteu-lhe a faca num gringo? E foi um rebuliço no presídio infeliz! O alemão ia pro presídio. Descendo em fila, em grupos de milhares de elementos pra aqueles lugares cercados de “coisa” pelos brasileiros. Ele fez isso e foi um rebuliço infeliz!²⁹³

Interpelado pelos oficiais que o detiveram o soldado “Brito” se justificaria dizendo a um major que “[...] lá na hora do negócio a ordem era matar [...]”. Mas esta atitude nos mostra que a agressão gratuita contra o inimigo rendido também era condenável pela maioria da tropa na fala seguinte do Sd. Vicente, ao explicitar a justificativa do “Brito”: “[...] Mas a gente que queria viver, era pessoa humana, que gostava de tudo, a gente não quis fazer isso²⁹⁴”. A agressão foi vista como algo errado, algo desumano, quase um impedimento para quem “queria viver”...uma vida tranqüila com sua consciência. Como no caso do Sd Vicente pedroso, matar um inimigo rendido era desumano.

²⁹² Vicente Pedroso da Cruz. op.cit. pp. 309-310.

²⁹³ Vicente Alves do Nascimento.

²⁹⁴ Id.Ibidem.

Devido aos soldados brasileiros tanto rejeitarem matar inimigos rendidos quanto realizarem este ato, Maximiano considera “[...] iníqua a tentativa de estabelecer uma regra tocante às atitudes partidas de brasileiros em relação aos inimigos, seja em combate ou quando feitos prisioneiros”²⁹⁵. Acho exagerada essa afirmação.

O soldado não é uma máquina que se liga ou desliga de acordo com as necessidades de seus comandantes. É difícil fazê-los, muitas vezes, matar, e assim como fazê-los parar de matar. A excitação ou medo que o combate provoca leva muitos a ações extremadas, circunstâncias onde a reação do soldado é explicada pelo “calor da batalha”. Mesmo assim alguns comportamentos em relação ao inimigo, especialmente aqueles rendidos, se tornam o padrão, o comum. Como dito anteriormente, o soldado brasileiro não tinha um sentimento motivador intenso para matar o inimigo. Havia um encadeamento de fatores, coação e persuasão, para fazer o soldado lutar e matar. Mas quando se apresentavam oportunidades para parar, a maioria absoluta dos soldados o fazia.

O próprio Maximiano reconhece que os brasileiros desenvolviam com os soldados alemães, muitas vezes logo após a rendição, ainda no *front*, um sentimento de proximidade por terem dividido a experiência da guerra, mesmo estando em lados opostos.²⁹⁶ Era reconhecido no outro uma condição comum, a de combatente pela pátria²⁹⁷. Matar o inimigo era um ato impessoal, para muitos, limitado às situações do combate.²⁹⁸

O que vemos muitas vezes é o campo de tensão entre *memórias*. Maurice Halbwachs atenta que a formação de uma memória coletiva esta diretamente relacionada a identidades²⁹⁹. Em eventos históricos como a FEB a diversidade de testemunhos leva ao risco de que as versões apresentadas pelos sujeitos sejam “[...] percebidas como provas da inautenticidade de todos os fatos relacionados”³⁰⁰. O que acontece com a FEB é que existe uma disputa entre memória oficial, ligada às visões do Exército, do Estado e das Associações de Veteranos, e o que Pollak chama de *memória subterrânea*. Esta pode ser entendida como:

²⁹⁵ MAXIMIANO. op.cit. pp.229.

²⁹⁶ MAXIMIANO. op.cit. pp. 241.

²⁹⁷ Id.Ibidem. pp. 243-244.

²⁹⁸ Id.Ibidem. pp. 245.

²⁹⁹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

³⁰⁰ POLLAK. op.cit. pp.10.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.³⁰¹

Assim, quando se abre espaço para que diversos indivíduos que participaram da guerra contem suas histórias, temos a possibilidade de encontrar exemplos dissonantes das versões popularizadas e não conflituosas sobre o evento. Outro argumento para o surgimento dessas versões pouco conhecidas nos últimos anos é que há uma necessidade de expor acontecimentos intensos, experiências individuais marcantes, que não podem mais ser contidas. A percepção da morte, muitos destes veteranos, compele ao dialogo e a exposição de fatos e opiniões antes contidas. As memórias também são formadas por silêncios e esquecimentos, intencionais ou não, mas nem sempre o tempo trabalha contra as memórias subterrâneas. Ainda segundo Pollak o tempo de silêncio pode “[...] reforçar a amargura, o ressentimento e o ódio dos dominados [...]”³⁰².

No caso dos inimigos, o que pode ser percebido nos veteranos da FEB é um abrandamento dos sentimentos que impulsionavam ao combate, ao longo das décadas após o conflito — lembrando que esses sentimentos já eram circunstanciais. O que aconteceu foi uma expansão do discurso de admiração e respeito, mesmo assim, não encontrei nos depoimentos e documentos de época elementos que impedissem enxergar a tendência um comportamento mais ou menos uniforme quanto a condenação da morte de inimigos fora das circunstâncias de combate. O soldado Attilio Camperoni afirma: “A pior coisa da guerra é, eu não te conheço, você não me fez mal, e eu tenho que te matar senão você me mata. Pra falar a verdade, eu sentia dó dos prisioneiros. Quando o cara era prisioneiro, para mim ele deixava de ser inimigo”³⁰³.

O fim da campanha da FEB é marcado pela rendição de uma grande unidade inimiga: a 148ª Divisão de Infantaria alemã. Entre os dias 28 e 30 de abril de 1944, os batalhões do 6ºRI e o Esquadrão de Reconhecimento iniciariam manobras de cerco à grande unidade alemã, nas cercanias de Fornovo. Após resistir a todas as tentativas de ruptura do cerco, o comando brasileiro receberia uma comitiva alemã que aceitava a capitulação incondicional. Neste momento descobria-se que, além da 148ª DI, havia elementos remanescentes da 90ª Divisão Blindada alemã e da Divisão de Infantaria “Bersaglieri Itália”, que se rendia junto com seu general Mario Carloni. As 18hr do dia

³⁰¹ Id.Ibidem. pp.8.

³⁰² POLLAK. op.cit. pp. 9

³⁰³ Attilio Camperoni. *Apud*. CAMPIANI. op.cit. pp. 240.

30 terminava a rendição, com a apresentação do general Otto Fretter Pico e seu Estado-Maior: a FEB capturara 14.777 homens, 4 mil cavalos, 80 canhões de todos os calibres e mais 1.500 viaturas, além de munições e material de serviço. Este fato foi registrado por vários veteranos, que demonstraram admiração pelo inimigo:

Descemos até a posição dos alemães, em Fornovo e, ao chegarmos lá, já estavam todos em forma. Destaco a disciplina do soldado alemão. Não largavam as armas antes do cumprimento. O Tenente chamou todos eles que faziam o gesto característico e exclamavam:

— Heil Hilter!

Eram mais de 14 horas e estávamos com um Batalhão, apenas na região. De todos os combates que travamos, o melhor de todos para o Exército Brasileiro, a maior glória da história do nosso Exército foi essa, onde com apenas um Batalhão rendemos toda uma Divisão alemã. Eram mais de 14 mil homens e nós, com menos de mil, conseguimos fazer que se rendessem.³⁰⁴

Vicente Pedroso da Cruz também manifesta sua admiração pelo alemão durante a rendição da grande unidade inimiga: “[...] Uma parte foi presa pela nossa área, em Collechio. Presenciei a Infantaria deles marchando em ordem, cantando, vieram se entregar com as roupas rotas e tudo, mas mantendo a dignidade. Fiquei até emocionado. Aí se vê o que é o soldado”.³⁰⁵

Mas há casos únicos de relações com o inimigo que necessitam de abordagens específicas para o melhor entendimento dos diversos aspectos e circunstâncias dos combates entre brasileiros e alemães durante II Guerra.

3.3.2 – “Um grupo especial”

Franco-atirador. Essa palavra era suficiente para provocar pânico quase que em qualquer *front* durante a II Guerra Mundial. Este combatente tinha, normalmente, um treinamento e equipamentos específicos para sua função. Esta consistia, basicamente, em ser um especialista em tiro de precisão. Mas não bastava ser apenas um exímio atirador: deveria ter excelente condicionamento físico e mental, para suportar horas, às vezes dias, sobre grandes riscos e stress, até que surgisse a condição ideal de tiro, além

³⁰⁴ A manobra de envolvimento da unidade alemã foi executada pelos três Batalhões do 6º RI e pelo Esquadrão de Reconhecimento da FEB, com o apoio de outras unidades do 11ºRI e 1ºRI. Vicente Gratagliano. op.cit. pp. 295.

³⁰⁵ Vicente Pedroso da Cruz. op.cit.pp. 313.

de ser perito em camuflagem e conhecedor dos uniformes, insígnias, armas e veículos dos exércitos adversários.

O emprego tático deste soldado era bem variado, pois poderia ser utilizado como vanguarda, para coletar informações, fustigar as unidades adversárias que recuavam, ou atrás das linhas inimigas, também coletando dados ou retardando o avanço das tropas opositoras. Os principais exércitos envolvidos no último conflito mundial tinham soldados treinados para esta função. Mas o principal resultado deste tipo de ação se dava no campo psicológico.

Era comum no calor do combate, durante um assalto a uma posição inimiga ou durante a defesa das próprias linhas, o soldado desconhecer de onde vinham os tiros do adversário, aliás, muitas vezes não se sabia nem mesmo se seus próprios disparos foram responsáveis pelo abate do outro.

[...] A gente faz pontaria a 100m, dispara a arma e, às vezes, há um ou dois que a gente não sabe se atingiu, porque não foi só você que atirou. Seu companheiro também atirou, tanto que, em Santa Maria, um alemão atirava em nós e nós atirávamos nele, inclusive a aviação atirava também. Quando chegamos perto El estava sentado, com um buraco na testa, feito por metralhadora. Então, não foi ninguém de fuzil. Não é tão fácil como a guerra da televisão.³⁰⁶

Mas estas dúvidas ocorriam, normalmente, nas circunstâncias citadas anteriormente, onde muitos soldados atiravam ao mesmo tempo. No caso dos franco-atiradores o efeito psicológico se dava justamente pelo fato do desconhecimento de onde partia o tiro. Isto criava grande tensão na tropa, além de prejudicar o avanço das unidades, as vezes por horas. Qualquer um poderia ser alvejado, a qualquer hora. É nessa imprevisibilidade da ação de um atirador desconhecido, localizado muitas vezes à centenas de metros, que residia o grande poder do franco-atirador.

As cidades destruídas eram terreno ideal para a ação desses atiradores de elite. Os escombros formavam excelente cobertura e forçavam o deslocamento das tropas adversárias em pequenas unidades, normalmente sem apoio de blindados, expostas. Os alvos preferenciais eram oficiais e líderes de grupos de combate. A morte de um sargento líder de uma patrulha, por exemplo, poderia significar a destruição ou captura de todo o grupo.

Nas posições alemãs enfrentadas pelos soldados da FEB havia atiradores de elite, que geravam um perigo a mais. Entre os oficiais brasileiros mortos em ação, o

³⁰⁶ MATUK. Op. Cit. pp.256-257.

historiador Cesar C. Maximiano cita pelo menos um caso atribuído a ação de franco-atirador alemão, que teria alvejado um tenente na boca³⁰⁷. O tenente Piason relata o perigo vindo do alto do monte Soprassasso: “Os nossos soldados não podiam nem tirar a cabeça fora dos abrigos porque eram mortos por atiradores de tocaia que lá de cima dominavam toda região”³⁰⁸.

Para se protegerem deste tipo de ação os soldados desenvolviam uma série de táticas, como evitar continências em público e até mesmo esconder divisas ou qualquer outro indicativo de patente.

Uma ocasião estava próximo à base do [monte] Belvedere, passeando um pouco. Abaixo, havia quatro tanques americanos parados. Começou um bombardeio. Vi, então, um soldado pequenino correr para baixo de um tanque. Fiz o mesmo. Quando cheguei, dei um tapinha nas costas do soldado, dizendo-lhe: “Companheiro, a cobra está fumando lá fora”. Ele virou-se para mim e disse: “Essa guerra é para sargento”. Eu o reconheci, era o general Mascarenhas de Moraes. Não usava estrelas, como eu não usava divisas. [...] ³⁰⁹

Barro era passado nas divisas ou estrelas do capacete, além de outros subterfúgios. O importante era não denunciar a patente para o atirador inimigo. Como visto no depoimento acima, até mesmo o comandante da FEB temia a ação de franco-atiradores. Mas não só por meio de ações defensivas se agia contra este perigo.

Podemos encontrar relatos, especialmente entre tropas norte-americanas, do uso de artilharia com fogo direto contra edifícios onde *snipers*³¹⁰ estavam alojados. Os russos também demoliam prédios inteiros para eliminar a ação destes atiradores. Cargas explosivas eram colocadas no edifício, fazendo-o vir abaixo com os inimigos em seu interior. Contudo nem sempre era possível utilizar de ações tão drásticas, especialmente em áreas habitadas por civis.

Como citado antes, o cabo “X” serviu na FEB como MP, mas durante as entrevistas ele revelaria que, depois de um determinado período como policial, foi selecionado para integrar um “grupo especial”, destinado à perseguição e extermínio de franco-atiradores alemães que atuavam dentro das linhas brasileiras e aliadas.

³⁰⁷ MAXIMIANO. Op. Cit. pp. 326.

³⁰⁸ PIASON. Op. Cit. pp. 172.

³⁰⁹ BARBOSA. Op. Cit. pp. 331.

³¹⁰ Este termo inglês surgiu durante a Guerra de Secessão dos EUA (1861-1865), quando os atiradores de elite provavam sua habilidade ao acertar uma pequena ave chamada “*Snipe*”. A história desse combatente especializado remonta ao século XVIII, durante a Guerras Napoleônicas (1799-1815). Para mais detalhes quanto ao emprego tático, definições e armamentos dos franco-atiradores ver:<http://world.guns.ru/sniper/sn00-e.htm>

Era um grupo de 25 homens. E então ...”você tem q se apresentar a tal hora ao major tal”. Um major brasileiro. Então me apresentei e já tinham dois lá, brasileiros. “Sente aqui, pererê, pá”. Sentei e ... “nós estamos selecionando um grupo de 25 homens especiais e esse grupo especial vai atuar numa área muito delicada, não vou entrar em detalhes, mas é uma área muito delicada e não pode ser comentada. Tanto é assim que vocês não sabem e nem eu sei qual o serviço, mas não pode transpirar porque é uma determinação, digamos uma ordem que não pode ser ventilada ou comentada”. Isso era aceito e aceito.³¹¹

O grupo seria formado entre soldados experientes, segundo o cabo, todos policiais e com grande habilidade no manejo do armamento. O sigilo se dava primeiramente para garantir a o sucesso das operações, evitando que o inimigo soubesse da existência de tal grupo especializado e, em segundo lugar, possivelmente, pelo fato de que esta unidade não fazia prisioneiros.

“Vocês vão agir, com grupos americanos, na hora H vocês vão saber, mas é para acabar com os franco-atiradores. É perigoso demais, eles não perdoam, não tem prisioneiros e nós também não fazemos prisioneiros”. Aí fiquei sabendo de como é que ia agir. Sem prisioneiros.³¹²

Normalmente era esperado que soldados cercados e rendidos fossem poupados, aprisionados e tivessem sua integridade física garantida. O fato de não fazer prisioneiros poderia criar uma imagem ruim, talvez até de ilegalidade, caso fosse veiculado fora dos meios militares o procedimento desta unidade “anti-atirador”. Mas ambas as ações — tanto dos *snipers* alemães quanto do grupo aliado — não podem ser classificadas como convencionais. Primeiro por serem combates assimétricos, atrás das linhas de combate e, no caso do “grupo especial”, feito por uma unidade que não consta nos registros da FEB. O cabo atribui outra razão para o fato de não serem feitos prisioneiros:

Então você não podia fazer prisioneiros, pois eles poderiam sair com um lenço branco e você se expor. Era um homem morto. Um ou dois. Você não podia atirar sem saber o poder de fogo do outro, porque as vezes ele provocava para você reagir, porque reagindo ele sabia onde você estava e se mais alguém do grupo atirasse eles sabiam exatamente onde todos estavam.³¹³

³¹¹ Realizei duas seções de entrevistas com este veterano, num total de quase 5 horas de gravações, mas boa parte destas foram perdidas devido a problemas técnicos. Infelizmente não foi possível continuar o trabalho pois a esposa do depoente adoentara impedindo que o mesmo disponibilizasse tempo para a pesquisa. As informações aqui transmitidas são parte do material recuperado dessas gravações e de anotações produzidas durante os encontros. Cb “X”. Op. Cit.

³¹² Id. Ibidem.

³¹³ Cabo “X”. Op.cit.

Algumas vezes os franco-atiradores agiam em duplas ou trios, cruzando o fogo de suas armas. Quando um era exposto ou abatido os outros sabiam de onde vieram os tiros e poderiam mudar de posição, tanto para uma melhor defesa quanto para um ataque eficiente. De qualquer forma, ao agirem atrás das linhas inimigas, os franco-atiradores estavam sujeitos a execução imediata, como fala Walzer sobre a ação de agentes e tropas especiais que fustigavam o inimigo pela retaguarda: “É consenso geral que esses agentes não possuem nenhum direito de guerra, mesmo que sua causa seja justa. Eles conhecem os riscos que seus esforços pressupõem [...]”³¹⁴. A ação atrás das linhas inimigas era passível de pouca ou nenhuma tolerância, como ocorreu com as tropas do oficial SS Otto Skorzeny. A unidade deste oficial nazista sabotou e atacou as forças aliadas, cortando linhas de comunicação e criando pânico entre as forças de retaguarda, durante a *Ofensiva das Ardenas* (16 de dezembro de 1944 – 18 de janeiro de 1945), última operação significativa perpetrada pelos alemães. Os soldados de Skorzeny capturados foram considerados criminosos e sumariamente fuzilados³¹⁵.

A particularidade deste grupo de combate aos franco-atiradores criava uma separação de seus membros em relação ao resto dos soldados da FEB. Os períodos de descanso eram curtos e, possivelmente, os homens se sentiam deslocados junto aos outros soldados: “Não [tínhamos folgas suficientes] para viajar, ninguém fazia. Tinham algum tempo de descanso. Conversava, via alguma coisa. Mas nunca se misturando, só como nosso pessoal mesmo”³¹⁶. Segundo os relatos do cabo X as missões poderiam durar dias, onde o grupo dormia em prédios abandonados, cobrindo grandes áreas nas cidades não totalmente pacificadas.

Este grupo não é mencionado na literatura da Força Expedicionária. O cabo “X” me confessou que esta parte da atuação dele na guerra é desconhecida pelos veteranos, familiares e até mesmo de outras entrevistas que concedeu, daí o sigilo de sua identidade. Encontramos neste caso outro exemplo do que Pollak chama de *memória subterrânea*, especialmente porque a idéia de um grupo que não fazia prisioneiros destoava da imagem que os expedicionários formaram de clementes com o inimigo.

Mesmo assim, esta “unidade de caça” formava um caso aparte. Era uma situação muito específica o combate aos franco-atiradores. Mas é claro que esta ação era fruto de uma escalada de táticas e ações de ambos os lados para obter o máximo de sucessos. No

³¹⁴ WALZER. Op. Cit. pp. 313.

³¹⁵ CARTIER. Op. Cit. pp. 660.

³¹⁶ Cabo “X”. Op. Cit.

caso dos alemães a utilização de subterfúgios e ações desesperadas são mais constantes, não por qualquer característica específica do exército alemão, mas devido ao fato de que, a partir do segundo semestre de 1944, a derrota era irreversível. De qualquer forma, em outras circunstâncias a execução de prisioneiros continua sendo condenável legalmente, pelas convenções de guerra, e moralmente³¹⁷.

A falta de outras fontes inviabiliza, por enquanto, a obtenção de mais detalhes e análises mais profundas — existe várias dúvidas, como por exemplo, quem organizou este grupo — mas, de qualquer forma, acrescenta novos dados à campanha brasileira na II Guerra Mundial.

³¹⁷ WALZER. Op. Cit.

IV

Epilogo: de volta pra casa

“Por mais terras que eu percorra,
não permita Deus que eu morra,
sem que volte para lá.”

Canção do expedicionário - Guilherme de Almeida e Spartaco Rossi

8 de maio de 1945. Gritos ininteligíveis ecoam nas vilas e estradas, juntamente com tiros para o ar. Aos poucos é possível distinguir algo inacreditável: *La guerra finita! La guerra finita!* Gritam os italianos. Depois de quase um ano de sustos, surpresas, angustias, medo, miséria, fartura, heroísmos, covardias, risos e lágrimas. Tudo acabou. Podemos voltar para casa! Foi um turbilhão de pensamentos na mente do mestre pracinha, que havia se tornado veterano.

Italianos e alemães se rendiam com frequência e em grandes quantidades, especialmente após as derrotas provocadas pelos sucessos obtidos na *Operação Encore* (fevereiro de 1945) e na *Ofensiva da Primavera* (abril de 1945), que permitiu aos Aliados quebrar as principais linhas defensivas remanescentes. O fim estava perto. Era palpável, mas ainda havia perigo. A rendição final ainda não tinha sido anunciada. Quando esta chega há a incredulidade e surpresa:

No dia 8 de maio, mais ou menos pelas 11 horas da manhã, perto de Alessandria, chegou o comandante do meu grupo e falou-me: “Pessoal, terminou a guerra!” Todo mundo ficou meio estranho, naquele momento, todos sofreram um impacto e não sabiam o que falar, não sabiam como reagir. [...] Era uma notícia tão inesperada que eu mesmo não soube como extravasar a minha alegria. [...] ³¹⁸

Vicente Pedroso da Cruz estava com sua unidade em Tortona, no Piemonte, Noroeste da Itália, quando recebeu a notícia do fim das hostilidades:

[...] Não acreditávamos que tivesse terminado a guerra, ninguém. Os italianos atirando para cima, e perguntamos o porquê daquilo. Os italianos disseram: “Acabou a guerra!” A gente sem acreditar: “Que acabou a guerra que nada!” era muito bom pra ser verdade, mas a guerra estava terminando mesmo [...]. ³¹⁹

³¹⁸ Joaquim Carlos de Oliveira. Op. Cit. pp. 165.

³¹⁹ Vicente Pedroso da Cruz. Op. Cit. pp. 313.

Boris Schnaiderman faz coro à incredulidade. Meses condicionado à rotina da guerra, aos estrondos da artilharia onde atua como calculador de tiros, o fazem duvidar do fim de tudo aquilo:

[...] uma noite vem a notícia que passará no dia seguinte sobre a localidade um avião pintado de branco e sobre o qual não se deve atirar, depois se recebe a notícia que o mesmo avião vai passar na direção inversa, será mesmo a paz? Nem se acredita que isto possa acontecer, parece impossível dissolver esta nevoa, imobilizar o turbilhão dentro do qual vivemos [...].³²⁰

Após as últimas ações no Vale do Pó, onde o inimigo tentava escapar em direção ao Passo de Brenner para chegar à Alemanha, a FEB encerraria suas ações bélicas no Teatro de Operações italiano. Nos primeiros dias após o fim das hostilidades, os soldados e a população só queriam saber de festejar.

Mais festas, mais flores. *Vino rosso*, abundante, aparecia de barris escondidos, enterrados para que o alemão não levasse. *Brasiliani liberatori!* Os gritos da população eufórica eram agora ouvidos livremente. Aqueles que não tiveram a oportunidade de participar dos festejos de uma cidade libertada tinham agora a chance de vivenciar a grande comemoração.

[...] Há sempre uns bailecos ao som de sanfonas, o [músico] ganha maços de cigarros e latinhas de carne, e o seu entusiasmo torna-se incontrolável, que mistura simpática de gente nesses bailecos, mocinhas da vizinhança, *partigiani* barbudos com seus pitorescos uniformes, [...] há beijos na face e calorosos apertos de mão, *domani ritorno qua*, como embriaga essa outra faceta da Itália, tão diferente daquele país de pedra que deixamos atrás [...].³²¹

As *tochas* apareceriam com grande intensidade nesse período. Muitos soldados a aproveitavam a paz para conhecer novos lugares, festejar em outros povoados, conquistar novas garotas. Alguns mais tímidos contentavam-se em visitar, de bicicleta ou a pé, os povoados vizinhos. Outros mais ousados pegavam viaturas, autorizados ou não, e iam a grandes cidades e até mesmo a países próximos. Qualquer meio disponível passava a ser usado para as aventuras: nas estradas era comum avistar grupos de soldados pedindo carona; ou nas curvas e entroncamentos das estradas de ferro — as que não foram arrasados pela aviação — lá estavam os aventureiros a se arriscar.

[...] Quando não há baile aqui, pego uma bicicleta e vou dançar nos lugares visinhos: em Giola, Cornale, Silvano, Corona, Molino, etc.. É melhor, porque sendo desconhecido posso me divertir mais a vontade. Assim mesmo,

³²⁰ SCHNAIDERMAN. Op. Cit. pp. 176.

³²¹ Id. Ibidem. pp. 179.

de vez em quando, aqui em Casei [Gerola], sabem que eu dancei com uma certa pequena, que dancei toda noite com uma outra e assim por diante. Dizem logo que estou *fegato*³²². Assim, cada vez vou procurar bailes mais distantes daqui.³²³

As unidades da FEB ainda ficariam na Itália por algumas semanas como tropa de ocupação, garantindo a ordem pública das cidades, que estavam tentando reorganizar seus governos e os serviços básicos, como o fornecimento de viveres, energia e comunicação. Havia, também, sérios choques entre os *partigiani* e fascistas derrotados. Os primeiros realizavam caçadas, prisões e execuções dos italianos acusados de colaborarem com o regime de Mussolini ou com a ocupação alemã.

Mas logo a FEB seria desmobilizada. A grande unidade era um símbolo de democracia muito forte para ficar unido, preparado para agir. Logo uma série de memorandos do Ministério da Guerra dissolveriam a FEB, proibiriam seus oficiais de darem declarações públicas e os espalharia por diversas unidades pelo Brasil³²⁴. No início de 1945, os debates sobre o fim do regime varguista já eram constantes entre praças e oficiais da FEB³²⁵.

Gradativamente as cidades ocupadas pela FEB foram evacuadas e a tropa substituída por outras aliadas, especialmente norte-americanas. Os soldados brasileiros foram concentrados num poeirento acampamento em Francolise, a espera dos navios que os levariam de Nápoles ao Rio de Janeiro.

A volta para o Brasil fora feita em sete viagens, sendo que o primeiro escalão de regresso, trazendo, principalmente, o 6ºRI — pois este foi o primeiro a viajara para a guerra — e outras unidades menores, chegou ao Brasil em 18 de julho de 1945. O último escalão, trazendo a parte final do Depósito de Pessoal, chegou ao Rio de Janeiro em 3 de outubro de 1945. Alguns oficiais voltaram antes, de avião, desembarcando em Natal e, posteriormente, seguindo para o Rio de Janeiro³²⁶.

³²² Audacioso.

³²³ TAVARES. Op. Cit. pp. 113.

³²⁴ O historiador Francisco César A. Ferraz em sua tese de doutorado defende que a rápida desmobilização da FEB tinha um forte caráter político, sendo perpetrada por grupos dentro do exército que temiam as repercussões e reformas que a experiência no front poderia trazer para o seio das Forças Armadas. Além disso, haveria uma rivalidade entre os oficiais que foram para guerra e os que ficaram, que acabaram criando uma série de dificuldades para os primeiros. FERRAZ. Op. Cit.

³²⁵ Id, Ibidem. pp. 121-122.

³²⁶ Alguns oficiais da reserva forma consultados por oficiais de alta patente da FEB quanto ao desejo de permanecer na FEB, mas se negaram, provocando a raiva do comando. “Foi um castigo muito bom. Regressamos, atravessamos o Atlântico, [...] chegamos [ao Rio] num sábado à cidade, cerca de 12 horas. Não havia ninguém para nos receber, mais de vinte oficiais da reserva [...] Alugamos um táxi e fomos nos apresentar no Quartel-General, junto à estação D. Pedro II. Lá o oficial do dia falou: — Não posso fazer nada, vocês têm que ficar aqui até segunda-feira”. PIASON. Op. Cit. pp. 178

A viagem de volta produziu outras lembranças. Sem a tensão e o medo da viagem de ida para o front, os soldados se referem a ela como um passeio. Sambahas, jogos e muita brincadeira.

Uma maravilha! Na volta, em vez de 15 dias, no dia, forma 12. Porque o navio veio sozinho, porque vinha reto. Tinha filme...lembro depois do café...na volta também foram duas refeições. Não tinha como 6 mil homens fazer três refeições. De tardinha, disseram, “tem cinema lá na popa”. Aí chegou todo mundo.

Eu não [me lembro do filme], pois virou esculhambação. Escureceu..e ahhh! [...] Nesse dia veio a turma do lixo, que era soldado mesmo, pra pegar, com aquelas cestas grandes, pra pegar. Não jogavam nada, nem cigarro no mar. Proibido. Ai ouvi “Carrega! Carrega!” Quando olhei nego pegou o lixeiro com carga e tudo, o moço, o balde do tamanho de um jegue e nego carregando tudo, até lááá...carregaram pra lá! Uma esculhambação danada!³²⁷

Os navios vieram mais rápido, pois não mais faziam manobras evasivas, em zig-zag, contra submarinos. O clima era de descontração entre os três regimentos que fizeram a guerra.

[...] Não havia mais escurecimento à noite, ficávamos nas cobertas, fazíamos serestas, era livre. Quando passamos por Fernando de Noronha, pela manhã, a tropa formou e cantou o Hino Nacional. Ainda me emociono quando me recordo. A tropa toda correu para a amurada, do navio, para um lado só.³²⁸

Ao se aproximarem do Rio de Janeiro as praças estavam eufóricos, ansiosos por rever seus parentes, sua casa, acabar com aquela aventura que trouxe tantos riscos.

Ninguém dormiu na noite de vinte e um para vinte e dois de agosto. Logo após a primeira refeição, as praças puderam subir para a coberta e viram um pedacinho de litoral fluminense. Depois foi a entrada na barra, os canhões dos fortes atirando, barcos indo ao encontro do transporte, apinhados de gente que agitava lençinhos no ar. [...] É estúpido, mas alguém solta uma piada chula. Para disfarçar a emoção, talvez? De longe, vem um bimbalar de sinos. [...] Será possível? Como é bonita esta cidade, as montanhas, a neblina, diabo, uma perdição! Um nó pára na garganta. Tudo isso é para nós, será possível?³²⁹

Os soldados brincam. Não se pode perder a oportunidade de voltar ao Brasil com uma sorte melhor: “Ao descer do navio, todos queriam pisar com o pé direito. Era o que todos diziam e era verdade mesmo. Diziam: ‘Pisa com o pé direito! Pisa com o pé direito, que é pra dar sorte!’”³³⁰.

³²⁷ Cb Raul Carlos dos Santos. Op. Cit.

³²⁸ Sgt. Moacyr Machado Barbosa. Op. Cit. pp 335.

³²⁹ SCHNAIDERMAN. Op. Cit. pp. 207.

³³⁰ Cb. Raul Carlos dos Santos. Op. Cit.

Desfiles. Hinos. Ovação. Multidões que desfaziam formações. Abraços, apertos de mão, beijos. Os escalões desfilaram na capital federal em comemoração à vitória nos campos de batalha da Itália. Todos querem se aproximar, tocar, ter alguma recordação dos pracinhas.

O desfile foi muito bom. Ninguém sabe qual foi o mais bonito! Porque não foi todo mundo de vez. Primeiro veio o 6ºRI, depois o 1ºRI...6 mil e tantos homens...todos tiveram esse desfile. Muito bonito! O povo em cima! Todo mundo querendo arrancar nossa identidade. Teve mocinhas que arrancaram do nosso pescoço! No fim, no nosso já tava o povo assim...a gente passando de dois em dois...na estação de trem.³³¹

Mas haveria uma outra parte da história, sem glamour, sem festas e paradas em avenidas centrais. Uma outra guerra se iniciava, mas silenciosa. Como chamaria o veterano Boris Schnaiderman, uma “paz em surdina”.

4.1 O dia seguinte: esquecimento, preconceito, miséria

Quando a FEB foi dissolvida, nós fomos licenciados. Cada um buscou o seu destino neste Brasil afora. Ficamos sem emprego, jogados fora por mais de 19 anos. Muitos de meus companheiros, que tinham alguma neurose, começaram a se embriagar, a dormir pelos bancos das praças, vários, inclusive, morreram. Só depois desses anos todos, é que passamos a ser aproveitados nos Correios, porque empresa nenhuma queria ar emprego para os pracinhas, em face de nossa idade já avançada, alguns com sérios problemas psicológicos, iríamos, como falavam, só criar transtornos onde fôssemos.³³²

A festa, as saudações, os hinos não durariam muito tempo. Logo os veteranos perceberiam que o retorno a vida civil poderia representar uma nova guerra. Os problemas começariam dentro dos próprios quartéis, no próprio exército. Muitos expedicionários relembram com pesar a receptividade ruim a qual o exército lhes dispensou. O cabo Raul Carlos dos Santos narra sua experiência:

[Foi] Horrível! Sabe o que aconteceu? Chegamos de tardinha, fomos pro mesmo lugar desgraçado. Encontramos um pessoal da cozinha. Todo mundo sem comer desde que saiu do navio...Eu vi aquela feijoada, velha, antiga. Vi aquele feijão com carne e farinha. Só! Eu disse: “Ah! Eu fico sem comer”. Divino, coitado, agora que me lembrei, ele comeu a comida. Quando chegou no outro dia, vamos tomar café. Veio ele todo enrolado, com a coberta. “Divino o que é que você tem?” “Rapaz eu to com uma dor de barriga que não

³³¹ Cb. Raul Carlos dos Santos. Op. Cit.

³³² O Cb. Francisco Pedro de Resende serviu no III/6ºRI. HOESGM, Tomo I, pp. 371. Entrevista realizada em 23 de maio de 2001.

me agüento!” Ele me disse: “Pode ir, Raul, que eu tomo conta”. Outra coisa: Nós chegamos com nossos sacos. Em outras Cias aconteceu de nego largar o saco e ir para rua. Os soldados do quartel entraram e meteram a mão! Teve gente que perdeu tudo!³³³

Os furtos causaram grande transtorno e decepção, pois não eram apenas objetos de valor perdidos, mas recordações, troféus de guerra, conquistados durante ou após combates. Mas havia nesse acontecimento o prenuncio de decepções maiores com os colegas de farda.

Acostumados com uma série de cuidados que o Exército Norte-Americano proporcionou, no campo da alimentação, saúde, instrução e hierarquia, os veteranos se viam novamente sob os descasos e maus tratos do “Exército de Caxias”,³³⁴. Esta percepção, da existência de dois exércitos brasileiros, surgiria na Itália, quando a FEB passou a estar subordinada ao V Exército Norte-Americano.

Quando cheguei à Itália, senti logo quês os soldados dividiam em dois o Exército Nacional: referiam-se à FEB como a um “novo exército”, bem diferente daquele outro exército que ficara no Brasil e que eles sempre ouviram chamar de “Exército de Caxias”.

Esta divisão era mencionada toda vez que os expedicionários estabeleciam comparação entre os métodos, costumes e princípios adotados no Brasil e os vigentes nos campos de operações da Itália.³³⁵

Como o historiador Fernando Ferraz argumenta em sua tese “a FEB, ao invés de constituir-se motivo de orgulho para o Exército e meio de modernização da organização e instrução militar brasileira, tornava-se um incômodo, um estigma”, pois ressaltava todas as falhas que a instituição apresentava³³⁶. Os militares que participaram das unidades expedicionárias forma progressivamente desvalorizados dentro da instituição: foram proibidos de usar seus uniformes, distintivos da FEB e de ostentar as condecorações da Campanha da Itália³³⁷. Como atesta o próprio Chefe do Estado Maior

³³³ Cb. Raul Carlos dos Santos. Op. Cit.

³³⁴ A figura do Duque de Caxias como modelo de soldado virtuoso começou ser instituída a partir de 1923, com a comemoração do 120º aniversário do oficial. Em 1925, a turma de cadetes das Escola Militar do Realengo adotou Caxias como patrono, o que sensibilizou o então Ministro da Guerra, Fernando Setembrino de Carvalho, que fez do dia do aniversário de Caxias o Dia do Soldado. Iniciava-se uma série de tradições que vinculava o exército brasileiro à figura de Caxias, com destaque para o uso de um uniforme (o “azulão) similar ao usado pelas unidades comandadas pelo Duque em 1852; e a “[...] adição de uma versão em menor escala da espada de campanha do duque como parte do uniforme de gala dos cadetes. [...] Desde 1933 até hoje, a turma que se forma passa para seus espadins para os calouros, que prestam juramento [...]”. MACCANN. Op. Cit. pp. 522-523.

³³⁵ O tenente José Andrade serviu como comandante de pelotão na 7ªCia do III/6ºRI. ANDRADE, José X. Góis de. “Espírito da FEB e espírito ‘do Caxias’” In. ARRUDA (Org.) Op. Cit. pp.289.

³³⁶ FERRAZ. Op. Cit. pp. 114.

³³⁷ BRAYNER. Op. Cit. pp.520.

da FEB, o então coronel Floriano de Lima Brayner: “Gerou-se, assim, um ambiente de angústia entre os que tinham cometido o feio crime de ter aceito a designação para as formações expedicionárias [...]”³³⁸.

Ferraz ainda elenca como razão para este tratamento o medo que os oficiais que não lutaram na Itália tinham de serem preteridos nas promoções em relação aos seus colegas expedicionários³³⁹.

Para os que não seguiram a carreira militar a reintegração social foi mais difícil. A inserção no mercado de trabalho já seria naturalmente prejudicada, pois maioria dos soldados possuía baixo grau de instrução. Os que já possuíam empregos, pela legislação da época, teriam o retorno a estes garantido, mas nem sempre isso funcionou, pois os veteranos passaram a ser estigmatizados. A guerra não traria apenas seqüelas físicas, criaria também sérios traumas psicológicos:

[...] A primeira vez que fui visitar colegas num hospital, senti vertigem, fiquei mole. No primeiro velório a que fui, desmaiei. Não podia ver médico de branco, hospital, defunto. [...] Tratei-me até 1968. Sonhava muito com os alemães me atacando, às vezes me prendendo. Nunca sonhei que eu prendia os alemães. Tomei remédios violentos, o médico dizia que ia passar. Uma vez minha esposa passou mal, tive de levá-la no hospital. Fui na ambulância, segurando o soro. Eu dizia: “Não vou desmaiar, não vou desmaiar”. Ela morreu no hospital, tive que ficar ali. Foi um sofrimento. Mas não consegui ir ao enterro, nem ao da minha segunda esposa, também falecida.³⁴⁰

O soldo recebido após a guerra foi considerado insuficiente por muitos veteranos. O exército da época dividia o soldo em três quantias: Parte era enviada para família, parte paga na Itália e parte depositada em conta no Banco do Brasil. Como boa parte da tropa era do interior e não tinha quem o abrigasse no Rio de Janeiro, ficaram morando nos quartéis. Muito destes jovens, que nunca estiveram numa metrópole, gastaram o dinheiro em roupas, bebidas, festas e jogos. Schnaiderman descreve esta situação em suas memórias:

Custou a sair o pagamento do soldo e muita gente ficou em situação difícil. Milhares de rapazes estavam sem tostão, em cidade estranha. [...]

Depois, cada um foi passando junto a uma mesinha onde recebeu o certificando de campanha e a quantia que lhe era devida. [...]

Incríveis aqueles descontos! O sargento Anésio suava em bica, explicando aos praças uma estranha contabilidade.

³³⁸ Id.Ibidem. pp.521.

³³⁹ FERRAZ. Op. Cit. pp.167.

³⁴⁰ Sgt. Moacyr Machado Barbosa. Op. Cit. pp. 336.

— Escuta, estão faltando aqui dois piquetes de barraca, a um cruzeiro cada. São dois cruzeiros a menos. Este cantil está completamente amassado, você compreende que não posso devolve-lo deste jeito à Intendência. [...] Falta ainda o gorro sem pala, no valor de vinte cruzeiros. Tenho que descontar apenas trinta cruzeiros. [...]

Em todo caso, sempre se recebeu algum dinheiro. Somando-se o Fundo de Previdência, o soldo correspondente ao último mês e as economias em liras, depositadas na Itália antes do embarque, cada soldado tinha cerca de dez mil cruzeiros, os cabos e sargentos um pouco mais. Não dava para se arrumar na vida, mas bastava perfeitamente para encomendar dois ternos de casimira e cair na farra. E foi justamente o que fizeram os rapazes do interior, que haviam passado muitos dias trancados no quartel, enquanto os demais se divertiam.³⁴¹

Como fala o sd Vicente Alves do Nascimento: “O soldo eu recebi, mas o soldo e nada era mesma coisa. Aquilo acabou de comprar uma besteira e acabou”³⁴². Schnaiderman sugere outra razão para os praças gastarem com tanta ansiedade o dinheiro acumulado: “Muitos gastavam aquele pecúlio com um açodamento que tinha algo de contrição religiosa. Era como se não quisessem conservar o dinheiro maldito, como que manchado de sangue”³⁴³.

As condecorações também se tornaram um ponto de crítica dos veteranos. Todo soldado que participou da FEB tinha direito à “Medalha de Campanha”. Aqueles que se destacaram para o esforço de guerra recebiam a “Medalha de Guerra”, sendo que civis também poderiam ser agraciados com essa. Existiam ainda as medalhas “Sangue do Brasil”, concedida aos feridos em combate, e a “Cruz de Combate” de primeira e segunda classes, oferecidas por atos de bravura. Mas o comandante da FEB não tinha autorização para conceder essas premiações simbólicas, sendo alijado deste estímulo aos soldados: “As condecorações nacionais chegadas tardiamente ao Teatro da Itália não produziram o desejado estímulo nos combatentes, uma vez que foram concedidas cessadas as hostilidades, e mesmo assim de modo tumultuado e incompleto”³⁴⁴.

No caso dos veteranos baianos que tinham direito a receber condecoração por ferimento em combate, esta só foram entregues muito tempo depois, pelo Comando da 6ª Região Militar, que repassou a responsabilidade para a Associação Nacional dos Veteranos da FEB - regional Bahia. Os soldados portadores do certificado de ferimento concedido pelos hospitais de campanha deram entrada junto ao exército.

³⁴¹ SCHNAIDERMAN, pp. 214-215.

³⁴² Sd Vicente Alves do Nascimento. Op. Cit.

³⁴³ SCHNAIDERMAN, pp. 215.

³⁴⁴ MORAES, Op. Cit. pp. 167.

[...] Em casa, quando cheguei, olhando no jornal o “Serviço Especial da FEB” avisando aqueles todos que tiveram ferimento que podiam dar entrada. Eu ai fui. Pedi, fiz uma copia pro ministério. Quando passou um mês recebi uma carta da 6ªRM. Eu quando vi foi isso...ai recebi a medalha. Até hoje tem gente aí [sem receber]. Está aqui o diploma. Dez [veteranos]. Não houve meio de achar.³⁴⁵

Desamparados pelo governo e pelo próprio exército, os veteranos se mobilizariam em associações. Estas teriam a função de lutar pelos direitos às pensões e assistência médica, serem centros sociais de reunião, além de manter a história coletiva da FEB. Assim surgiria em 1 de outubro de 1945 a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (AECB), fundada no Rio de Janeiro.

Esta entidade logo teria seções em varias seções estaduais e municipais. Esta associação passaria a englobar militares da Marinha, Exército e Aeronáutica que serviram no período, e, inclusive, ex-combatentes estrangeiros radicados no Brasil — inclusive militares que serviram em missões em décadas posteriores, como o Batalhão Suez, que atuou como tropa de paz da ONU entre as décadas de 1950 e 1960 na região do Canal de Suez. Segundo Ferraz a postura de não fazer distinções entre ex-combatentes foi a tônica da AECB, especialmente a partir da década de 1970³⁴⁶.

O contexto político de formação da Associação de Ex-combatentes englobava grandes transformação nacionais. O Estado Novo começava a se desfazer, eleições estavam para serem realizadas e o pluripartidarismo voltava ao Brasil. O PCB estava muito ativo e tentava se aproximar de grupos que pudessem ter projeção nacional, como os veteranos. O sd Vicente Alves do Nascimento relata a tentativa de cooptação do PCB:

Mas essa associação foi criada pela gente. Quando a gente chegou aqui estavam todos desempregados. Aí reuniu todo mundo. Tinha o Ariston Andrade e o Jacob Gorender. Eram comunistas. E ai a policia, naquele tempo, achava que quando o sujeito arranjava uma flâmula, pedindo emprego nas repartições públicas acharam que a gente era comunista. [...]³⁴⁷

Ainda segundo o historiador Francisco Ferraz a postura da AECB de ampliar o espectro de filiados criou certo desconforto entre os veteranos da Campanha da Itália, assim, surgiria, também no Rio de Janeiro “[...] o Clube dos Veteranos da Campanha da

³⁴⁵ Cb. Raul Carlos dos Santos. Op. Cit.

³⁴⁶ FERRAZ. Op. Cit. pp.246.

³⁴⁷ Sd. Vicente Alves do Nascimento. Op. Cit.

Itália, fundado por cerca de uma centena de expedicionários, civis e militares [...]”³⁴⁸, em 1963. Era exigido o diploma da Medalha de Campanha da Itália para associar-se, o que excluía os “praieiros”. Em 1972, o Clube de Veteranos passaria a ser denominado de Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB), denominação que perdura até os dias atuais. As divergências entre ambos os grupos aumentariam quando a legislação de benefícios aos veteranos passou a englobar os ex-combatentes, o que foi considerado pelos primeiros como uma injustiça. Em Salvador a ANVFEB localiza-se na Vila Militar de Itapuã e a Associação dos Ex-Combatentes no Taboão, no Pelourinho.

³⁴⁸ FERRAZ. Op. Cit. pp. 247.

Considerações finais

A guerra não vale nada! Guerra é miséria! O verdadeiro inferno! Tive nela e saí! Já pensou? Você não tem sossego noite e dia!³⁴⁹

Essa é a recordação que predomina entre os brasileiros que vivenciaram experiências de combate no *front* italiano durante a II Guerra Mundial. São lembranças dolorosas, muitas vezes contidas durante décadas, mas que nos últimos anos vem procurando espaço. Lembranças estas que procurando serem ouvidas. Isto possivelmente ocorra devido à constante diminuição do número de expedicionários e com a preocupação sobre a imagem que sociedade manterá deles.

As décadas que se seguiram ao conflito foram marcadas por grandes dificuldades para os veteranos, reforçando a importância das associações como um local não só de apoio jurídico, mas auto-valorização e formação de uma identidade coletiva que pudesse ser apresentada a sociedade. Aliás, sugiro dizer que para alguns veteranos apenas dentro das associações, entre os indivíduos que compartilharam as mesmas experiências, é que eles se sentiam compreendidos, aceitos e reconhecidos como indivíduos importantes para a história nacional.

Embora hoje exista um amparo legal mais efetivo, especialmente âmbito pecuniário, ainda há um forte sentimento de abandono e esquecimento quanto ao papel da FEB na história nacional. Segundo o presidente da seção baiana da ANVFEB, Raul Carlos dos Santos, Salvador é a única capital estadual que não possui um monumento aos veteranos.

Assim, um passado recente de descaso e esquecimento por parte da sociedade são evocados facilmente:

Foi uma ingratidão com nossos heróis, com aqueles que deram tudo pela nação! Todos foram ingratos, o governo, os empresários, o povo, todos se esqueceram de nós! [...] Em seis meses nos esqueceram, já não existiam mais heróis.³⁵⁰

Os sentimentos de ingratidão, revolta e abandono são comuns entre muitos veteranos. A demora em conseguir benefícios e assistências do governo federal e do exército talvez sejam as principais causas para estas reações, mas podemos sugerir

³⁴⁹ Sd. Vicente Alves do Nascimento. Op. Cit.

³⁵⁰ Sgt. Rubens Leite de Andrade. Op. Cit., pp. 345.

outra. O Brasil não possui tradição de envolvimento em conflitos internacionais e quando o faz são pequenos contingentes, logo essas experiências são pouco difundidas entre a população, ficando praticamente restritas aos meios militares e dos familiares dos soldados expedicionários.

Nos últimos dez anos o segmento acadêmico passou a dar atenção aos veteranos. O amadurecimento da história oral e o a difusão de programas de pós-graduação no âmbito da história social, especialmente, abriram espaço para pesquisas com foco nos militares, aliás, o próprio distanciamento dos acontecimentos relativos à última ditadura facilitaram este processo. Como atenta Jose Murilo de Carvalho, há em muitos segmentos das Forças Armadas Brasileiras hoje uma forte tentativa de aproximação da sociedade civil, uma maior profissionalização e desejo de cumprir seu papel constitucional³⁵¹.

A Segunda Guerra constituiu-se num fato histórico que ainda gera grandes interrogações, por mais que tenhamos um volume de periódicos, resenhas, teses as dúvidas, ou melhor, o fascínio sobre o tema ainda é muito forte. É um evento catastrófico, que tem peso na adjetivação que Hobsbawm dá ao século XX, mas é também um vento transformador, libertador, que pôs termo ao totalitarismo de ditadores genocidas.

A participação brasileira no conflito pode ter sido limitada, o Teatro de Operações que atuou pode ser visto com secundário e a própria unidade expedicionária pode não ter participado de nenhuma batalha decisiva para a vitória dos aliados. Mas durante os onze meses que durou a campanha, para cada praça e oficial, convocado ou voluntário, aquele *front* era seu *front*, onde sua vida estava em risco, assim como de seus companheiros, onde, consciente ou não seu futuro esta sendo mudado, onde seu destino vinculava-se a história do Brasil e da humanidade de uma forma que raros brasileiros experimentariam.

Missão cumprida!

³⁵¹ CARVALHO José Murilo. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005, pp. 195.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da História”. IN: PINSKY, Cala B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

AMBROSE, Stephen E. *O Dia D – 6 de Junho de 1944: A batalha culminante da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro, 2004.

ARAUJO, José Goes. *Bahia 1942: Um episódio da 2ª Guerra Mundial*. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1996.

CAMARGO, Aspásia e GÓES, Walder de. *Diálogo com Cordeiro de Farias: Meio Século de Combate*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001.

CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (orgs.) *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: FGV/Bom Texto, 2004

CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da Historia*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

CARTIER, Raymond. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil – Paris Match, 1967, Vol. I e II.

CARVALHO José Murilo. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.

CRITTENBERGER, Willis D. (Coor.) *Campanha ao Noroeste da Itália*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997.

CUNHA, Paulo Ribeiro da. *Um olhar à esquerda: A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

COGGIOLA, Osvaldo (Org.) *Segunda Guerra Mundial: Um Balanço Histórico*. São Paulo: Xamã / USP, 1995

FERRAZ, César A. *A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2000)*. USP, 2003(Tese de Doutorado).

FERREIRA, Marieta de Moraes e FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002

GRAHAM. Dominick. *Monte Cassino: Batalha de Nações*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HILTON, Stanley. *O Brasil e as Grandes Potencias – 1930-1939: Aspectos Políticos da Rivalidade Comercial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- _____. *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil-1939-1945: A Espionagem Alemã e a Contra-Espionagem Aliada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- _____. *Oswaldo Aranha: Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O Breve Século XX-1918-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- LANG, Alice Beatriz G. “História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta”. In: MEIHY, José Carlos Bom. *[Re]introduzindo a História Oral o Brasil*. São Paulo: Xamã/USP, 1996
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- _____. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 4ª Ed, 2001.
- LINS, Maria de Lourdes Ferreira. *A Força Expedicionária Brasileira: Uma Tentativa de Interpretação*. USP, 1975 (Dissertação de Mestrado).
- LIRA, Clarice Helena Santiago. *O Piauí em tempos de Segunda Guerra: Mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB*. UFPI, 2008. (Dissertação de Mestrado)
- LORIGA, Sabina. *A Experiência Militar*. In: LEVI, Giovanni e SCHMIT, Jean-Claude (Org.) *História dos Jovens: A Época Contemporânea*. São Paulo: Cia das Letras, V2, 1996.
- MACCANN, Frank. *Soldados da pátria: História do Exército Brasileiro (1889 – 1937)*. São Paulo: Cia das Letras, 2007
- _____. “A Força Expedicionária Brasileira na Campanha da Itália, 1944-1945”. In: SILVEIRA, Joel e MITKE, Tassilo. *A Luta dos Pracinhas: A FEB 50 anos depois – Uma Visão Crítica*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- MCNNIS, Edgar. *História da II Guerra Mundial – 1939 -1945*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1958, vol. I à V.
- MALVANO, Laura. “O Mito da Juventude Transmitido pela Imagem: o Fascismo Italiano”. In: LEVI, Giovanni e SCHMIT, Jean-Claude (Org.) *História dos Jovens: A Época Contemporânea*. São Paulo: Cia das Letras, V2, 1996.

SILVA, Marina Helena Chaves. *Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial*. UFBA, 2007. (tese de Doutorado)

MASON, David. *Salerno: Invasão da Itália*. Rio de Janeiro: Renes, 1977.

MAXIMIANO, César Campiani. *Trincheiras da memória: Brasileiros na campanha da Itália – 1944-1945*. USP, 2004 (Tese de Doutorado).

_____. *A Tarefa Rotineira de Matar*. In: Nossa Historia. Rio de Janeiro, Ano 2, nº 15, pp 26-29, Jan, 2005.

_____ e GONÇALVES, José. *Irmãos de Armas: Um Pelotão da FEB na II GUerra Mundial*. São Paulo: Códex, 2005.

MERON, Luciano B. *Noticias do Front: Correspondentes de guerra brasileiros na II Guerra Mundial*. Anais do III Encontro de Cultura & Memória – História: Cultura e sentimento. Recife-Pernambuco. CD-ROM

MERON, Luciano B. *E a cobra sambou: A II Guerra Mundial nos sambas*. (artigo apresentado no I Seminário de Estudos Sobre a FEB; UFRJ; 15/06/09).

MICHAUD, Eric. “Soldados de uma Idéia: os Jovens sob o Terceiro Reich”. In: LEVI, Giovanni e SCHMIT, Jean-Claude (Org.) *História dos Jovens: A Época Contemporânea*. São Paulo: Cia das Letras, V2, 1996

MONTENEGRO, Antonio T. *História Oral e Memória: A Cultura Popular Revisitada*. São Paulo: Contexto, 2003.

NETO, Ricardo B. *A Nossa Guerra: os Brasileiros em combate 1942-1945*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

OLIVEIRA, Dennison de. *Os soldados alemães de Vargas*. Curitiba: Juruá, 2008,

_____. “Poder militar e identidade de grupo na Segunda Guerra Mundial: A experiência histórica da psiquiatria militar brasileira”. In: *História: Questões & Debates*, Editora da UFPR, Curitiba, n. 35, 2001

PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. São Paulo: Autêntica, 2005, 2ª Ed.

POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento e silêncio”. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, Vol.2, n.3,1989.

RIBEIRO, Ronaldo. “Guerra Made In Brazil”. In: *National Geographic Brasil*, São Paulo, Ano 2, n 14, pp 42-51, Jun, 2001.

SAMPAIO, Consuelo N. *A Bahia na II Guerra Mundial*. Separata, Revista da Academia de Letras da Bahia, n 40, 1996, pp 135-156.

SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: A história dos afundamentos de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

SANTOS, Francisco Ruas. *Fontes para a História da FEB*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1950.

SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil Vai à Guerra: O Processo de Envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003.

SILVEIRA, Joel. *Segunda Guerra: Momentos Críticos*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um Soldado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo – 1930/1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: UNESP: Salvador: EDUFBA, 10ª Ed. 2001.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre História Oral e memórias”. In: ANTONACCI, Maria Antonieta. e PERELMUTTER, Daisy. *Ética e História Oral*. São Paulo: EDUC, Abril/1997, nº 15.

WAACK, William. *As Duas Faces da Glória: A FEB vista pelos se Aliados e Inimigos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

WALZER, Michael. *Guerras justas e injustas: Uma argumentação moral com exemplos históricos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Fontes

Entrevistas

a) Realizadas pelo autor

Raul Carlos dos Santos. Entrevistas concedidas a Luciano B. Meron. Salvador, 25/09/07; 29/09/07; 03/10/2007; 08/03/08 e 29/03/2008.

Vicente Alves do Nascimento. Entrevista concedida a Luciano B. Meron. Salvador, 25/05/08.

“X”. Entrevistas concedidas a Luciano B. Meron. Salvador, 25/04/08 e 29/04/08.

b) Realizadas pelo Exército

Abdias de Souza. História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (HOESGM). Tomo II. Entrevista realizada em 22/09/2000

Antonio Gonzales. HOESGM. Tomo III. Entrevista realizada em 29/05/2000.

Antônio dos Santos Silva. HOESGM. Tomo II. Entrevista realizada em 03/05/2001.

Ayrton Vianna Alves Guimarães. HOESGM. Tomo III. Entrevistado em 3/05/2001.

Daniel Lacerda. HOESGM. Tomo III. Entrevista realizada em 8/06/2000.

Francisco Pedro de Resende. Tomo I. Entrevista realizada em 23/05/2001.

Joaquim Carlos de Oliveira. HOESGM. Tomo III. Entrevista realizada em 18/05/2000.

José Bernardino de Souza. HOESGM. Tomo VII. Entrevista realizada em 11/07/2000.

José Alfio Piason. HOESGM. Tomo III. Entrevista realizada em 02/05/2001.

Moacyr Machado Barbosa. HOESGM. Tomo V. Entrevista realizada em 31/08/2000.

Oswaldo Matuk. HOESGM. Tomo III. Entrevista realizada em 23/05/2000.

Rubens Leite de Andrade. HOESGM. Tomo V. Entrevista realizada em 19/09/2000.

Silas de Aguiar Munguba. HOESGM. Tomo II. Entrevista realizada em 01/06/2000.

Vicente Gratagliano. HOESGM. Tomo III. Entrevista realizada em 12/09/2000.

Vicente Pedroso da Cruz. HOESGM. Tomo III. Entrevista realizada em 6/07/2000.

Narrativas pessoais

ARRUDA, Demócrito C. (Org.) *Depoimento de Oficiais da Reserva Sobre a FEB*. São Paulo: Ipê, 1949.

BRAGA, Rubem. *Crônicas da Guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1996.

BRAYNER, Floriano de L. *A Verdade Sobre a FEB: Memórias de um Chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BOUCSEIN, Heinrich. *Bombardeiros, caças guerrilheiros: Finale furioso na Itália – A história da 232ª Divisão de Infantaria, a última divisão alemã a ser deslocada para a Itália (1944-45)*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2002.

BRANCO, Manoel Thomaz C. *O Brasil na II grande guerra*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

FALCÃO, João. *O Brasil e a 2ª Guerra Mundial: Testemunho e Depoimento de um Soldado Convocado*. Brasília: UNB, 1999.

MORAES, João B. M. de *A FEB pelo seu Comandante*. São Paulo: Ipê, 1947.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em Surdina: Histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Brasiliense, 3ª Ed., 1995.

SILVEIRA, Joel. *O Inverno da Guerra: Jornalismo de Guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____ e MITKE, Tassilo. *A Luta dos Pracinhas: A FEB 50 anos depois – Uma Visão Crítica*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *Cruzes Brancas: Diário de um Pracinha*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997.

TAVARES, Eduardo Diogo (Org.). *Nós vimos a cobra fumar: Diário de um jovem tenente brasileiro na Itália durante a II Guerra Mundial*. Salvador: P&A Editora, 2005.

Documentos

Força Expedicionária Brasileira - Relatório Secreto. Volumes I, II e III – 1943-1945. Arquivo Histórico de Exército - AHEx. 1ª D.I.E. – Relatórios.

Relatório sumario das atividades do Serviço de Saúde da 1ª DIE, desde o desembarque na Itália do Escalão Avançado até a cessação das hostilidades – AHEx. Livro 151.

Documentos recebidos da 1ª Seção da FEB – AHEx, Pasta 27, Caixeta 25

Estudos e impressões sobre o inimigo - Arquivos da 2ª Seção – AHEx, Caixeta 25

Documentos recebidos da 1ª Seção da FEB – AHEx, Pasta 28, Caixeta 30

Documentos inimigos apreendidos – AHEx, Caixeta 30

Periódicos (acervo pessoal)

...E a cobra fumou. Tarquinia (Itália), Ano I, nº 1, 17 de agosto de 1944

...E a cobra fumou. Vada (Itália), Ano I, nº 3, 1 de setembro de 1944

...E a cobra fumou. Camaione (Itália), Ano I, nº 5, 12 de outubro de 1944

...E a cobra fumou. Riola di Vergato (Itália), Ano I, nº 7, 25 de novembro de 1944

...E a cobra fumou. Riola (Itália), Ano I, nº 10, 28 de fevereiro de 1945

...E a cobra fumou. Em plena ofensiva (Itália), Ano I, nº 1, 25 de abril de 1945

...E a cobra fumou. Voghera (Itália), Ano I, nº 14, 9 de junho de 1945

Anexos

TABELA 2

Sentenças

Posto ou graduação	Unidade	Prazo da sentença			Apelação ao CSJM		Crime
		Ano(s)	Mês(es)	Dia(s)	Confirmada	Reformada para	
Sd	Dep. Pes.	12	11	2	X		Roubo e extorsão
Sd		24		24	X		Idem
Sd		26			X		Idem
Sd		11		30	X		Idem
Sd			8		X		Resistência
Sd		11			X		Roubo
Sd		BS					Abslv.
Sd	3		4		X		Desacato e desobediência
Sd	11ºRI	6	6		X		Desobediência
Sd		1	6	20	X		Idem
Cb	1ºRI	1	6	20	X		Idem
Sd		2		5		1 a 4 meses	Idem
Sd	6ºRI		9	22	X		Deserção
Sd		1	9	10	X		Homicídio culposo
Sd		1	3	16		1 a 5 meses	Violência c/ superior
Sd		3			X		Deserção
Sd		1	8		X		Desobediência
Sd		2	1	10		4 meses	Insubordinação
Sd		Bia Cmdo	16	1	10	X	

Cb	AD	5	5	10	X		Crime sexual
Sd		5			X		idem
Sd	II/1ºRO Au R	2	10	20	X		Desobediência
Sd		2	8		X		Violência c/ superior
Sd		2			X		Tentativa de violência carnal
Sd		2			X		Idem
3º Sgt	Cia Mnt	1			X		Incêndio culposos
Sd	9ºBE	1	6		X		Furto
Sd		1	6		X		Idem
Sd		2	1	10	X		Abandono de posto
Sd	Cia QG	MORTE			X		Homicídio em presença do inimigo
Sd		MORTE			X		
Sd	Cia I	1	5	10	X		Abandono de posto
1º Ten R2		1	8		X		Homicídio culposos

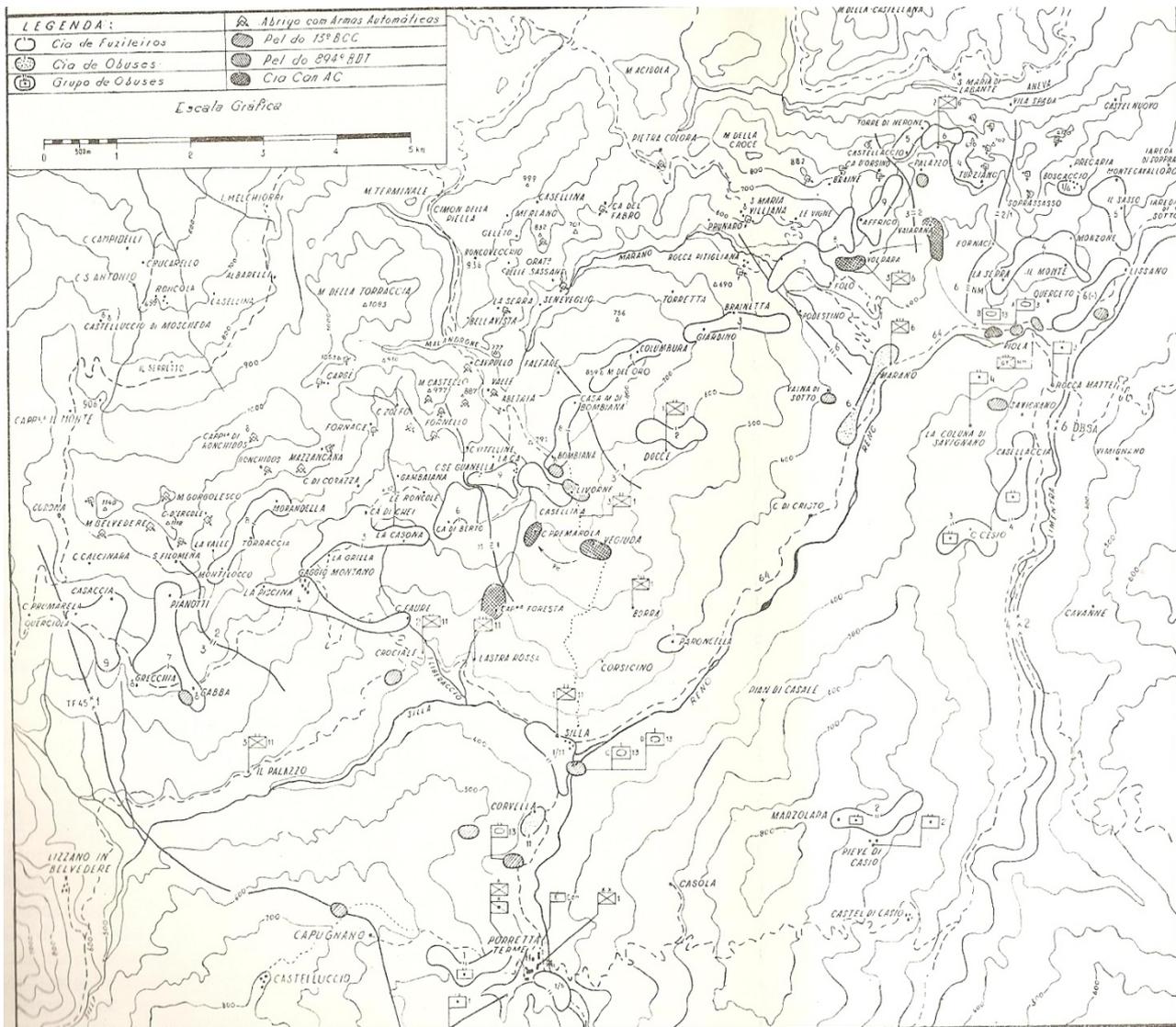
FONTE: BRANCO. *op.cit.*pp.339

Mapas



Gentilmente cedido por Julio Cezar Fidalgo Zary

Distribuição das unidades engajadas nos combates do segundo semestre de 1944 nos Apeninos, Norte da Itália.



BRANCO. Op. Cit. pp. 278.

Disposição da FEB durante o inverno de 1944 até meados de fevereiro de 1945, quando as operações defensivas predominaram.